

JUSSARA MARIA HABEL

**"DAS BÖHMISCHE DEUTSCH": PERDA E COINEIZAÇÃO DE VARIANTES DO
ALEMÃO DE IMIGRANTES BOÊMIOS NO RIO GRANDE DO SUL**

**PORTO ALEGRE
2017**



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGÜÍSTICA**

"DAS BÖHMISCHE DEUTSCH": PERDA E COINEIZAÇÃO DE VARIANTES DO
ALEMÃO DE IMIGRANTES BOÊMIOS NO RIO GRANDE DO SUL

JUSSARA MARIA HABEL

ORIENTADOR: PROF. DR. CLÉO VILSON ALTENHOFEN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem, linha de pesquisa de Sociolinguística.

PORTO ALEGRE
2017

CIP - Catalogação na Publicação

Habel, Jussara Maria

"DAS BÖHMISCHE DEUTSCH": PERDA E COINEIZAÇÃO DE
VARIANTES DO ALEMÃO DE IMIGRANTES BOÊMIOS NO RIO
GRANDE DO SUL / Jussara Maria Habel. -- 2017.
156 f.

Orientador: Cléo Vilson Altenhofen.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Imigração dos boêmios. 2. Língua de imigração
alemã. 3. Variação e contatos linguísticos. 4.
Hunsrückisch. 5. Coineização. I. Altenhofen, Cléo
Vilson, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os
dados fornecidos pela autora.

JUSSARA MARIA HABEL

**"DAS BÖHMISCHE DEUTSCH": PERDA E COINEIZAÇÃO DE VARIANTES DO
ALEMÃO DE IMIGRANTES BOÊMIOS NO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem, linha de pesquisa de Sociolinguística.

ORIENTADOR:
PROF. DR. CLÉO VILSON ALTENHOFEN

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Elisa Battisti
(Professora da UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Svenja Brünger
(Professora e Leitora do DAAD – UFRGS)

Prof. Dr. Joachim Steffen
(Professor da USP)

PORTO ALEGRE
2017

AGRADECIMENTOS

À CAPES pelo apoio financeiro,

Ao Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen pelo conhecimento compartilhado e pela dedicação ao conduzir a orientação deste trabalho de Mestrado,

Aos professores do PPG-Letras da UFRGS, que contribuíram para a produção deste trabalho e de artigos acadêmicos,

Ao DAAD (*Deutscher Akademischer Austauschdienst*) por ter financiado a minha viagem à Alemanha e por ter possibilitado parte das minhas pesquisas na FAU (*Friedrich Alexander Universität, Erlangen-Nürnberg*),

Aos professores Dr. Sebastian Kürschner e Dra. Mechthild Habermann e funcionários da Universidade Friedrich-Alexander (FAU) de *Erlangen-Nürnberg*, Alemanha, pela orientação e acolhida,

Ao prof. Dr. Armin R. Bachmann pelos dados linguísticos disponibilizados,

Aos informantes da pesquisa pela disponibilidade e pelos conhecimentos compartilhados,

Aos colegas de disciplinas cursadas pelos debates e descobertas compartilhadas,

À Luana Cyntia dos Santos Souza pelas discussões sobre Sociolinguística e pelo incentivo em todas os momentos do Mestrado,

Aos colegas e amigos do Projeto ALMA-H pelo companheirismo e pelas trocas de conhecimento,

Aos meus amigos e amigas pelo carinho e compreensão,

A todas as pessoas que contribuíram de forma direta ou indireta para a realização deste trabalho de Mestrado,

MUITO OBRIGADA!
DANKE SCHEEN!
DANKE SCHÖN!

*„Das zackern, dass weer jo ein Verknigen,
wenn tet kein Stamm unn Steine liegen,
/: dann weer des einfach unn ganz scheen,
ma breicht sich nicht mehr so zu quehlen (quälen) :/*

*Unn wollen die Ochsen nicht parieren,
dann darf man nicht die Lust gleich verlieren,
/: man setzt sich einfach ruhig hinn
unn denk wie kann denn so was sinn :/*

*Hab ich den ganzen Tag geschafft,
von frih bis in die halwe Nacht,
/: dann geh ich schnell in die Kich,
unn mache een Chimarrão fir mich“ :/*

Zackerlied em Hunsrückisch
(cantado por CbGII-m2)

RESUMO

A presente pesquisa ocupa-se com a variação do alemão falado por descendentes de imigrantes boêmios na comunidade de Linha Brasil, autodenominada ‘*Eestreich*’ (Hdt: *Österreich*), em Paverama, no Rio Grande do Sul (RS), Brasil. Esse grupo de imigrantes instalou-se na localidade por volta de 1873, em uma área em que já estavam hunsriqueanos (*Hunsrückisch*) e outros grupos. O conceito de *boêmio* refere-se à matriz de partida dos imigrantes alemães na Boêmia (parte da atual República Tcheca), que na época da emigração pertencia ao antigo Império Austro-Húngaro (1867-1918). No Brasil estes imigrantes entraram em contato não somente com o português, mas também com outras variedades do alemão, em especial com o *Hunsrückisch* falado na comunidade vizinha de Santa Manoela (autodenominada de ‘*Russland*’) e demais comunidades do entorno. O objetivo central deste estudo é identificar como se formou o alemão falado pelos boêmios. Para isso, consideram-se os contatos linguísticos presentes na comunidade, entre as variedades da matriz de origem (possivelmente a norma local do *Hochdeutsch* e uma variedade dialetal de uso familiar) e as variedades do novo meio, especialmente o português e o hunsriqueano como coíné dominante. Assim sendo, este estudo envolve os seguintes objetivos específicos: 1) descrever as marcas linguísticas associadas à variedade dos imigrantes boêmios na sua comparação com a variedade da coíné hunsriqueana; 2) verificar o grau de presença de marcas mais dialetais do boêmio nos diferentes segmentos sociais (dimensão diastrática e dimensão diageracional), identificando os fatores sociais que atuam na conservação ou perda dessas marcas; e 3) analisar a percepção dos falantes e o significado social dessas marcas no contato com as demais variedades (dimensão diarreferencial). Para analisar a variação e configuração linguística do alemão falado pelo grupo boêmio, este estudo se orienta pelos pressupostos teórico-metodológicos da Dialectologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998), como vem sendo praticada pelo projeto ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*), coordenado por C. Altenhofen (UFRGS) e H. Thun (Univ. Kiel, Alemanha). Essa perspectiva busca confrontar os dados da variação linguística da língua-objeto da pesquisa (o “alemão dos boêmios”) em diferentes dimensões de análise. Na dimensão diatópico-cinética considera-se a variação da língua entre a matriz de origem (*Böhmen*) e a área geográfica atual (RS), onde os imigrantes se fixaram em 1873. A dimensão diageracional se foca na variação entre a geração mais velha (GII) e a mais jovem (GI). Por fim, na dimensão diastrática analisa-se o papel da escolaridade, contrastando os dados da Ca (com a escolaridade superior) e da Cb (até segundo grau). Para a coleta de dados foi utilizado um questionário reduzido, a partir do questionário-base do Projeto ALMA-H, e adaptado no sentido de selecionar variáveis relevantes para atingir os objetivos deste estudo. Deste modo, foram realizadas entrevistas e observações de campo com quatro grupos de informantes (CaGII, CbGII, CaGI e CbGI) em Linha Brasil (como núcleo boêmio) e em Santa Manoela (como ponto de comparação hunsriqueano), a fim de identificar as marcas distintivas do boêmio e sua correlação (perda ou manutenção) conforme as diferentes dimensões de análise. Os resultados confirmam a hipótese de que estes imigrantes boêmios vieram com uma diglossia, em que usavam uma variedade [+dialetal] para as relações informais e uma variedade [+standard] do *Hochdeutsch* para funções formais, mas também confirmam um forte processo de coineização que levou os boêmios a acomodarem sua fala à coíné do *Hunsrückisch*. No entanto, algumas formas basiletais da matriz de origem (*Böhmen*) resistiram a esse processo, embora sobrevivam predominantemente como conhecimento passivo, especialmente de falantes da geração mais velha (GII). Por outro lado, a geração jovem (GI) ainda possui o conhecimento ativo

do hunsriqueano, contudo tende a substituir cada vez mais esta variedade de imigração pelo frequente uso do português.

PALAVRAS-CHAVE: Língua de imigração alemã. Variação e contatos linguísticos. Imigração dos boêmios. *Hunsrückisch*. Coineização.

ZUSAMMENFASSUNG

Die vorliegende Untersuchung befasst sich mit der Variation des gesprochenen Deutsch von Nachfahren böhmischer Einwanderer in der Gemeinde von Linha Brasil in Paverama, Rio Grande do Sul, Südbrasilien, auch *Eestreich* (vgl. Hdt. *Österreich*) von der lokalen Bevölkerung genannt. Diese Gruppe von Einwanderern siedelte sich um 1873 in der Gegend an, und zwar in einem Gebiet, in dem bereits Hunsrücker sowie auch andere Gruppen angesiedelt waren. Als Böhmer bezeichnet man im Folgenden eine Gruppe deutschsprachiger Einwanderer, die aus der Ausgangsmatrix Böhmen stammt, das heute ein Teil der Tschechischen Republik ist, zum Zeitpunkt der Auswanderung aber zur ehemaligen Österreichisch-Ungarischen Monarchie gehörte (1867-1918). In Brasilien kamen diese Immigranten nicht nur in Kontakt mit dem Portugiesischen, sondern auch mit anderen deutschen Varietäten, besonders mit dem Hunsrückischen in der Nachbarsiedlung Santa Manoela (auf Deutsch auch *Russland* genannt). Das zentrale Ziel dieser Studie besteht darin, die Konstitution und Merkmale der deutschen Varietät dieser böhmischen Einwanderergruppe im Kontakt mit dem Hunsrückischen als dominierende Koine und dem Portugiesischen als Amtssprache Brasiliens zu erkennen. Diese Sprachkontakte spielen eine zentrale Rolle in der Dynamik der Variation; sie werden in einem Sprachkontinuum zwischen standardsprachlichen Merkmalen und dem Substandard beschrieben. Es wird daher insbesondere **1.** nach linguistischen Merkmalen gesucht, die mit dem ursprünglichen Repertoire der böhmischen Einwanderer verbunden sind. Man geht hinsichtlich dieses Repertoires von einer Diglossie aus, zwischen der Standardnorm für schriftliche und formelle Funktionen und einer basilektalen Varietät für die familiären und informellen Funktionen. **2.** Hinsichtlich der Weiterentwicklung des Deutschen bei dieser böhmischen Gruppe werden ergänzend die Folgen des Kontakts mit der Hunsrückischen Koine beschrieben. **3.** Durch den Vergleich mit dieser Koine wird der Grad der Präsenz von böhmischen Dialektmerkmalen in den verschiedenen sozialen Segmenten (diastratische und diagenationelle Dimension) genauer erschlossen, sowie auch die sozialen Faktoren, die diese Entwicklung beeinflussen. Zum Schluss werden zur Kontrolle perzeptuelle Aspekte der Kennzeichnung der böhmischen Varietät im Kontakt zwischen den Sprechern beider Sprachgemeinschaften erfasst (diarreferentielle Dimension). Um die gesprochene Variation und sprachliche Gestaltung des Deutschen der böhmischen Gruppe zu analysieren, orientiert sich die vorliegende Untersuchung an den theoretischen und methodischen Prinzipien der pluridimensionalen und relationalen Dialektologie (THUN, 1998), wie im ALMA-H Projekt (Sprachkontaktatlas der deutschen Minderheiten im La Plata-Becken: Hunsrückisch, koordiniert von C. Altenhofen / UFRGS und H. Thun / Universität Kiel) durchgeführt. Diese Perspektive versucht die Daten der sprachlichen Variation der Forschungsobjektsprache („deutschböhmische Varietät“) in verschiedenen Dimensionen der Analyse zu konfrontieren. Die diatopisch-kinetische Dimension enthält die Variation der Sprache zwischen der Ursprungsmatrix (Böhmen) und dem heutigen geographischen Gebiet (Brasilien), in der sich Einwanderer im Jahre 1873 niederließen. Die diagenationelle Dimension konzentriert sich auf die Variation zwischen der älteren Generation (GII) und der jüngeren Generation (GI). Schließlich wird in der diastratischen Dimension auf der Basis kontrastierender Daten von Ca (mit Hochschulbildung) und Cb (bis zur Sekundarschule) die Rolle der Schulbildung näher präzisiert. Für die Datenerhebungen wurde ein Fragebogen verwendet, der auf dem Fragebogen des ALMA-H basiert und ausgewählte Variablen spezifisch für die Ziele der Untersuchung umfasst. Es wurden insofern Interviews mit vier Gruppen von Informanten durchgeführt

(CaGII, CbGII, CaGI und CbGI), vier in Linha Brasil (als böhmischer Ort) und vier in Santa Manoela (als Hunsrückisches Vergleichsort). Dabei wurden nur wenige böhmische Merkmale erkannt und mit den verschiedenen Dimensionen korreliert. Die Ergebnisse bestätigen die Hypothese, dass diese böhmischen Migranten zwar mit einer Diglossie kamen, in dem sie eine Varietät [+dialektal] für informelle Beziehungen und eine Varietät des Standarddeutschen [+Standard] für formale Funktionen verwendet haben, aber nach fast 145 Jahren einen starken Koineizierungsprozess nachweisen, durch den diese Einwanderer ihr Deutsch an die hunsrückische Koine angepasst haben und praktisch durch sie ersetzt haben. Es überleben lediglich vereinzelte basilektale Formen der Ursprungsmatrix (Böhmen), obwohl überwiegend als passive Kenntnisse (die nur zum Teil in Erinnerung kommen) und fast ausschließlich in der älteren Generation (CbGII). Dieser Verlust verschärft sich im Gegensatz dazu immer mehr bei Sprechern der jüngeren Generation (GI), die zunehmend zur Hunsrückischen Varietät übergeht, sowie auch des Portugiesischen als herrschende Amtssprache.

SCHLÜSSELWÖRTER: Deutsche Einwanderungssprache. Variation und Sprachkontakte. Böhmische Einwanderer. Hunsrückisch. Koineisierung.

ABSTRACT

The current research investigates the variation of the German language spoken by descendants of Bohemian immigrants in the community of Linha Brasil, self-named '*Eestreich*' (standard German: *Österreich*), in Paverama, Rio Grande do Sul (RS), Brazil. This group of immigrants settled in the locality around 1873, in an area in which there were already Hunsrückisch speakers and other groups. The concept of Bohemian refers to the starting matrix of German immigrants in Bohemia (part of the present Czech Republic), which at the time of emigration belonged to the former Austro-Hungarian Empire (1867-1918). In Brazil, these immigrants had contact not only with Portuguese, but also with other varieties of German, especially the Hunsrückisch, spoken in the neighboring community of Santa Manoela (self-named '*Russland*') and other surrounding communities. The main purpose of this study is to identify the German spoken by Bohemian immigrants, considering all the linguistic contacts present in this community. There are language varieties from the matrix of origin, possibly the local standard German and a dialectal variety of family use, besides the varieties of the new environment, especially the Portuguese and the Hunsrückisch as dominant koine. Therefore, this study involves the following specific objectives: 1) to describe the linguistic marks associated with the variety of Bohemian immigrants, comparing them with the variety of the Hunsrückisch's koine; 2) to verify the presence the degree of more dialectal Bohemian marks in the different social segments (diastatic dimension and diagenational dimension), identifying the factors that contributed for conserving or losing these marks; and 3) to analyze the perception and social meaning of these marks by the speakers, in the contact with the other varieties (diareferential dimension). To analyze the variation and linguistic configuration of German spoken by the Bohemian group, the study is guided by the theoretical and methodological principles of Pluridimensional and Relational Dialectology (THUN, 1998), as it has been practiced by the ALMA-H project (Linguistic Contact Atlas of German Minorities in Río de La Plata Basin: Hunsrückisch), coordinated by C. Altenhofen (UFRGS) and H. Thun (University of Kiel, Germany). This perspective tries to confront the data of the linguistic variation of the research-object language (the "Bohemian German dialect") in different dimensions of analysis. The variation of the language between the origin matrix (Böhmen/Bohemia) and the current geographical area (Brazil) is considered under the diatopic-kinetic dimension, where immigrants settled in 1873. The diagenational dimension focuses on the variation between the older generation (GII) and the younger generation (GI). Ultimately, in the diastatic dimension, the sholarity role is analyzed by comparing the data from Ca (from secondary school to university) against the Cb (from the illiterate to those who finished nine years of school). For data collection, a reduced questionnaire was used based on the ALMA-H questionnaire and adapted to select relevant variables to achieve the purposes of this study. Thus, interviews and field observations were carried out with four informants groups (CaGII, CbGII, CaGI e CbGI) in Linha Brasil (as a bohemian nucleus) and in Santa Manoela (as a point of Hunsrückisch comparison) in order to identify the distinctive marks of the Bohemian and their correlation (loss or maintenance) according to the different dimensions of analysis. The results confirm the hypothesis that these Bohemian immigrants came with a diglossia, in which they used a variety [+ dialect] for informal relationships and a variety [+ standard] of the standard German for formal functions. They also confirm a strong koineisation process that led the Bohemians to accommodate their speech to the Hunsrückisch's koine. However, some basilect forms of the origin matrix (Bohemia) resisted this process,

although they survive predominantly as passive knowledge, especially of speakers of the older generation (GII). On the other hand, although the young generation (GI) still has the active knowledge of the Hunsrückisch, they tend to replace this variety of immigration more and more by the frequent use of Portuguese.

KEY WORDS: German immigration language. Variation and linguistic contacts. Bohemian immigration. Hunsrückisch.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 e 2: Inscrições em lápides	21
Figura 3: Imagem aérea do Centro urbanizado de Paverama, RS.	37
Figura 4: Organização dos dados.....	70
Figura 5: Possíveis respostas espontâneas adquiridas em três variedades.	72

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Mapa da Boêmia com a área dos Sudetos.	28
Mapa 2: Cidades de <i>Reichenberg</i> e <i>Gablonz an der Neiße</i> , região norte da Boêmia.....	31
Mapa 3: Mapa do RS com a região do Vale do Taquari	36
Mapa 4: Mapa das territorialidades linguísticas de Paverama	41

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: População total de Reichenberg.	33
Tabela 2: A porcentagem populacional da Boêmia, Morávia e Silésia conforme a confissão religiosa entre os anos de 1846 – 1910.....	39
Tabela 3: Ano de nascimento dos informantes.....	66

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cidades do norte da Boêmia.....	30
Quadro 2: Contínuo <i>standard-substandard</i>	47
Quadro 3: Contínuo do <i>standard-substandard</i> do basileto do boêmio e do hunsriqueano.	48
Quadro 4: O complexo variacional das línguas na fronteira do Uruguai com o Brasil.....	54
Quadro 5: Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H.....	60
Quadro 6: Dimensões de análise adaptadas para esta pesquisa.....	63
Quadro 7: Seleção dos informantes, seguindo os critérios do ALMA-H.....	65
Quadro 8: Línguas utilizadas pelos informantes.....	67
Quadro 9: Símbolos para a grafia das vogais.....	74
Quadro 10: Símbolos para a grafia das consoantes.....	75
Quadro 11: Variantes mais dialetais [+boêmio].....	77
Quadro 12: Presença de marcas [+boêmio]: respostas espontâneas.....	78
Quadro 13: Lista de verbos com terminação /-en/.....	81
Quadro 14: Presença de marcas [+standard]: respostas espontâneas.....	86
Quadro 15: Variantes mais [+standard].....	89
Quadro 16: Presença de marcas [+Hrs]: respostas espontâneas.....	96
Quadro 17: Representações do contínuo linguístico no complexo variacional do alemão falado pelos boêmios.....	97
Quadro 18: Variantes mais coineizadas [+Hrs].....	98

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ADDU: Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai

ALGR-S: *Atlas Linguístico Guaraní-Románico. Sociología.*

ALMA-H: Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata:
Hunsrückisch

al.: Alemão

Bo: Boêmios

Ca: classe socioculturalmente alta

Cap: capítulo

Cb: classe socioculturalmente baixa

Cf.: conforme

E: entrevistadora

f: feminino

Fig: figura

GII: geração mais velha, acima de 55 anos de idade

GI: geração mais jovens, de 18 anos a 36 anos de idade

Hdt: *Hochdeutsch*

Hrs: *Hunsrückisch* (hunsriqueano)

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

m: masculino

Pt: Português

PUCRS: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

RS: Rio Grande do Sul

UFRGS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

RESUMO	VII
ZUSAMMENFASSUNG	IX
ABSTRACT	XI
LISTA DE FIGURAS	XIII
LISTA DE MAPAS	XIII
LISTA DE TABELAS	XIII
LISTA DE QUADROS	XIV
LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS	XV
INTRODUÇÃO.....	18
CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO.....	27
1.1 A região da Boêmia: matriz de origem	27
1.1.1 A região norte da Boêmia (<i>Nordböhmen</i>)	29
1.1.2 Antes <i>Reichenberg</i> , agora <i>Liberec</i>	31
1.1.3 Antes <i>Gablonz an der Neiße</i> , agora <i>Jablonec nad Nisou</i>	33
1.2 Área em estudo no Vale do Taquari: Paverama.....	36
1.3 O imigrante boêmio no Brasil.....	42
CAPÍTULO 2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	44
2.1 Caracterização do objeto de estudo: dialeto e/ou língua (de imigração)	45
2.2 Variação linguística no contínuo <i>standard-substandard</i>	47
2.3 Diglossia e bilinguismo	49
2.4 Topodinâmica da língua de imigração: migrações e contatos linguísticos.....	51
2.5 Resultado dos Contatos Linguísticos	53
2.5.1 Língua como “complexo variacional”	53
2.5.2 Coineização	55
2.5.3 Alternância no discurso bilíngue: <i>code switching</i> e <i>code mixing</i>	57
2.5.4 Transferência linguística	58
2.6 Pluridimensionalidade da variação linguística	59

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	62
3.1 Reflexões prévias	62
3.2 Dimensões de análise da variação linguística em foco	63
3.3 O perfil dos informantes	65
3.4 Procedimentos de coleta dos dados	68
3.5 Organização e tipos de dados do corpus	69
3.6 Análise dos dados	71
CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS	77
4.1 Grau de dialetalidade	77
4.2 Grau de estandardização	86
4.3 Grau de coineização	95
4.4 Variação do alemão dos boêmios na fala mais espontânea	103
4.5 Percepção linguística dos falantes	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	125
ANEXO I.....	131
ANEXO II	133

INTRODUÇÃO

A presente Dissertação¹ situa-se no âmbito dos estudos de plurilinguismo, variação e contatos de línguas de imigração. Seu objeto de estudo é o alemão falado por uma comunidade brasileira de descendentes de imigrantes boêmios (*Böhmisch*) em contato com a variedade do *Hunsrückisch* (Pt.: hunsriqueano), dominante em seu entorno, bem como com o *Hochdeutsch* local² e a variedade do português local (Pt.), esta como língua oficial majoritária³. O conceito de *boêmio* remete à matriz de partida dos imigrantes na Boêmia (parte da atual República Tcheca), que na época da emigração pertencia ao antigo Reino Austro-Húngaro (1867-1918). Por outro lado, a variedade hunsriqueana é definida por Altenhofen (1996, p. 27) como:

“Hunsrückisch ist der Oberbegriff für eine überregionale Varietät des Deutschen in Rio Grande do Sul / Südbrasilien, die ein Dialektkontinuum darstellt, dessen sprachliche Konstitution auf eine rhein-/moselfränkische Basis zurückgeht und eine Vielfalt sprachkontaktbedingter Elemente anderer deutscher Dialekte sowie insbesondere solche des Portugiesischen einschließt“.⁴

Tem-se, portanto, um processo de contatos linguísticos e de plurilinguismo no Brasil que tem por foco uma variedade linguística do centro-leste europeu, chamada aqui, provisoriamente, de “alemão dos boêmios”, em virtude do percurso migratório

¹ A Dissertação dará continuidade aos estudos iniciados no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Fundamentos para o estudo das línguas dos imigrantes Boêmios no Brasil” (HABEL, 2014), defendido em 2014/2, sob orientação do Prof. Dr. Cléo V. Altenhofen.

² O *Hochdeutsch* local é a forma falada mais *standard* em relação ao dialeto alemão, o hunsriqueano. Esta forma mais *standard* nem sempre foi aprendida na escola. Alguns informantes relatam que aprenderam a leitura e escrita do alemão em casa com os pais.

³ A influência da língua portuguesa será considerada em segundo plano neste estudo, tendo em vista o foco principal residir no processo de coineização e (des)dialetalização entre as variedades do alemão (Contato intervietal).

⁴ Tradução nossa do original: Uma variedade supra-regional do alemão falado no Rio Grande do Sul / sul do Brasil, que tem por base um contínuo dialetal formado essencialmente pelo francônio-renano e pelo francônio-moselano, originários de áreas situadas na Renânia Central, à qual se incorporaram elementos específicos do contato linguístico com outras variedades alemãs e a língua portuguesa (ALTENHOFEN, 1996, p. 27).

(ALTENHOFEN & THUN, 2016) entre a matriz de origem dos primeiros imigrantes, na Boêmia, e o Rio Grande do Sul (RS), mais especificamente, na comunidade de Linha Brasil (Paverama⁵), e a variedade de contato, o *Hunsrückisch*, na comunidade de Santa Manoela. Estes dois pontos de pesquisa serão o foco principal deste trabalho. Coloca-se a pergunta sobre: a) o que é esse alemão falado hoje, nessas localidades, considerando que não coincide com o repertório trazido pelos imigrantes; b) Quais os seus elementos ou características linguísticas constituintes? c) Quais fatores atuaram na constituição desse alemão? Qual o papel do contato com a coíné já constituída do hunsriqueano, que já era falada na região, quando esses imigrantes chegaram? d) Em que medida se mantém marcas originais? Portanto, o foco central dessa Dissertação é a variação e o papel dos contatos linguísticos no alemão boêmio falado atualmente.

A história das migrações dos boêmios iniciou-se na Europa em meados do século XII e se estendeu até meados do século XVII (BAUER, 1907). Muitos migrantes eram agricultores alemães (a maioria bávaros) que partiram para a Região da Boêmia em busca de novas terras e se estabeleceram nas áreas fronteiriças (Sudetos), fundando o comércio e aldeias alemãs livres. Esta origem geográfica (topodinâmica, cf. THUN, 1996), ao lado de uma possível origem linguística de base dialetal bávara, justifica a sobreposição do conceito *boêmio* com correlatos como *austríaco*, *tcheco*, *bávaro* e mesmo *bucovino*⁶, os quais precisam ser levados em consideração na elaboração de estudos que busquem a completude do grupo em território brasileiro. Somam-se a essa diferenciação interna das línguas de imigração uma série de contatos linguísticos com falantes de outras variedades residentes no Brasil, como já mencionado acima.

A chegada dos imigrantes boêmios ao Sul do Brasil, em especial para o Vale do Taquari, se deu a partir da segunda metade do século XIX, quando grupos de imigrantes

⁵ Cidade de origem da autora deste trabalho. A principal motivação para iniciar os estudos com a língua de imigração dos boêmios foi o convívio com este grupo e as dúvidas e/ou curiosidades sobre a língua “diferente” que fazia parte do repertório destes falantes, mas que era compreensível para a minha variedade linguística, o hunsriqueano (*Hunsrückisch*). O fato de ter tido uma língua de imigração como língua materna implica tentar entender melhor a dinâmica dos contatos linguísticos e em fortalecer as pesquisas linguísticas em prol da memória histórica que também dialoga com o resgate deste patrimônio cultural e imaterial.

⁶ Os bucovinos, assim como os boêmios, também são originários da Baviera, Sul da Alemanha. Inicialmente migraram para a Boêmia, mas em consequência da escassez de terras seguiram até a Bucovina (atualmente Romênia e parte da Ucrânia). Por fim, o grupo foi afetado pela débil industrialização e se deslocaram, por volta de 1887, para o Paraná, Sul do Brasil (PROTHERO, 1920; CELESTINO, 2002).

alemães já estavam instalados nas chamadas colônias velhas⁷, as quais surgiram com o deslocamento da primeira leva de imigrantes que deixou São Leopoldo, RS, em busca de mais terras. Historiadores locais (LANG, 1995; SCHIERHOLT, 2002) apontam que o processo de ocupação dos boêmios se iniciou em 1873 a partir da Picada Hermann (hoje conhecida por Linha Germana Fundos, Teutônia/RS). Inicialmente, apenas quatro famílias formavam a colônia de “austríacos”⁸. Em seguida, com a chegada de mais imigrantes boêmios, estes foram se instalando na Picada *Neu Österreich* (Nova Áustria, hoje conhecida por Linha Brasil, Paverama/RS).

Com base na toponímia local, em alemão *Eesterreich* ‘Österreich’ (em português ‘Linha Brasil’) e *Russland* (em português ‘Santa Manoela’), bem como também nas observações de inscrições em cemitérios locais (cf. fig. 1 e fig. 2), a área original ocupada pelos boêmios forma uma territorialidade própria (v. ALTENHOFEN, 2014). Embora exista a autodenominação de “austríacos” (*Eestreicher*, como são conhecidos localmente), a comunidade foi fundada de fato por imigrantes provenientes da região da Boêmia. A autodenominação de *Eestreicher* também ocorreu entre os grupos migrantes de bucovinos e de boêmios que se fixaram no Kansas, Estados Unidos, conforme afirma Lunte (2006, p. 238). A origem comum dos imigrantes (norte da Boêmia) não significa, contudo, que a língua ainda seja a mesma falada atualmente em território brasileiro.

⁷ As Colônias Velhas foram colonizadas a partir de 1824 e as Colônias Novas a partir de 1890 (ALTENHOFEN, 1996).

⁸ Os imigrantes boêmios também são conhecidos localmente por *austríacos*, e muitas vezes se identificam como tal, devido o pertencimento da Boêmia ao antigo Reino Austro-húngaro.

Figura 1 e 2: Inscrições em lápides



Linha Brasil (hrs. Eestreich): “Hier ruhet in Frieden Wenzel Reckziegel. Geboren 27. April 1827 zu Johannesberg bei Gablons in Böhmen. Gestorben 26. Juni 1918”.⁹



Linha Brasil (hrs. Eestreich): “Hier ruht Franz Nirich geb. d. 10 Juli 1840 in Johannesberg Regir. Oesterreich ge. d. 26 Juli 1926”.¹⁰

Nos dois cemitérios existentes na comunidade, foi possível encontrar algumas informações relevantes (nome, data de nascimento/falecimento e cidade de origem) para prosseguir com a pesquisa, como as demonstradas nas figuras acima. No entanto, existem muitas lápides com inscrições em alemão *standard* quase apagadas e ilegíveis devido à ação do tempo e, também, da falta de preservação deste patrimônio histórico e cultural. Por falta de (re)conhecimento, ou talvez pela praticidade em manter os túmulos limpos, ocorre a substituição deste patrimônio local pelo mais moderno, ou seja, pelas pedras em granito. Com esta **problemática** observada em campo, se percebe a perda dos registros que estão em alemão *standard* nestas lápides mais antigas, o que deveria ser preservado através do ensinamento da história local e cultural para os mais jovens, principalmente para as crianças.

Apesar dos registros em lápides sobre a origem de muitas famílias, não há informações claras na memória dos informantes sobre a origem de seus antepassados (de onde vieram) e a língua que os moradores locais destas comunidades falavam ou ainda

⁹ Imagens do acervo pessoal. Tradução nossa: Aqui descansa em paz Wenzel Reckziegel. Nascido em 27 de abril de 1827 em *Johannesberg, Gablons*, região de *Böhmen* ‘Boêmia’. Falecido em 26 de junho de 1918.

¹⁰ Imagens do acervo pessoal. Tradução nossa: Aqui descansa Franz Nirich, nascido em 10 de julho de 1840 em *Johannesberg*, governo de *Oesterreich*, falecido em 26 de julho de 1926.

falam. A isto se soma a falta de clareza sobre o que constitui (ou constituiu) sua variedade de fala alemã, ou seja, de como os boêmios “costumam falar alemão”. Uma hipótese é que marcas linguísticas, tanto de um basileto original quanto do alemão *standard*, tenham migrado e, em partes, resistido ao longo dos quase 150 anos desde a vinda dos primeiros imigrantes boêmios no Brasil. É possível que estas marcas linguísticas representem o “alemão falado diferente” na percepção de muitos usuários pertencentes às comunidades em estudo.

Em relação ao contexto de uso da língua de imigração boêmia, constata-se uma grande ausência de estudos linguísticos, o que reforça a necessidade de mais pesquisas nesta área. Entre os poucos estudos encontrados sobre a imigração boêmia no Brasil, podem ser citadas apenas pesquisas relacionadas à história e aos costumes locais (FLORES, 1981; UMANN, 1997; FINKLER, 1999; VOGT & SILVEIRA, 2001; HÜBNER, 2010), ou ainda, estudos que apenas relatam brevemente uma possível povoação de imigrantes boêmios no RS (LANG, 1995; FROSI, 2000; SCHIERHOLT, 2002). Os primeiros estudos que abordaram a temática da variedade linguística falada pelos imigrantes boêmios na comunidade de Linha Brasil (Paverama) são, até onde se tem conhecimento, os estudos de Wallauer (2013) e de Habel (2014).

Esta Dissertação busca preencher essa lacuna, ou ao menos contribuir para iniciar esses estudos de forma sistemática¹¹. Sua elaboração pode ser vista como pré-estudo de preparação a um projeto maior, em planejamento por C.V. Altenhofen (Porto Alegre), Sebastian Kürschner (Eichstätt) e Mechthild Habermann (Erlangen), que deve resultar no futuro ALMA-B's (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Bávaros, Boêmios, Bucovinos*), com o qual será possível comparar resultados do ALMA-H (*Atlas Linguístico-Contatual das Minorias Alemãs na Bacia do Prata: Hunsrückisch*) coordenado por C. Altenhofen (UFRGS) e H. Thun (Univ. Kiel). Aqui se percebe a relevância deste estudo, que também será ampliado na Tese de Doutorado. Sobre a base cartográfica do Projeto ALMA-H já foi predefinida uma rede de pontos com a presença de imigrantes boêmios no Brasil (Bo), bávaros (Ba) e bucovinos (Bu) (ver Habel 2014, p. 51). Estes três grupos imigrantes foram reunidos em um mesmo “projeto guarda-chuva” por compartilharem de uma base dialetal, em parte, comum do bávaro. No entanto, esta rede de

¹¹ Este estudo dialoga com a Tese de Doutorado, em andamento, de Angélica Prediger, sobre a mesma variedade dos boêmios, porém em localidades distintas.

pontos ainda pode agregar outros locais de pesquisa que poderão surgir durante o desenvolvimento das pesquisas futuras.

Diante do que foi exposto acima, e tomando por base os pressupostos da dialetologia pluridimensional e contatual (cf. THUN, 1998), a serem explicitados na seção 2.6, do cap. 2, o **objetivo central** desta Dissertação constitui em caracterizar a variedade linguística falada na comunidade de imigração boêmia considerando os efeitos do contato com outras variedades alemãs, o hunsriqueano e o alemão *standard* local. Para atingir esse objetivo de descrição da variação interna do alemão falado por descendentes de imigrantes boêmios, no que concerne especialmente aos elementos de base alemã, consideram-se os seguintes **objetivos específicos**:

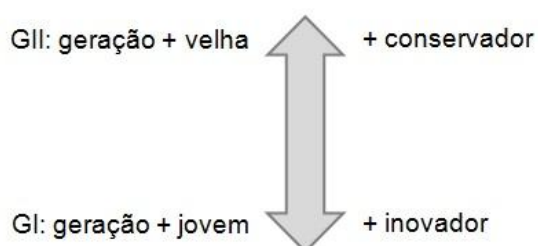
1. Identificar marcas linguísticas associadas ao alemão falado por descendentes de imigrantes boêmios de Linha Brasil em contato com outras variedades do alemão, em especial do *Hunsrückisch* na localidade de Santa Manoela, em Paverama, RS. Este objetivo envolve a descrição de graus de dialetalidade [+boêmio] ou de estandardização¹² [+standard], bem como de coineização, isto é, de nivelamento linguístico com as demais variedades em contato, em especial [+Hunsrückisch]. Sobre a noção de coineização, ver seção 2.5.2, do cap. 2.
2. Descrever a variação no grau da presença (ocorrência) de marcas boêmias, ou [+boêmias], na fala de diferentes segmentos sociais (Cb e Ca: dimensão diastrática; GII e GI: dimensão diageracional), identificando os fatores que atuam na conservação ou perda dessas marcas.
3. Analisar a percepção do "alemão boêmio" e de sua posição social, no contato com as demais variedades (dimensão diarreferencial).

O estudo da variedade linguística falada pelos descendentes de imigrantes boêmios coloca uma série de questionamentos sobre a complexidade do contexto variacional presente nas comunidades em estudo. Diante desta situação de contatos linguísticos, presente nas comunidades boêmias do RS, chega-se às seguintes **perguntas de pesquisa**:

¹² Termo utilizado neste texto para designar padronização, estandardizar + ação (HOUAISS, 2001).

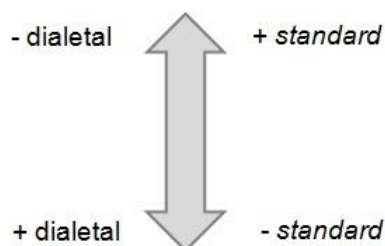
- 1) Em que medida a variedade [+ dialetal] dos boêmios se manteve ou se perdeu no novo contexto de contato com o hunsriqueano? Consequentemente, o que aconteceu com a diglossia original (basileto e alemão *standard*)?
- 2) Em que medida a variedade [+standard] dos boêmios guarda marcas próprias ou se funde (sofre uma coineização) com marcas do hunsriqueano em contato? Quais efeitos da coineização observam-se na variedade de fala dos boêmios desta comunidade?
- 3) Quais fatores sociolinguísticos são determinantes na pressuposta perda da dialetalidade boêmia e consequente coineização (nivelamento linguístico) na direção de uma língua alemã comum que compartilha marcas linguísticas (tanto do hunsriqueano como do boêmio)?

A partir disso, tem-se como primeira **hipótese** que, no contato linguístico com a variedade do hunsriqueano, já existente nas áreas em que os boêmios se instalaram, os falantes da variedade boêmia tenham privilegiado as marcas da variedade mais *standard*, pois são mais próximas do hunsriqueano, nivelando sua fala com a do entorno (tendência de coineização) e perdendo, por outro lado, as marcas da variedade dialetal original com o passar do tempo. Uma segunda hipótese é de que, no momento atual, as marcas linguísticas originais [+boêmias] sobrevivam, sobretudo, na fala da GII, sendo observada uma mudança em progresso, na geração mais jovem (GI), no sentido de uma perda acentuada dessas marcas a favor das variantes mais inovadoras [+hunsriqueanas] do entorno. O seguinte esquema serve para visibilizar essa relação:



Pressupõe-se que a variedade linguística dos imigrantes hunsriqueanos (considerado grupo majoritário em relação aos demais grupos de imigração) conseguiu se sobrepôr à variedade alemã dos boêmios, mesmo que estes possam supostamente ter tido

um domínio mais acentuado da norma [+standard]. Apesar disso, o “alemão dos boêmios” pode conter em grau variável não apenas de marcas do basileto original, ao menos de conhecimento passivo (da memória dos falantes), como também apresentar maior número de marcas ou resquícios de uma variedade [+standard] igualmente trazida da matriz de origem, como parte de uma diglossia original.



O esquema acima permite visualizar um contínuo variacional que opera sobre os contatos linguísticos. As línguas se configuram em sistemas heterogêneos (COSERIU, 1982), ou seja, em um ou mais complexos variacionais (THUN, 2010), onde pode haver uma infinidade de variações entre o *standard* e o *substandard*. Há variação linguística entre as variedades de imigração alemã (variação intervareial), onde o *Hunsrückisch* se constitui, ao menos, de duas variedades. A primeira é a variedade tipo *Deitsch* falada pelos imigrantes hunsriqueanos que chegaram antes de 1850 ao Brasil, e a segunda é a variedade tipo *Deutsch*, falada pelos imigrantes posteriores a 1850 (MEYER, 2009; ALTENHOFEN, 2016). Na constituição do *Hunsrückisch* ainda têm a influência da variedade francônio-renana e da francônio-moselana (*Rheinfränkisch* / *Moselfränkisch*) de base dialetal originária da matriz de origem (v. fig. 02, anexo I), o que deve ser observado, em especial, na análise dos dados.

O presente estudo se estrutura em quatro capítulos. Neste capítulo, a **introdução**, apresentamos em linhas gerais a temática e a área da pesquisa, seus objetivos e escopo teórico utilizado, destacando a relevância de mais pesquisas com as línguas brasileiras de imigração, dos contatos linguísticos e do plurilinguismo. Também levantamos as hipóteses e as principais perguntas de pesquisa, sinalizando de forma sucinta sua contribuição em relação aos poucos estudos existentes e às perspectivas futuras em que se insere esta Dissertação.

No **primeiro capítulo**, contextualizamos o estudo, onde destacamos algumas localidades da matriz de origem (Região da Boêmia), de onde saíram os imigrantes boêmios. A região norte da Boêmia apresenta um papel fundamental para a tentativa de entender a variedade linguística que pode ter migrado para o novo meio. Ao final deste capítulo, localizamos as comunidades destes imigrantes, principalmente no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, Brasil, para onde imigraram algumas das famílias do norte da Boêmia.

No **segundo capítulo**, destacamos os pressupostos teóricos, principalmente a noção da variação linguística que ocorreu com os imigrantes boêmios em contato com hunsriqueanos e o português local. Identificamos as diversas designações de variedades na noção do contínuo *standard* e *substandard*, bem como alguns resultados do contato linguístico entre variedades do alemão, incluindo conceitos como o de “complexos variacionais” (THUN, 2010), “coiné”, “transferência linguística”, “*code switching* e *code mixing*” (alternância e mistura de código).

No **terceiro capítulo**, apresentamos o modelo teórico-metodológico da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998), o qual correlaciona o espaço, o tempo e as dimensões de análise para tentar entender onde, como e por que ocorrem a variação, a manutenção ou a perda linguística. Na aplicação do modelo teórico definimos a metodologia de escolha dos informantes conforme as diferentes dimensões de análise previstas e apresentamos os instrumentos e demais procedimentos utilizados na coleta de dados.

O **quarto capítulo** ocupa-se com a análise de dados, conforme os objetivos e a metodologia apresentados. Identificamos as marcas linguísticas do alemão boêmio que se mostraram mais salientes, em termos tanto de sua divergência quanto convergência em relação à coiné hunsriqueana. Por fim, seguem as principais **conclusões** apontadas pelo estudo, tendo em vista os objetivos propostos.

CAPÍTULO 1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

1.1 A região da Boêmia: matriz de origem

Para os informantes da comunidade de Linha Brasil, conhecida em alemão local por ‘*Eestreich*’, a informação sobre a origem dos seus antepassados já se perdeu, embora ainda tenha registros nas lápides sobre a origem boêmia (*aus Böhmen*) em cemitérios locais. Muitos informantes só lembram que os primeiros imigrantes vieram de ‘*Eestreich*’ (em português, Áustria), se referindo ao antigo Império Austríaco (*Kaisertum Österreich*), o qual iniciou em 1804 e foi até 1867. Após esse período, teve início o Império Austro-húngaro (1867-1918). Estes foram Impérios europeus importantes aos quais a região da Boêmia pertenceu antes da migração para o Brasil. Como as primeiras famílias de boêmios chegaram à região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul, em torno de 1873, é provável que tenham migrado após o início do Império Austro-húngaro (HABEL, 2014, p. 11), mas a lembrança do Império Austríaco ainda permaneceu na memória, principalmente dos adultos.

Os registros encontrados em lápides na comunidade de Linha Brasil ‘*Eestreich*’ foram fundamentais para localizarmos a real origem dos antepassados da maioria dos informantes desta pesquisa (HABEL, 2014, p. 14). Todos os registros, tais como, *Johannesberg bei Gablons, Reichenberg, Krenzendorf*, entre outros, se referem ao norte da Boêmia (*Nordböhmen*), sobre a qual teremos mais informações na próxima seção.

A área conhecida como região dos Sudetos na parte fronteira da Boêmia (ver mapa abaixo) teve sua origem com a colonização alemã no final do século XI ao século XIII, a qual foi facilitada através da Monarquia Premislida (*Premysliden*). Segundo F. P. Habel (1983, p. 3): „*Dieses Sudetengebiet, vorher fast menschenleerer Urwald und Einöde, wurde vom 11. Bis zum 13. Jahrhundert n. Chr. von Menschen deutscher Sprache*

*besiedelt, erschlossen und kultiviert*¹³. O autor afirma que foram colonizadores de língua alemã que ocuparam a deserta região dos Sudetos para cultivar as terras ali existentes.

Mapa 1: Mapa da Boêmia com a área dos Sudetos.



Fonte: <http://www.oelm.at/wp-content/uploads/Sudetendeutsche-JPG1.jpg>

Não só o território da Boêmia, mas também os países vizinhos foram afetados pela colonização. O chamado ímpeto para o leste foi um acontecimento europeu em que os colonizadores foram a procura de mais terras, pois as antigas já não eram suficientes para o rápido crescimento populacional. As famílias tinham numerosos filhos em uma época em que só o primeiro filho herdava as terras. Em consequência, restava a migração para os demais filhos. O fenômeno europeu da marcha em busca de terras e de melhores condições de vida se repetiu novamente no século XIX, quando centenas de famílias migraram para o Brasil, principalmente para os estados do sul, onde ainda teria terras para colonizar.

¹³ Tradução nossa: Esta área dos Sudetos, anteriormente uma selva quase vazia de pessoas e um deserto, foi ocupada, desenvolvida e cultivada por colonizadores de língua alemã durante os séculos XI e XIII depois de Cristo.

Alguns autores (cf. KORKISCH, 2007; BAUER, 1907) falam que foi em diferentes séculos o início da migração alemã para a região da Boêmia. O fato é que a migração em busca de novas terras se iniciou em torno do século XI e foi contínua por alguns séculos (HABEL, 1983, p. 3). Quando já não havia mais terras disponíveis na Boêmia, os colonizadores seguiram sua rota em direção aos países vizinhos.

Já para Korkisch (2007) os alemães, muitos deles da Baviera (latim: Bavaria), migraram para a Boêmia a partir do século XIII e contribuíram com a cultura local. A região se desenvolveu através dos instrumentos e métodos agrícolas que os alemães levaram para as terras ainda inabitadas. As habilidades destes migrantes foram fundamentais para a exploração de madeira e de minérios. Após as leis de *Magdeburg* e de *Nürnberg*, os reis da Boêmia fundaram várias cidades, nas quais a burguesia alemã tinha um papel importante para o desenvolvimento local. Assim, a Boêmia foi crescendo sem uma língua oficial e sem uma nação claramente definida em meio ao centro cultural europeu. Mesmo após o longo período da Guerra dos 30 anos (1618-1648), até hoje, as cidades possuem a arquitetura barroca em seus mercados e mosteiros construídos por mestres de obras da Áustria e da Baviera (KORKISCH, 2007). Nas próximas subseções apresentamos, inicialmente, a região norte da Boêmia para localizar melhor a matriz de origem dos imigrantes boêmios que se instalaram na comunidade de Linha Brasil e, na sequência, as aldeias onde estas famílias viviam e de onde posteriormente migraram para o Brasil.

1.1.1 A região norte da Boêmia (*Nordböhmen*)

Inicialmente os moradores locais exploraram os metais das montanhas do Iser (*Isergebirge*) que fazem fronteira com a Saxônia (KORKISCH, 2007). Com o término desta matéria prima, restou explorar a madeira, da qual fizeram instrumentos musicais e brinquedos. Também trabalharam com têxteis. Além das siderurgias e malharias, havia as fábricas que exportavam o vidro. Ao sul das montanhas do Iser estão localizadas as cidades de *Gablonz (an der Neiße)* e *Reichenberg*, conhecidas também pela fabricação de joias. Estas cidades formavam um importante centro administrativo da Boêmia, como veremos a seguir.

Como atualmente a região da Boêmia pertence à República Tcheca, os antigos nomes das cidades que estavam registrados em língua alemã receberam nomes em tcheco. Na tabela abaixo, vemos a lista de cidades da Boêmia que tiveram algum registro em lápides de cemitérios do ponto de pesquisa deste trabalho (Linha Brasil – Paverama).

Quadro 1: Cidades do norte da Boêmia.

Cidades do norte da Boêmia encontradas nas lápides de Linha Brasil	Nomes atuais em tcheco
Reichenberg	Liberec
Gablonz (an der Neiße)	Jablonec nad Nisou
Johannesberg	Janův Důl
Grenzendorf	Bedřichov
Wiesenthal	Lučany nad Nisou

Fonte: elaborado pela autora deste trabalho.

As duas cidades mais representativas do norte da Boêmia eram *Reichenberg* e *Gablonz an der Neiße*, como podemos visualizar no mapa abaixo. A cidade boêmia de *Reichenberg* só perdia em importância e tamanho para a capital, Praga. Pelo rápido crescimento industrial, a cidade foi transformada em polo administrativo, como podemos acompanhar melhor na próxima seção do texto.

Mapa 2: Cidades de *Reichenberg* e *Gablonz an der Neiße*, região norte da Boêmia.



Fonte: Heimatkreis Reichenberg (1974)¹⁴

1.1.2 Antes *Reichenberg*, agora *Liberec*

Em 1577, a cidade foi emancipada pelo Imperador Rudolf II e recebeu a liberação para realizar até duas feiras ao ano, o que atraiu as indústrias de tecelagem. Com a tecelagem de linho, a cidade de *Reichenberg* atinge seu auge no séc. XVII. No início do séc. XVIII a cidade tinha em torno de 50 mestres de tecelagem, um número que chega a 800 mestres de tecelagem no final do século. Já no séc. XIX a cidade era o segundo centro administrativo mais importante da Boêmia, logo após Praga. O nome alemão ‘*Reichenberg*’ foi alterado logo após a Segunda Guerra Mundial para um nome Tcheco, ‘*Liberec*’.

A cronologia a seguir resume os principais acontecimentos que antecederam a migração dos Boêmios para o Brasil e que podem ter influenciado, em maior ou menor medida, o processo migratório posterior. Ao que parece, a leitura já devia fazer parte das práticas sociais desses imigrantes, ao menos entre a população urbana, se considerarmos a biblioteca estadual surgida já bem cedo, em 1542, e o jornal diário, em 1860. Como

¹⁴ Marcação inserida no mapa pela autora deste estudo para sinalizar as cidades referidas.

podemos visualizar na cronologia abaixo, quase todos os acontecimentos giram em torno da economia, principalmente no ramo da indústria têxtil:

1542: inauguração da primeira biblioteca estadual de *Reichenberg*.

1577: *Reichenberg* foi emancipada e recebeu uma bandeira própria / surgiram mais indústrias têxteis.

1844: protestos contra a Revolução Industrial.

1850: surgiu a câmara do comércio e de negócios / a cidade recebe o estatuto (lei) que direciona os mesmos direitos em comparação com a cidade de Praga.

1852: aulas de tecelagem na Escola Técnica (primeira em toda Áustria).

1854: surgiu o primeiro Banco (*Sparkasse*).

1859: surgem importantes ligações ferroviárias.

1860: surgiu o jornal diário "*Reichenberger Zeitungen*".

1863: foi criado o sindicato dos industriários e o primeiro clube Tcheco foi inaugurado.

1889: abandono do estatuto (lei) de *Reichenberg*.

É importante notar que em 1542 surgiu a biblioteca estadual em *Reichenberg*, o que já demonstra interesse pela leitura e, em 1852, a escola técnica, que preparava os jovens para o mercado de trabalho. Em seguida já surge o primeiro Banco para movimentar a riqueza do local. Com o crescimento acelerado da cidade e da indústria, também não demorou a se ampliarem as ligações ferroviárias, o que possibilitou a venda e o fluxo das mercadorias para outras regiões.

Se compararmos as cidades de *Reichenberg* (área: 106,1 km²) e a cidade de Paverama, RS, (área: 171,6 km²) percebemos que *Reichenberg* já tinha esgotado sua área agrícola em 1869 em função do rápido crescimento populacional. Paverama tinha em torno de 8.000 habitantes em 2016 e, com isso, uma agricultura familiar e de subsistência. Além da pouca área livre existente no Império Austro-húngaro para o cultivo da terra, devido ao acelerado crescimento populacional, como mostra a tabela abaixo, havia atritos religiosos e políticos para afastar as pessoas que tinham alguma opinião que divergia com a dos Imperadores ou Reis.

Tabela 1: População total de Reichenberg.

Ano	População de Reichenberg
1810	3.000
1850	18.000
1869	22.390
1890	30.890
2000	95.000
2013	102.000

Fonte: Heimatkreis Reichenberg (<http://www.reichenberg.de>)¹⁵.

Apesar do crescimento industrial, muitas famílias não conseguiam ter o básico para se manter em condições de sobrevivência razoáveis. As terras, segundo Umann (1997), eram improdutivas e o clima não favorecia as plantações. Foi a partir de 1870 que muitas famílias, principalmente agricultores e operários de fábricas de vidro, começaram a se movimentar para deixar o trabalho insalubre e sonhar com outras oportunidades. As cartas de amigos ou parentes bem sucedidos em terras brasileiras eram animadoras. Relatos de Umann (1997) e Blau (1958) trazem a notícia sobre correspondências enviadas aos familiares que haviam permanecido na Boêmia para que migrassem para a nova pátria (Brasil), onde haveria terras produtivas e a recepção por parte dos pioneiros ou familiares. Umann (1997) relata que recebia cartas de familiares do Brasil, em que estes, por exemplo, o convidavam para igualmente emigrar. Esta era a única chance para se livrar da morte precoce em função do trabalho insalubre das fábricas de vidro.

1.1.3 Antes *Gablonz an der Neiße*, agora *Jablonec nad Nisou*

Segundo dados de 2016, *Gablonz an der Neiße* (em tcheco *Jablonec nad Nisou*) possui em torno de 45.000 habitantes¹⁶ e é uma cidade importante na região norte da Boêmia devido a suas instalações industriais. Além disso, a cidade é um grande centro administrativo, cultural e esportivo na região das montanhas do Iser. A cidade ficou conhecida a partir do século XVI com a construção das primeiras fábricas de vidro na

¹⁵ Tabela elaborada pela autora desta pesquisa.

comunidade de *Grünwald* e com a chegada dos alemães, dos quais, muitos eram colonos e trabalhariam com agricultura. Até o século XVIII, a cidade se desenvolveu rapidamente através da comercialização de bijuterias (*Bijouterieartikel*). Porém, apenas em 1866 *Gablonz* se tornou cidade por meio de um decreto assinado por *Franz Joseph I.*

A partir do século XIX *Gablonz* se tornou conhecida mundialmente pelas exportações de joias e de vidro, assim como *Reichenberg* pelas exportações de tecido. Para relembrar os vários séculos de história da cidade existe o Museu do vidro e das joias (*Museum für Glas und Bijouterie in Jablonec nad Nisou*)¹⁷.

Um fator que foi fundamental para as fábricas de vidro foi a matéria prima encontrada na natureza. No início da colonização, havia muita madeira à disposição, tanto para a construção das fábricas e casas, como para as caldeiras da produção do vidro. Com a falta de madeira e de lenha no oeste, os proprietários das fábricas de vidro tinham a chance de se desenvolver melhor se migrassem para o leste em busca desta matéria prima (FRIEDRICH, 2005, p. 37).

A bibliografia encontrada na biblioteca da Universidade (FAU) de *Erlangen-Nürnberg*, na Alemanha, não relata os perigos que estavam por trás do trabalho nas fábricas de vidro. Estudos ou relatos como os que encontramos em Friedrich (2005) descrevem a economia local, a qualidade do vidro e a história do processo como um todo. A insalubridade deste trabalho foi narrada por Josef Umann em seu livro “Memórias de um Imigrante Boêmio”, publicado postumamente pelos filhos em Venâncio Aires, RS.

O autor escreve que nasceu em 1850 em Rochlitz, norte da Boêmia, e desde sua infância trabalhou na roda de fiar e tecer lã. Enquanto criança dividia o dia entre o trabalho e a escola. Nesta época, a fiação mecânica se fortalecia cada vez mais e tornava a mão de obra humana cada vez mais desnecessária. O trabalho que havia era pesado e pouco remunerado. A falta de opção no mercado de trabalho empurrava os jovens para buscar sustento nas fábricas de vidro. Com a escassez da alimentação também surgiam as doenças. Em 1866 ocorreu a Guerra Austro-prussiana (*Deutscher Krieg*), também conhecida como Guerra das sete semanas, o que piorou ainda mais a situação dos Boêmios

¹⁶ Fonte: <http://www.mestojablonec.cz/de/stadt-jablonec-nad-nisou/wissenswert-informationen.html> Acesso em 07.11.2016.

¹⁷ Fonte: <http://www.msb-jablonec.cz/de/sammlungen>. Acesso em 07.11.2016.

(UMANN, 1997). Apesar da guerra, temos, abaixo, um trecho em que o autor se questiona sobre o trabalho insalubre nas fábricas de vidro.

“Que significam a varíola, o tifo, a peste e mesmo a cólera e a guerra provocada por tiranos ávidos de presas, em comparação com este matador esquivo e ranzinza que com braços de pólipos envolve nossas bonitas montanhas do Iser e sem compaixão arrasta consigo a maior parte da população na flor da idade? Este, cujo hábito venenoso envolve a criança delicada e a consagra à morte prematura? Este, que só permite um determinado número de anos ao valente forasteiro que, confiante na sua saúde robusta, dele ousa se aproximar? [...]”. (UMANN, 1997, sem página).

Os trabalhadores das fábricas de vidro não passavam de 30 ou 40 anos de idade. A maioria morria cedo devido ao prejuízo causado nos pulmões em função do pó de vidro. Devido à falta de outros trabalhos remunerados Umann teve que trabalhar em uma fábrica de vidros, nas proximidades de *Tannwald*. Aprendeu o ofício de lapidador de vidro e trabalhou até que os problemas de saúde se manifestaram. No ano de 1877 migrou para o Brasil com mais 150 Boêmios da região norte. Estes viriam a se instalar em Venâncio Aires. Já os Boêmios de Paverama haviam se instalado em 1873, também antigos moradores do norte da Boêmia, como veremos na próxima seção.

1.2 Área em estudo no Vale do Taquari: Paverama

Paverama é uma localidade pequena, fixada na região do Vale do Taquari (cf. mapa abaixo), no estado do Rio Grande do Sul e possui uma população estimada em 8.047 habitantes, conforme o IBGE/2010. A localidade fica a pouco mais de 40 km de distância de Lajeado e em torno de 100 km da capital gaúcha, Porto Alegre, RS.

Mapa 3: Mapa do RS com a Região do Vale do Taquari



Fonte: <http://cdn.fee.tche.br/atlas/atlas-fee-impressao.pdf>¹⁸

A localidade faz divisa com áreas igualmente colonizadas por imigrantes alemães, como Teutônia, Brochier, Maratá (a norte e leste), além de pontos predominantemente de imigrantes açorianos, dos quais fazem parte Tabaí, Taquari (a sul) e Fazenda Vilanova (a oeste). Paverama já teve outros nomes, como Concórdia e Arroio Grande, mas o topônimo que se manteve até a atualidade parece ser uma homenagem aos primeiros habitantes do

¹⁸ Mapa base do Atlas FEE. Inserção do ponto vermelho para indicar a localização de Paverama, na Região do Vale do Taquari (marcado em cor bege), RS.

local, os indígenas, em que *pave* significa ‘de todos’ e *retame* ou *rama*, a ‘terra da paz’. Conforme registros do Atlas FEE há ainda, nas proximidades de Paverama, uma área indígena remanescente (PESSOA, 2017).

Paverama foi emancipada em 1988 do município de Taquari e possui uma área total de 171, 607 km², com um pequeno centro urbanizado. Como o espaço rural e o urbano estão muito próximos, conforme a imagem abaixo, não aprofundamos esta questão e ficaremos apenas com entrevistas realizadas em espaços considerados do meio rural. O espaço urbanizado de Paverama ainda possui propriedades rurais em suas proximidades, o que o diferencia de um espaço urbano maior, onde, por exemplo, se teria apenas o comércio e moradias sem a mescla de pequenas propriedades rurais em atividade. A área rural, neste trabalho de Dissertação, é o que se refere apenas ao espaço que oferece atividades do setor primário (agricultura e pecuária).

Figura 3: Imagem aérea do Centro urbanizado de Paverama, RS.



Fonte: <http://www.paverama.rs.gov.br/site/municipio>

A economia de Paverama gira em torno da agricultura familiar da plantação de acácia e de eucalipto que são utilizados para a produção do carvão vegetal e da pecuária, como o gado leiteiro, a suinocultura e a avicultura. A indústria no município é composta

por frigoríficos, ateliês de calçados, fundição de metais e serralherias. Algumas indústrias, como a de laticínios, que estava instalada no município, por exemplo, declarou falência e permaneceu em dívidas com os trabalhadores, conforme notícia veiculada em 2015 por Nascimento no jornal O Informativo¹⁹. As empresas do ramo calçadista também costumam seguir as estratégias econômicas de mercado. Algumas deixaram a cidade após alguns anos de atividade, conforme notícia do jornal O Fato Novo²⁰ (2013).

Como as ofertas de trabalho são bastante limitadas, muitos jovens deixam o campo para migrar em busca de melhores condições de vida em cidades maiores. Para alguns moradores, Paverama se resume em cidade dormitório, porque, devido ao trabalho, se deslocam diariamente para cidades vizinhas. Outro fator que costuma expulsar os jovens de Paverama é a falta de oportunidades de ensino de qualidade, ou ainda, de atividades culturais e esportivas.

Na área da saúde, os moradores foram bastante prejudicados com o fechamento do hospital. Atualmente, a população tem acesso a um posto de saúde no Centro e as internações são realizadas em Teutônia, Lajeado ou Porto Alegre.

Os aspectos culturais estão baseados nas origens dos imigrantes, principalmente dos alemães, que se instalaram em Paverama. Ainda costumam comemorar a festa do Kerb, festas populares e religiosas, com corais, grupos de danças folclóricas, além da manutenção da culinária alemã. Também há um CTG (Centro de Tradições Gaúchas) localizado na área central onde acontecem apresentações de grupos de danças e de outros eventos culturais. Além disso, cada localidade possui um salão ou ginásio de festas para os momentos comemorativos, os quais também servem para arrecadar verba e realizar reparos na igreja ou no cemitério, entre outras necessidades locais.

Quanto aos aspectos religiosos coletados pelo IBGE/2010, é interessante notar que da população total de pouco mais de 8.000 habitantes, temos 5.866 pessoas que se declararam da religião católica apostólica romana, 1.030 que se declararam evangélico-luteranos, 27 assumiram não seguir nenhuma religião, 7 mencionaram ser da religião umbanda e candomblé e, por fim, um grupo que se declarou evangélico (diversas categorias).

¹⁹ Acesso à notícia em: <http://www.informativo.com.br/site/noticia/visualizar/id/66188/?Autofalencia-da-Pavlat-agrava-crise-do-setor-leiteiro-da-regiao.html> Acesso em 06.11.2016.

²⁰ Acesso à notícia em: http://www.ofatonovo.com.br/noticias_detalhe.php?id=11861 Acesso em 06.11.2016.

Este número elevado de católicos também ajuda a explicar melhor a formação da comunidade de Linha Brasil, colonizada pelos imigrantes que vieram da Boêmia, e de forma geral, também as outras comunidades de origem alemã que, em sua maioria, são católicas. No século XVI a Europa passava pela fase do protestantismo e perdia cada vez mais católicos. Com isso, surge um movimento chamado contrarreforma (*Gegenreformation*) ou reforma católica. Assim como na matriz de origem, a religião segregava famílias no Brasil também. Os relatos de informantes da geração mais velha, da comunidade de Linha Brasil, apontam para a proibição do matrimônio entre jovens de diferentes confissões religiosas. Também era proibido frequentar cultos ou missas de outro credo.

Segundo o livro *Heimatkreis Reichenberg* (1974, p. 37), os moradores da Boêmia que não aceitavam a fé católica tiveram que emigrar em um tempo muito curto, deixando todos os seus bens. Servos e camponeses não foram autorizados a emigrar²¹. Apesar de ter uma comissão de militares que fiscalizasse e controlasse a religiosidade da população, ainda se encontravam famílias que não queriam assumir o catolicismo. Os custos eram altos porque cada família tinha que pagar impostos para a construção de igrejas e de mosteiros. Por fim, os militares intensificaram a fiscalização das famílias que ainda se diziam luteranas para expulsá-las da cidade, ou ainda, para catolizar aquelas que não deveriam deixar a Boêmia em função da mão de obra que era necessária, o que pode ser visto na tabela abaixo como uma meta que foi atingida.

Tabela 2: A porcentagem populacional da Boêmia, Morávia e Silésia conforme a confissão religiosa entre os anos de 1846 – 1910.

	<i>Katholiken /</i> católicos		<i>Evangelische /</i> evangélicos		<i>Juden /</i> judeus		<i>Andere /</i> outros
	1846	1910	1846	1910	1846	1910	1910
Böhmen	96,3	95,6	1,9	2,6	1,6	1,2	0,4
Mähren	95,0	95,4	2,9	2,8	2,0	1,5	0,1
Schlesien	85,1	84,5	14,1	13,5	0,6	1,7	0,1

Fonte: BOSL, 1968, p. 449.

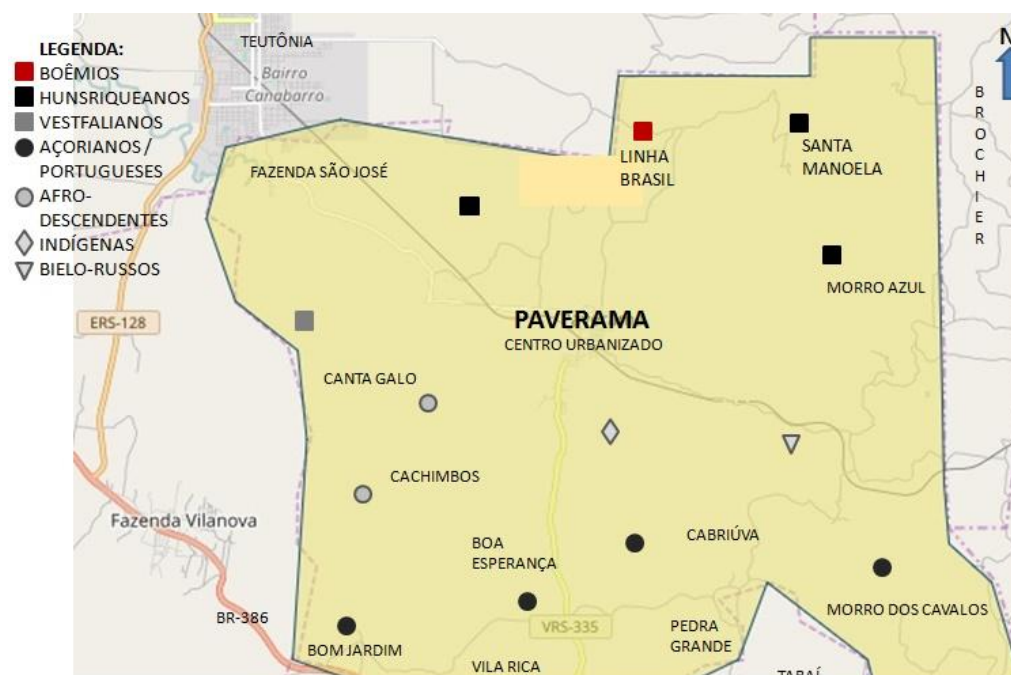
²¹ “Wer nicht den katholischen Glauben annahm, musste in kürzester Frist unter Zurücklassung seiner ganzen Habe auswandern. Leibeigene und Bauern durften nicht auswandern“. (*Heimatkreis Reichenberg*, 1974, p. 37).

Os resultados desta tabela mostram a Boêmia com um maior número de católicos entre os anos de 1846 e 1910, época em que ocorreu a emigração de muitas famílias para o Sul do Brasil. Em 1910 se percebe uma leve queda da porcentagem de católicos na Boêmia e um leve aumento na porcentagem de evangélicos. Existem diversas igrejas católicas construídas pelas próprias comunidades em Paverama e 2 igrejas luteranas, sendo uma no Centro da cidade e a outra em Morro Azul²², onde também predominou a colonização alemã de hunsriqueanos.

Na imagem abaixo podemos visualizar os maiores bairros (localidades) de Paverama. As localidades ao norte e leste, Linha Brasil, Santa Manoela e Morro Azul, foram colonizadas por imigrantes alemães, vindos de São Leopoldo, via Brochier ou Teutônia. Ao lado destas estão as localidades mais afastadas do Centro: Chapadão e Bela Vista (onde permaneceu uma mescla entre alemães e famílias de origem portuguesa/brasileira). Dos bairros próximos ao Centro, temos a Cidade Baixa, Morro Bonito, Boa Esperança e Cachimbos, onde inicialmente tivemos a presença de indígenas que vieram das margens do Rio Taquari e, mais tarde, a colonização açoriana, assim como ao sul, onde se localizam as localidades de Bom Jardim, Pedra Grande e Morro dos Cavalos. E a oeste, com mesclas de vestfalianos e afro-descendentes, temos as localidades de Cachimbos, Canta Galo, Concórdia, Fazenda São José, Posses, Santana, além de outras.

²² Fonte: http://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/paverama-rs/comunidades-paroquia-paverama
Acesso em 07.11.2016.

Mapa 4: Mapa das territorialidades linguísticas de Paverama



Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa através do mapa-base do IBGE/2016.

E é nas comunidades de Linha Brasil e de Santa Manoela (no mapa acima, ao norte) que esta pesquisa se concentra. Em Linha Brasil, ‘*Eestreich*’ (em português, austríacos), os antigos moradores falam uma variedade de língua alemã diferente da variedade que é falada pela comunidade vizinha, Santa Manoela (‘*Russland*’). Nesta última, até onde se sabe, temos a presença majoritária de falantes do hunsriqueano que estão em contato diário com a língua portuguesa. Em Linha Brasil também há contato diário entre as variedades de língua alemã (boêmio e hunsriqueano) e língua portuguesa.

Cada uma dessas localidades possui uma igreja católica, com ginásio de festas, sala mortuária (onde, atualmente, os falecidos são velados) e o cemitério. Próximo a esta estrutura cada comunidade também possui uma escola municipal que oferece de quatro a cinco anos de estudos. Após esta etapa, as crianças são transportadas de ônibus para a Escola Estadual do Centro de Paverama, a qual oferece tanto o ensino fundamental como o médio. Esta convergência religiosa das comunidades facilitou sua integração. As festas e eventos eram compartilhados. A religião católica formou um “elo” entre os imigrantes boêmios e hunsriqueanos das comunidades, o que acelerou ainda mais os contatos linguísticos.

O município de Paverama possui quatro pré-escolas, com um total de 155 matrículas e 10 docentes para lecionar. Já para o ensino fundamental temos oito escolas municipais, com 32 docentes para atender às 483 matrículas. Outras duas escolas de ensino fundamental são do Estado, com 292 matrículas e 21 docentes. Por fim, há uma escola estadual de ensino médio com 16 docentes para atender 186 matrículas (INEP, 2015)²³. Se tivermos mais de 700 alunos matriculados no ensino fundamental e quase 200 no ensino médio, nos resta chegar à conclusão que muitos dos jovens, principalmente os da área rural, não frequentam o ensino médio. Esta queda nas matrículas de estudantes do ensino fundamental para o ensino médio pode refletir, em partes, na permanência desses jovens no meio rural e, conseqüentemente, na manutenção da língua de imigração, se este jovem é bilíngue. Outra parcela da geração jovem deixa o município para trabalhar e realizar o ensino médio em uma cidade maior e com mais ofertas de emprego e de ensino. Ao observar as baixas expectativas para o crescimento econômico no meio rural, os jovens, tanto do sexo masculino como feminino, migram para os centros urbanizados em busca de melhores condições de vida e apenas retornam para a comunidade de origem para visitar familiares. Os meios de transporte facilitam o deslocamento destes jovens para áreas do entorno das comunidades e, com isso, um contato maior com a língua portuguesa.

1.3 O imigrante boêmio no Brasil

Conforme descrito acima, temos a presença da imigração de alemães da região da Boêmia na comunidade de Linha Brasil, Paverama/RS. Embora os informantes da pesquisa se autodenominem austríacos '*Eestreicher*', existem os registros escritos em lápides de dois cemitérios de Linha Brasil sobre as cidades de origem dos antepassados, como também já foi ressaltado anteriormente. Algumas lápides ainda possuem o registro '*aus Böhmen*', além do nome da cidade de origem, tais como *Gablons*, *Wiesenthal*, *Johannesberg*, etc.

Conforme dados do ALMA-H, também há registros de famílias descendentes de boêmios em Nova Petrópolis (ponto RS06) e Venâncio Aires (ponto RS12 - HABEL,

²³ Fonte: Ministério da Educação, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais - INEP - Censo Educacional 2015.

2016, p.123). Vale destacar que a “Associação dos Descendentes de Imigrantes da Boêmia” existe desde 2008 em Nova Petrópolis. Além disso, a cidade de *Gablons* (República Tcheca) é a cidade coirmã de Nova Petrópolis. Na percepção dos informantes do ALMA-H, hunsriqueanos de RS06, há algumas famílias que tentam preservar a memória dos imigrantes boêmios, mas já não sabem afirmar se ainda há falantes ativos desta variedade, uma vez que a morte da geração mais velha também ameaça a língua da matriz de origem que, em muitas dessas famílias, não foi transmitida aos filhos e netos.

Dando prosseguimento à pesquisa no Doutorado, pretende-se ampliar os levantamentos para essa área de Nova Petrópolis, mais precisamente nas comunidades de Linha Brasil e Linha Imperial. Em Venâncio Aires têm-se registros de boêmios em Linha Cecília e Linha Isabel, segundo Flores (1983), Umann (1997) e Hübner (2010).

Assim como em Venâncio Aires, também Santa Cruz do Sul, Colinas e Imigrante receberam levas de boêmios e estão sendo pesquisadas por Prediger (2016). Por fim, Umann (1997) ainda relata a presença de boêmios em Agudo, RS, mais especificamente na comunidade de Linha Boêmios. Todos estes pontos possuem registros de boêmios no Rio Grande do Sul. Não podemos descartar a presença de imigrantes boêmios também em Santa Catarina ou no Paraná porque carecemos de mais pesquisas para confirmar a existência ou não de outras comunidades.

Concluída esta breve contextualização da região da Boêmia (atual República Tcheca) e identificados os pontos de pesquisa que registram a presença de imigrantes boêmios no Brasil, partimos para o modelo teórico que fundamenta esta pesquisa. A seguir, serão apresentados conceitos-chave para este estudo, relevantes para a interpretação e análise do contexto de contatos linguísticos dos imigrantes boêmios em Paverama, RS.

CAPÍTULO 2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nos últimos anos, as pesquisas na área de Sociolinguística demonstraram que a dinâmica dos contatos linguísticos envolve tanto fatores linguísticos (relacionados à língua) como extralinguísticos (relacionados à sociedade e ao indivíduo). A temática dos contatos entre línguas e/ou variedades, e da conseqüente variação linguística, merece mais atenção devido a sua complexidade e relevância social. Por este motivo cabe definir, neste capítulo, os conceitos-chave relevantes para um melhor entendimento da diversidade linguística e dos processos linguísticos que acompanham sua manifestação na sociedade.

Inicialmente cabe uma releitura dos conceitos *dialeto* e *língua de imigração* considerando o contexto da imigração alemã no Brasil. Torna-se útil e necessário esclarecer o que é uma língua e o que é um dialeto ou variedade de língua, além de tentar entender o contínuo linguístico entre o *standard* e o *substandard*. Seguindo este viés, passo em seguida aos conceitos de diglossia e de bilinguismo/plurilinguismo. É preciso definir esses conceitos em relação ao contato linguístico de imigrantes boêmios e hunsriqueanos que está sendo analisado.

As línguas de imigração são dinâmicas; quando seus falantes migram, também entram em contato com outras línguas, o que pode resultar em novos processos linguísticos, tais como, coineização, *code switching*, *code mixing* e transferência linguística. Estes resultados linguísticos serão devidamente explicitados, ao longo do capítulo. Por fim, serão apresentados os pressupostos básicos do modelo teórico da dialetologia pluridimensional, a partir de um conjunto de dimensões de análise da variação linguística.

Feitas estas colocações, passemos à definição de *língua de imigração* e de *dialeto*, dois conceitos centrais para a caracterização de nosso objeto de estudo.

2.1 Caracterização do objeto de estudo: dialeto e/ou língua (de imigração)

A palavra *dialeto* tem sua origem ligada ao termo *diálektos* do grego, o que significa ‘modo de falar’, conforme Coseriu (1982, p. 09). Sendo um sistema completo que funciona para se comunicar, o dialeto também pode ser considerado uma língua. Coseriu (1982, p. 10) tenta esclarecer que “*un dialecto es simplemente una lengua: un sistema fónico, gramatical y léxico*”.

Uma diferença que há entre língua e dialeto é a diferença de *status* social. Conforme Coseriu (1982, p. 12), o dialeto designa um sistema linguístico menor, incluído em um sistema maior, que é a língua histórica. No entanto, dialeto e língua também funcionam como variedades linguísticas porque variam conforme as diferenças geográficas (dimensão diatópica), as diferenças socioculturais da comunidade de fala (dimensão diastrática) e a diferença individual do modo de falar e da situação de fala (dimensão diafásica), segundo Coseriu (1982, p. 19).

Enquanto a língua possui um caráter mais oficial e é considerada a língua que representa um país, o dialeto é referido, muitas vezes, para designar uma “língua errada” ou a “língua dos colonos”. No entanto, Haugen (1973, p. 88) explica que devemos “compreender que a fala de nenhum homem é inferior, mas tão somente diferente”, ou seja, a fala varia de um falante para outro, dependendo, para tal, de fatores linguísticos e extralinguísticos. Conforme as palavras do mesmo autor, abaixo, devemos aprender a tolerar e aceitar o diferente:

“Da mesma maneira que o sueco de *Norrbotten* soa estranho aos suecos, o inglês do gueto ou da roça soa esquisito ou desconcertante para os que falam inglês corrente; no entanto, segue leis internas que lhe são próprias e que permitem aos seus usuários exprimir qualquer coisa que desejam dizer. Nosso problema consiste em ensinar tolerância para a diferença e aceitação do homem por aquilo que ele é e não pela maneira como fala” (HAUGEN, 1973, p. 88-89).

Haugen (1973, p. 89) tenta mostrar que o dialeto ou a variedade de uma língua apenas “segue leis internas” e, por isso, deveria ser mais valorizado e respeitado. Não podemos conceber a língua portuguesa, por exemplo, como um todo homogêneo porque ela é composta por um conjunto de variedades regionais e sociais.

No Brasil, além do português e das línguas indígenas (autóctones), temos as línguas de imigração que têm como principal característica a condição de “língua diferente e vinda de fora”, segundo Altenhofen & Margotti (2011, p. 290). Por este motivo, também são denominadas de línguas alóctones. Outra característica de uma língua de imigração diz respeito ao fato de compartilhar o *status* de línguas minoritárias em seu novo meio, uma vez que elas entram em contato com a língua majoritária, no caso a língua portuguesa do Brasil. Podemos, assim, definir as línguas minoritárias como línguas que convivem à margem da língua majoritária e dominante, normalmente a língua oficial de um país.

As línguas brasileiras de imigração²⁴, devido ao seu contato linguístico com o português (grupo majoritário), se constituem em uma língua minoritária porque se leva em conta o grupo relativamente restrito de falantes que formam as comunidades de fala. No entanto, para melhor definir a língua dos imigrantes pressupõem-se quatro características essenciais, segundo Altenhofen (1997, p. 19):

- 1) Língua de grupo;
- 2) Língua com variedades de fala heterogêneas;
- 3) Língua em movimento;
- 4) Língua em contato.

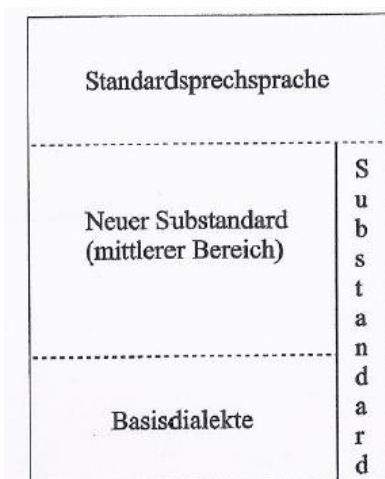
As línguas brasileiras de imigração formam diferentes variedades, apesar de serem muito parecidas, como é o caso do boêmio e do hunsriqueano, ou ainda, do pomerano, do vestfaliano e do menonita. Isso se deve às diversas origens geográficas na Europa, de onde estes imigrantes vieram. No caso do boêmio, que também possui uma base germânica como as demais línguas acima citadas, ocorre a migração para um novo espaço, onde se desenvolvem contatos linguísticos entre variedades do alemão e do italiano, por exemplo, e com o português. Muitos destes imigrantes alemães migraram com uma língua *standard*, mais usada na escrita e na leitura, e com uma variedade dialetal que era utilizada para se comunicar, o que sugere a existência de uma diglossia, discutida na próxima seção.

²⁴ O termo ‘línguas brasileiras de imigração’ é utilizado neste texto conforme Müller de Oliveira especifica: “Línguas faladas por comunidades de cidadãos brasileiros, historicamente assentadas em território brasileiro, parte constitutiva da cultura brasileira, independentemente de serem línguas indígenas ou de imigração, línguas de sinais ou faladas por grupos quilombolas”. (Prefácio. In: CALVET, Louis-Jean. As políticas linguísticas, 2007, p. 8).

2.2 Variação linguística no contínuo *standard-substandard*

O termo *substandard* aparece nos estudos de G. Bellmann (1983) sobre a descrição dos dialetos de base alemã próximos do Rio Reno. O autor analisou estruturas de uma variedade que se encontravam entre o contínuo variacional *standard*²⁵ e *substandard*, o que ele denominou de *neuer Substandard* ‘novo *substandard*’. Para visualizar melhor a posição das variedades no contínuo *standard-substandard*, recorreremos ao esquema de Bellmann (1983) elaborado por Lenz (2005, p. 231), conforme a figura abaixo.

Quadro 2: Contínuo *standard-substandard*



Fonte: Bellmann (1983 *apud* Lenz 2005, p. 231).

No quadro acima, a língua *standard* falada que encabeça o contínuo, o que Bellmann (1983, p. 115) denomina de *Standardsprechsprache*, surge na parte superior como uma norma associada à língua mais formal. Tudo que se situa abaixo desse *standard*, representa o *substandard*; este não abrange apenas os dialetos-base (*Basisdialekte*), mas também variedades intermediárias como a linguagem coloquial (*Umgangssprache*) e o que se denomina de novo *substandard* (*neuer Substandard*). Para Lenz (2005, p. 229), o *substandard* é definido como a área total que abrange variedades linguísticas faladas, abaixo da língua *standard*, incluindo a sua distribuição social, seus fatores de controle sócio-pragmáticos e as estruturas avaliativas de seus falantes.

²⁵ Optamos pelo termo *standard* em lugar de *padrão*, para não confundir com o debate que distingue *norma culta* de *norma padrão* no português brasileiro (v. FARACO, 2008).

Os dialetos-base podem vir a se tornar variedades regionais e, portanto, se aproximar mais do eixo *standard* porque são variedades heterogêneas que podem variar no contínuo linguístico. Por outro lado, a variedade *standard* falada pode vir a se aproximar da área intermediária, conforme Bellmann (1983, p. 117). Adaptando o modelo *standard-substandard* ao contexto linguístico dos boêmios e hunsriqueanos teremos a estrutura abaixo.

Quadro 3: Contínuo do *standard-substandard* do basileto do boêmio e do hunsriqueano.



Fonte: Adaptado de Bellmann (1983 *apud* Lenz 2005, p. 231).

No contexto desta pesquisa, o português escrito e o alemão *standard* escrito representam o nível mais elevado, sendo a sua função principal reservada aos contextos mais formais, como no caso da leitura e da escrita. No contínuo do *substandard* temos o hunsriqueano e o alemão *standard* local representados no nível intermediário, os quais são utilizados na oralidade. Na variedade mais distante do *standard*, supõe-se o basileto que veio da matriz de origem com os imigrantes boêmios.

O dialeto-base do boêmio (basileto), atualmente, não é original e puro devido aos frequentes contatos entre línguas e variedades distintas em sua matriz de origem e também no Brasil. Há o contato linguístico e, com isso, a formação de falantes plurilíngues com competências linguísticas que se alternam no cotidiano, o que veremos na próxima seção.

2.3 Diglossia e bilinguismo

Um fenômeno implicado pelo bilinguismo é o que se designa de *diglossia*. Para Ferguson (1959, p. 249), a diglossia ocorre na diferenciação/funcionalização do uso da fala e da escrita de duas variedades distintas dentro de uma mesma língua: uma variedade alta (A) e uma variedade baixa (B). Enquanto a <variedade A> é mais formal e aparece na literatura, em sermões religiosos, em discursos políticos, nas mídias e além de ter um modelo de escrita, a <variedade B> envolve a informalidade, as conversas livres entre amigos, familiares, sem uma sistematização mais esclarecida ou registrada em dicionários ou gramáticas.

A diglossia pressupõe, adicionalmente, um <prestígio da variedade A> que é considerada “verdadeira” ou “correta” em função da educação formal e da tradição gramatical. No entanto, segundo Ferguson (1959), a diglossia é aceita e não é considerada um problema na comunidade, devido aos seguintes fatores: *a*) maior capacidade de leitura e de escrita, *b*) necessidade de comunicação entre diferentes setores regionais e sociais, e, por fim, *c*) o desejo de uma língua *standard* “nacional” como atributo de autonomia e de soberania.

A diglossia, conforme discute Fishman (1967 *apud* HEYE, 2006) envolve situações de bilinguismo em que uma língua estrangeira ocupa a função mais *standard* e enquanto uma variedade local assume a função B [menos *standard*]. Essa situação serviria tanto para explicar o bilinguismo entre hunsriqueanos, como o bilinguismo entre os boêmios, pois ambos, provavelmente, faziam o uso do alemão *standard* para as situações mais formais. A diglossia pode instanciar-se, também, em sociedades monolíngues, como propôs Ferguson. Nesse caso, a mesma língua teria duas variedades, uma servindo para as funções *standard* e a outra variedade para as funções *substandard*.

Nas comunidades de falantes boêmios e hunsriqueanos havia presumivelmente este tipo de funcionalização de variedades, reservando o uso da língua alemã considerada mais *standard* para registros escritos. Tanto para a variedade basilectal do boêmio, quanto para a do hunsriqueano, é de se esperar que a norma *standard* do Hochdeutsch local tenha servido

para essa função mais formal, enquanto o uso das variedades dialetais (basileto do boêmio e hunsriqueano) se restringia ao contexto familiar, considerado mais informal.

Falar em contatos entre línguas, contudo, logo nos remete ao conceito de *bilinguismo*. Nossa pesquisa lida com bilíngues, ou melhor, plurilíngues, com habilidades em um contínuo de variedades, como vimos acima. O bilíngue, no sentido estrito, é aquele indivíduo que consegue se comunicar em duas ou mais línguas. Porém, para muitos autores este termo não é tão simples de ser definido e pressupõe uma série de critérios, como propõem Mackey (1972) e, a seguir, Skutnabb-Kangas (1988, p. 21):

Critério 1: *origem* (o falante é considerado bilíngue se aprendeu duas línguas em uma família de falantes nativos ou utilizou duas línguas paralelamente para se comunicar desde o início).

Critério 2: *competência* (o falante tem completo domínio de duas línguas, controle das línguas como um nativo, tem igual domínio das duas línguas, consegue produzir enunciados completos e ter algum controle da estrutura gramatical).

Critério 3: *função* (consegue utilizar as duas línguas conforme seu desejo e a necessidade da comunidade).

Critério 4: *Identificação interna e externa* (o falante consegue se identificar como bilíngue e é identificado pelos outros como um falante nativo de duas línguas).

Um bilíngue como sujeito que domina duas línguas por completo não é uma definição satisfatória para o contexto de contatos linguísticos do Brasil, onde muitas línguas são orais e não possuem um sistema de escrita. Mackey (1972) observa quatro fatores fundamentais ao definir bilinguismo: 1) o grau de proficiência do indivíduo, 2) a função e o uso destas línguas, 3) a alternância de código e 4) a interferência na outra língua. Estes parâmetros aplicados por Mackey (1972), de certa forma, se aproximam dos critérios que Skutnabb-Kangas (1988) utiliza para definir bilinguismo.

Por outro lado, Grosjean (1996, p. 162) define bilinguismo de forma mais realista para o contexto de línguas de imigração: “*Das umfasst Personen, die eine mündliche Kompetenz in einer Sprache haben und eine schriftliche Kompetenz in einer anderen*“. Grosjean defende que um bilíngue pode ter a competência oral em uma língua e a competência escrita em outra.

As comunidades de imigração alemã no Brasil são um exemplo que segue esta definição de bilinguismo. No caso destas comunidades predomina a constatação de que os falantes se utilizam da língua falada no lar, na comunidade e em momentos de lazer. Por outro lado, estes falantes utilizam a língua majoritária (língua oficial do país) em contextos que exigem a escrita, como na escola, na política e na administração pública.

Mais relevante do que apenas focar na definição nem sempre fácil do bilinguismo é observar os benefícios adquiridos pelos falantes de várias línguas (plurilíngues). Os benefícios em falantes bilíngues já vêm sendo comprovados em pesquisas da área de psicolinguística. Alguns resultados apontam para “possíveis vantagens cognitivas das crianças bilíngues em termos de habilidade aritmética e internalização de conceitos matemáticos” (ZIMMER; FINGER & SCHERER, 2008, p. 8). Estudos realizados com adultos bilíngues em comparação com adultos monolíngues têm mostrado grande desempenho dos bilíngues em processos cognitivos que se deterioram com os efeitos da idade. Segundo Zimmer, Finger & Scherer (2008), essas pesquisas indicam que bilíngues adultos retardam o envelhecimento em até cinco anos.

Precisamos entender melhor quais são os resultados do contato de uma língua com outra. Seguiremos agora com as migrações e o que acontece com a(s) língua(s) que migram com os falantes.

2.4 Topodinâmica da língua de imigração: migrações e contatos linguísticos

Uma das consequências das migrações são as mudanças no espaço geográfico (topodinâmico) que levam a novos contatos linguísticos. A relevância das migrações já é reconhecida por Thun (1996), quando introduz a dimensão diatópico-cinética em seu escopo de análise da variação, distinguindo nela a topodinâmica (de falantes móveis) e a topostática (de falantes fixos). Sobre a necessidade de considerar a mobilidade geográfica dos falantes, imposta pelos novos tempos, Altenhofen e Thun (2016) afirmam:

“Nos dias atuais, não é mais o falante estável, topostático, portanto fixo à localidade (onde nasce, vive e morre), que representa o grupo mais comum, e sim o falante móvel, topodinâmico, que, por razões diversas, migra ou muda de lugar na sua vida” (ALTENHOFEN e THUN, 2016, p. 372).

Para analisar a relação entre as migrações e a variação linguística, Altenhofen e Thun (2016, p. 376) propõem os seguintes critérios:

- a) Condição de migração: é inerente à migração que desencadeie novos inputs que influenciam a fala de migrantes (contatos linguísticos) e provocam uma orientação centrípeta, ou seja, a ampliação dos limites de sua comunidade. O ato de migrar, de se deslocar para um novo meio, amplia o conhecimento de mundo do indivíduo, possibilitando um leque maior de escolhas tanto linguísticas como sociais ou culturais.
- b) Espaço da migração: a migração se dá a uma área mais central ou periférica, em meio urbano ou rural, com proximidade ou distância das vias de comunicação ou de deslocamento, fronteira ou interior, área contínua ou descontínua. Em áreas mais afastadas dos grandes centros, por exemplo, prevalecem, normalmente, marcas mais conservadoras da língua, em grande parte devido à falta de acesso aos bens culturais e até materiais.
- c) Direcionalidade e percurso da migração: a direção das migrações é definida em função do desenvolvimento, pela busca de melhores condições de vida. Alguns migrantes, quando não encontram o que imaginavam, retornam para sua matriz de origem. Estes são os retromigrantes (*Rückwanderer*).
- d) Temporalidade da migração: o tempo transcorrido desde uma migração é fundamental para distinguir as migrações antigas das recentes e, ainda, os migrantes pioneiros ou tardios. O indivíduo que se assenta primeiro parece levar vantagem sobre a escolha do melhor espaço, por exemplo. Por fim, Altenhofen e Thun (2016, p. 392) ainda citam as migrações pendulares, isto é, de ida e de volta no mesmo dia, e as migrações sazonais, que ocorrem em determinado período de atividade mais intensa, por exemplo, num período de colheita ou de outro tipo de trabalho.

O que se tem observado, atualmente, com as novas ondas de migrações para o Brasil (principalmente de africanos), é o predomínio de indivíduos que, no processo migratório, buscam um familiar ou um conhecido, o qual já fixou moradia em algum “lugar novo”. Estes migrantes constituem um tipo de remigrantes (*Zuwanderer*), conforme

Altenhofen (2013, p. 43). Vale destacar que os meios de comunicação rápida (*E-mail* e *WhatsApp*) facilitaram muito a troca de informações e auxiliam na tarefa de encontrar alguém do seu grupo em outra cidade ou país e, até mesmo, para buscar uma oferta de trabalho. Altenhofen (2013, p. 43) explica que os “remigrantes vão privilegiar territorialidades “onde se sentem em casa” e “onde podem se entender” e superar com mais facilidade as adversidades de um ambiente ainda hostil e desconhecido”.

Este tipo de migração, aparentemente, é mais seguro porque oferece algumas informações prévias para quem está a caminho de uma nova pátria. Durante a segunda metade do séc. XIX a comunicação entre indivíduos de diferentes países era realizada por carta, um processo extremamente lento. No entanto, a informação sobre o Brasil, a terra prometida, também chegou até a região da Boêmia (*Böhmen*), pertencente ao então Império Austríaco (1804-1867), mas após a migração para Porto Alegre, RS, os boêmios não conseguiram mais se comunicar com grupos já instalados no RS devido à falta, naquela época, de tecnologias móveis, como, por exemplo, o celular. Segundo Lang (1995) os imigrantes boêmios que se instalaram em Paverama, RS, foram encontrados em Porto Alegre por um agrimensor que vendeu lotes de terras em Teutônia, RS, (divisa com Paverama) para estas famílias. Nas proximidades já havia famílias hunsriqueanas instaladas, o que levou aos novos contatos linguísticos. Os possíveis resultados que podem ter surgido com esses contatos serão explanados na sequência.

2.5 Resultado dos Contatos Linguísticos

2.5.1 Língua como “complexo variacional”

As pesquisas realizadas na fronteira do Brasil com o Uruguai, por exemplo, para o Atlas Linguístico Diatópico e Diastrático do Uruguai (ADDU e ADDU-Norte), dirigidas por Thun e Elizaincín, ofereceram uma imagem bem mais abrangente sobre a situação linguística do norte do Uruguai. Dos contatos entre o português e o espanhol resultou não apenas uma língua “misturada” como a maioria dos estudiosos já defendia, e sim, mais do que isso, um complexo variacional (*a variety complex*, como assinala THUN, 2010, p. 707), ou seja, uma variedade divergente e heterogênea que contém elementos de diferentes variedades em contato que fazem parte do repertório linguístico dos falantes locais.

Não obstante essa complexidade é possível identificar, do lado uruguaio, segundo Thun (idem), três variedades linguísticas: o espanhol uruguaio (conhecido popularmente por castelhano), o uruguaio *substandard* popular e o uruguaio *substandard* rural. Já o espanhol *standard* é a língua ensinada na escola, embora mais em prescrição do que no uso da fala. Vejamos a tabela abaixo com as variedades classificadas em relação ao espanhol, a variedade da fronteira e o português do Brasil, presente na fronteira com o Uruguai.

Quadro 4: O complexo variacional das línguas na fronteira do Uruguai com o Brasil.

Tab. 39.1: A schematic overview of the variety complexes entering into contact

Spanish	Fronterizos		Portuguese
Uruguayan Spanish			Brazilian Standard (“língua padrão”)
	Uruguayan Fronterizo	Brazilian Fronterizo	
Uruguayan Popular Substandard	(1. Proximate zone)		Brazilian Popular Substandard
	(2. Remote zone)		
Uruguayan Rural Substandard			Riograndense Substandard

Fonte: (THUN, 2010, p. 708)

Assim como foram identificadas três variedades do espanhol, nessa área de fronteira, também se identificaram aí três variedades do português frequentes nesse contexto: a língua portuguesa *standard* do Brasil, o português popular (*substandard*) e o português do Rio Grande do Sul (*substandard*). Entre estas variedades ainda estão as variedades fronteiriças: o português de fronteira e o uruguaio de fronteira. A língua portuguesa *standard* goza de benefícios por ser uma língua que possui mais prestígio na fronteira do Uruguai, o que permite espaço nas escolas e nas mídias (THUN, 2010, p. 708).

Mesmo considerando este complexo variacional identificado e registrado a partir dos dados coletados no ADDU, ainda se pode reconhecer no espanhol da fronteira uma variedade da zona central e da zona remota (THUN, 2010, p. 710). Observou-se que na zona remota predomina um grande conservadorismo. Isso foi observado por Thun em relação à ocorrência de formas mais antigas, as quais já foram abandonadas em zonas centrais.

As línguas constituem, como vemos, um complexo de variedades. Como explica Coseriu (1982), ninguém fala “o espanhol” ou “o português” e sim “uma variedade do

espanhol” ou “uma variedade do português”. Assim como temos a variedade do português gaúcho, também temos a variedade do português do norte do Mato Grosso, como observa Figueiredo (2014). Nas áreas de imigração, no Rio Grande do Sul, temos o português de contato que, neste estudo, é denominado de português local, como já mencionado na introdução desta Dissertação. Outra variedade pesquisada neste estudo é o *Hunsrückisch*, o qual também se divide em uma variedade mais *standard* (conhecida como *Hunsrückisch* tipo *Deutsch*) e em uma variedade mais dialetal (*Hunsrückisch* tipo *Deitsch*), conforme Meyer (2009). O hunsriqueano, em contato com o alemão boêmio, foi se nivelando até formar uma *coiné*, como podemos ler abaixo.

2.5.2 Coineização

Um dos processos decorrentes dos contatos linguísticos, neste caso de contatos intervaretais, é o que resulta em uma nova variedade de fala denominada, na literatura, de *coiné*. Conforme Siegel (1985, p. 358), o termo *coiné* surgiu através da designação de uma variedade particular do grego e significa ‘língua comum’. Desde então, o termo passou a ser utilizado para definir novas variedades linguísticas resultantes do nivelamento entre línguas próximas.

O autor faz a diferenciação entre dois tipos de *coiné*, conforme seu espaço de uso. O primeiro tipo é o que Siegel (1985, p. 363) chama de *coiné regional*, visto que resulta do contato entre dialetos regionais e é usada, dentro ou fora de sua região, para fins comerciais. Um exemplo de *coiné regional* seria a *coiné grega original*.

O segundo tipo é a *coiné de imigração*²⁶ que também pode resultar do contato entre dialetos regionais, mas, segundo Siegel (1985, p. 364), ocorre em outra localidade para onde imigraram falantes de diferentes dialetos regionais. Frequentemente a *coiné de imigração* se torna a língua primária da comunidade de imigrantes, como por exemplo, o *Hunsrückisch*, *coiné de imigração alemã no Rio Grande do Sul* (ALTENHOFEN, 1996).

²⁶ “It may also result from contact between regional dialects; however, the contact takes place not in the region where the dialects originate, but in another location where large numbers of speakers of different regional dialects have migrated. Furthermore, it often becomes the primary language of the immigrant community and eventually supersedes the contributing dialects” (SIEGEL, 1985, p. 364).

O termo coineização tem sido aplicado mais recentemente ao processo de nivelamento dialetal e de mistura linguística, onde a formação de uma coine mais estável pode ser apenas um estágio (SIEGEL, 1985, p. 364). O primeiro estágio é o que Siegel (1985, p. 373) denomina de pré-coiné, ou seja, o processo do contato linguístico inicial, no qual várias formas das variedades em contato são usadas de forma inconsistente. O próximo estágio é a coine estabilizada, no qual algumas normas linguísticas (fonológicas, morfológicas e lexicais) foram extraídas das variedades em contato e formaram uma nova variedade de língua. Na sequência tem-se a coine expandida, principalmente quando o uso da variedade acompanha a expansão linguística, o que pode transformar a variedade coineizada em língua *standard* de um país. Por fim, a coine nativizada pode se tornar a primeira língua de um grupo de falantes (SIEGEL, 1985, p. 374), a qual também pode ter passado por um estágio de expansão linguística.

Para explicar a formação de uma coine, Kerswill (2013, p. 230) utiliza uma metáfora médica, o trauma. Segundo o autor, o trauma ocorre através do deslocamento de indivíduos para outra língua e para um novo local onde eles têm de formar uma nova comunidade. E esta necessidade de viver e conviver em um novo ambiente, de uma comunidade de fala desconhecida, faz com que os indivíduos de diferentes idades interajam entre si e, assim, façam ajustes linguísticos para se entender. O autor ainda delimita a coineização como “o nivelamento de formas variantes dos mesmos itens linguísticos (especialmente fonemas e morfemas) e a simplificação - a redução da complexidade fonológica e morfofonêmica” (KERSWILL, 2013, p. 231). A necessidade de conviver em um novo ambiente pode apagar marcas linguísticas antigas e reinserir novas formas linguísticas referentes ao novo meio de convívio.

O *continuum* de desenvolvimento de uma coine não é necessariamente linear, segundo Siegel (1985, p. 375). A coine de imigração, por exemplo, pode ter imigrantes recentes que se encontram na fase pré-coiné, enquanto os imigrantes que já se encontram há mais tempo na comunidade podem apresentar a fase estabilizada e, por fim, as crianças utilizariam uma coine nativizada.

Por fim, Siegel (1985, p. 376) conclui que a coineização é o processo que leva à mistura de subsistemas linguísticos que compartilham características geneticamente parecidas. E deste processo resulta uma variedade estabilizada, a coine. As migrações envolvem contato linguístico e, conseqüentemente, trocas linguísticas que podem formar

uma coíné ou, até mesmo, conduzir a outros processos linguísticos, como veremos nas próximas subseções.

2.5.3 Alternância no discurso bilíngue: *code switching* e *code mixing*

Nas comunidades onde se fala mais de uma língua (bilíngues ou plurilíngues), haverá indivíduos que utilizam mais de uma variedade linguística durante uma conversa, ou simplesmente misturam diferentes línguas. Este comportamento, por exemplo, é típico de situações de contato linguístico, como ocorre nas comunidades de imigração alemã.

O *code-switching* em português seria ‘alternância de código’, onde ‘código’ pode ser interpretado como língua ou variedade linguística (ROMAINE, 1995). Dá-se ao nível da sentença, enquanto o *code-mixing* envolve uma ‘mistura de códigos’. Para King e Mackey (2007, p. 194) o *code-mixing* apenas descreve como os aprendizes combinam duas línguas devido ao conhecimento incompleto de uma ou de ambas as línguas. Esta situação é considerada, segundo os autores, “uma fase de curto prazo” para quem está aprendendo outra(s) língua(s).

Na abordagem sobre *code-switching* King e Mackey (2007, p.194) definem o processo como algo comum entre adultos e crianças proficientes e com domínio nas duas línguas. Elas ainda destacam que o fato de um indivíduo ser capaz de realizar *code-switching* com êxito significa que “o falante tem a compreensão gramatical detalhada de ambas as línguas, incluindo o que pode e o que não pode ser feito em ambas” (KING e MACKEY, 2007, p. 194).

Ao final do texto, King e Mackey (2007, p. 206) reforçam alguns pontos interessantes, entre os quais se destacam:

- O ato de misturar línguas para uma criança ou um aprendiz de línguas deve ser considerado normal, pois faz parte do desenvolvimento bilíngue.
- Se a criança vive em um ambiente onde o *code-switching* é a norma, ela vai aprender automaticamente a mudar o código (ou seja, as variedades linguísticas).
- As línguas minoritárias podem necessitar do apoio de outra língua.

- Não há bilíngue que domine várias línguas como um todo. A aprendizagem de línguas é um processo ao longo da vida, mas nunca é tarde para começar.

Estes pontos descritos por King e Mackey (2007) são importantes para perceber que *code-switching* e *code-mixing* podem ser práticas frequentes e comuns no comportamento de indivíduos bilíngues ou plurilíngues. Quanto mais línguas um indivíduo falar, maior é seu poder de escolher em qual momento optar pela língua A ou B. No caso das línguas brasileiras de imigração, ocorre a mistura e a alternância de variedades linguísticas com muita frequência, o que pode acontecer para suprir lacunas, conforme veremos abaixo.

2.5.4 Transferência linguística

As línguas são heterogêneas (COSERIU, 1982) e tentam se ajustar para que a comunicação possa fluir naturalmente. Muitas vezes acontecem empréstimos linguísticos, ou seja, alguns termos ou fones de determinada língua ou variedade A são transferidos para outra língua ou variedade B. Ao afirmar que as línguas minoritárias podem necessitar do apoio de outra língua, King e Mackey (2007, p. 206) acentuam a necessidade do empréstimo para preencher uma lacuna. As línguas de imigração no Brasil necessitam deste apoio linguístico, por exemplo, do português para expressar acontecimentos da cultura brasileira local ou até mesmo para nomear plantas ou animais típicos do Brasil, entre outras necessidades lexicais, por exemplo, que não faziam parte do repertório desta língua que migrou para um novo meio. Este mesmo processo também acontece com as línguas majoritárias, principalmente quando fazem o uso de estrangeirismos.

O empréstimo pode ocorrer na fala de indivíduos com competência apenas monolíngue, enquanto que o *code-switching* implica algum grau de competência nas duas línguas (ROMAINE, 1995, p. 124). O ato de alternar ou misturar línguas/variedades para falantes bilíngues também é muito parecido com o ato de mudar de um estilo linguístico a outro para monolíngues. No entanto, o bilíngue possui mais opções de escolha para se comunicar com falantes também bilíngues, conforme Romaine (1995, p. 143).

No caso de línguas e variedades que possuem algum grau de semelhança, como no caso do *Hunsrückisch* e do alemão *standard* (*Hochdeutsch*), os falantes podem aproveitar habilidades linguísticas prévias de uma para entender a outra. Os falantes de *Hunsrückisch*,

por exemplo, se utilizam dos conhecimentos dessa variedade para ler ou cantar em alemão *standard*. Esta transferência linguística também é útil para compreender partes da língua *standard* sem ter aprendido esta língua em sala de aula, como veremos na análise dos dados, capítulo 4 deste estudo.

2.6 Pluridimensionalidade da variação linguística

Esta Dissertação também segue, como já se mencionou, o modelo teórico da dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1998), ou ainda, dialetologia pluridimensional e contatual. Nas palavras de Thun (1998, p. 704) a dialetologia deve relacionar variantes e variedades de um lado, e de outro os falantes. Nesta perspectiva a dialetologia areal e a sociolinguística se unem para formar uma geolinguística ampliada, o que também pode ser denominado de “dialetologia pluridimensional”. O princípio básico que norteia esse modelo é o princípio da pluridimensionalidade da análise da variação linguística, pelo qual se busca combinar a dimensão diatópica (interesse primordial da dialetologia tradicional) com dimensões sociais (interesse da sociolinguística). A dialetologia pluridimensional surgiu, principalmente, para ampliar a compreensão das variedades linguísticas em contato, entender o comportamento linguístico dos falantes topodinâmicos (mobilidade espacial) em comparação com os topostáticos, compreender as atitudes metalinguísticas e entre outras possibilidades (THUN, 1998, p. 706).

Segundo Altenhofen (2013, p. 34), “difícilmente encontramos uma sociedade puramente monolíngue. Mesmo nas sociedades urbanas, a globalização, a ampliação dos espaços midiáticos e a internacionalização pressupõem variação e diversidade linguística”. E é diante da complexidade dos contatos linguísticos que precisamos do modelo pluridimensional para entender melhor o que acontece com as variedades em determinado local (diatopia), com determinado falante (dimensões diastrática, diageracional, diassexual), em quais línguas ocorre a comunicação (dimensão dialingual), como ocorre o uso da língua nos diferentes estilos (dimensão diafásica), além de outros parâmetros, como podemos visualizar no quadro 5 abaixo, referente ao Projeto ALMA-H:

Quadro 5: Dimensões de análise consideradas pelo ALMA-H.

Dimensão	Parâmetro	critério
Diatópica	Topostático (informante em um domicílio fixo)	41 pontos de inquérito.
Diatópica-cinética	Topodinâmico (mudança de domicílio – mobilidade espacial)	Em grande parte, relação entre colônias velhas (matriz de partida) e colônias novas (matriz de chegada).
Diastrática	Ca = classe (socioculturalmente) alta Cb = classe (socioculturalmente) baixa	Ca (com formação universitária parcial ou completa). Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita).
Diageracional	GII (geração velha) GI (geração nova)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
Diassexual	Ho = homens Mu = mulheres	
Dialingual	hrs = hunsriqueano hdt = alemão-padrão pt = português sp = espanhol	Essa dimensão é complementada com dados dos atlas linguísticos do português (ALERS e ALiB) para o português.
Diafásica	Resp = respostas ao questionário Leit = leitura Tx = conversa livre (etnotextos)	Três estilos de uso da língua.
Diarreferencial	Lg = fala “objetiva” MLg = fala metalinguística	Essa dimensão é estimulada pela técnica de entrevista em três tempos: perguntar (resposta espontânea) – insistir – sugerir.
Diarreligiosa	Cat = católico Lut = evangélico-luterano	Tipo de localidade conforme as confissões religiosas presentes.
Diamésica	Escr = língua em meio escrito vs. Fal = meio falado	Coleta de dados em áudio e vídeo (oralidade) e em meio escrito (p. ex. impressos, cartas de imigrantes, inscrições em estabelecimentos comerciais, placas, topônimos e sepulturas).

Fonte: ALTENHOFEN e THUN, 2016, p. 375.

A pluralidade simultânea de informantes (THUN, 1998, p. 706), ou seja, as entrevistas com um grupo de homens e de mulheres (dimensão diassexual) do mesmo perfil social (diastrática e diageracional) aumenta a representatividade dos dados, a frequência de comentários metalinguísticos entre o grupo e a completude dos dados, pois já não se busca apenas um informante do sexo masculino, mais velho e isolado geograficamente. A pluralidade de informantes com perfis sociais diferentes (diageracional: velhos e jovens) também é importante para analisar possíveis mudanças linguísticas, por exemplo.

As entrevistas que seguem a técnica de três tempos (perguntar-insistir-sugerir) esclarecem um conjunto de relações linguísticas e sociais que podem, por exemplo, estar interligadas com determinada variante. O entrevistador faz a pergunta que está no questionário e obtém uma resposta (espontânea), insiste para receber mais variáveis (uso

ativo de variáveis linguísticas) e, por fim, sugere outra variável (se ainda tiver), o que representa o conhecimento linguístico passivo do informante.

As vantagens em seguir o princípio da pluridimensionalidade da variação linguística residem em ampliar o poder de explanação, visando a interpretação dos dados e o controle sobre o significado social e linguístico do espectro de variantes. Por fim, com o modelo teórico da dialetologia pluridimensional e contatual, espera-se aumentar os argumentos linguísticos em favor ou contra as hipóteses formadas sobre a estrutura e o processo da constituição do contínuo variacional que envolve as línguas em estudo.

No próximo capítulo, serão apresentados os procedimentos metodológicos que foram utilizados para a coleta e análise dos dados.

CAPÍTULO 3 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

3.1 Reflexões prévias

A pesquisa desta Dissertação de Mestrado, de cunho dialetológico e contatual, enfoca, como já se disse, a variedade de língua alemã falada na comunidade de descendentes boêmios, em contato, principalmente, com a variedade hunsriqueana. Trata-se, neste caso, de variedades minoritárias alemãs de imigração usadas essencialmente na oralidade. Tendo esta especificidade, os dados devem ser analisados pensando em sua comparabilidade com outros estudos que também têm por foco grupos migratórios, os quais pesem aspectos como espaço, trajetória e temporalidade que, segundo Altenhofen e Thun (2016), precisam ser considerados nos estudos de migrações.

O recorte do objeto de estudo exige, portanto, pelas características já mencionadas, que se recorra a mais critérios do que apenas às marcas linguísticas inerentes à língua do grupo pesquisado. Conforme se assinalou no capítulo teórico deste estudo, a variedade do alemão falado pelos descendentes de boêmios se assemelha bastante ao hunsriqueano, variedade dominante em seu entorno, com o qual sofreu o processo de coineização.

Atualmente os boêmios se comunicam nesta variedade linguística apenas com amigos, os quais são sempre da geração mais velha (GII) e de classe social menos escolarizada (Cb), além de serem designados como falantes fixos à localidade (dimensão topostática). Em ambientes públicos e na família, como se observou nas pesquisas em campo, permanecem as línguas de contato, como o hunsriqueano e o português.

Na tentativa de compreender a variedade do boêmio e de reconstruir sua configuração no tempo e no espaço, relembremos os seguintes objetivos:

- 1) Identificar marcas linguísticas (etnoletais) associadas à variedade dos imigrantes boêmios de Linha Brasil em contato com outras variedades do alemão, em especial do *Hunsrückisch* na localidade de Santa Manoela, no Rio Grande do Sul. Este objetivo envolve a descrição de graus de dialetalidade [+ ou – dialetal] ou de standardização [+ ou – standard], bem como de coineização, isto é, de nivelamento linguístico com as demais variedades em contato, em especial [+Hunsrückisch].

2) Descrever a variação no grau de presença (ocorrência) de marcas boêmias ou [+boêmias], na fala de diferentes segmentos sociais (Cb e Ca: dimensão diastrática; GII e GI: dimensão diageracional), identificando os fatores que atuam na conservação ou perda dessas marcas.

3) Analisar a percepção do alemão falado pelos descendentes de boêmios e de sua posição social, no contato com as demais variedades (dimensão diarreferencial).

Para alcançar os objetivos acima, observamos as dimensões de análise como primeira meta da ordem metodológica para possibilitar a seleção dos informantes, como veremos na sequência.

3.2 Dimensões de análise da variação linguística em foco

Com o modelo teórico-metodológico da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1996), pode-se confrontar os dados da variação linguística das línguas brasileiras de imigração em diferentes dimensões de análise. Evidentemente, o quadro dos fatores / dimensões não é uma receita fechada que não possa ser (re)adaptada. Cada contexto de pesquisa determinará o perfil dos informantes e as dimensões pertinentes a serem aplicadas no levantamento de dados.

Nesta Dissertação, seguem-se as dimensões e procedimentos adotados pelo ALMA-H, buscando combinar a dimensão diatópica-topostática (informantes com domicílio fixo na localidade de pesquisa) com as dimensões diastrática (Ca e Cb) e diageracional (GII e GI), conforme a parte hachurada do quadro abaixo. Estas serão as principais dimensões de análise, com as quais se busca compreender melhor a situação linguística que envolve a língua de imigração dos boêmios.

Quadro 6: Dimensões de análise adaptadas para esta pesquisa.

DIMENSÕES	PARÂMETROS	CRITÉRIOS
DIATÓPICA	Topostático (informantes com domicílio fixo)	Paverama: Linha Brasil (<i>Eesterreich</i>) e Santa Manoela (<i>Russland</i>).

DIATRÁTICA	Ca = classe (socioculturalmente) alta Cb = classe (socioculturalmente) baixa	Ca (com formação técnica / universitária parcial ou completa) Cb (até ensino médio + profissão que não exija o uso da escrita)
DIAGERACIONAL	GII (geração mais velha) GI (geração mais jovem)	= acima de 55 anos = 18 a 36 anos
DIASSEXUAL	Homens vs. mulheres	Homens e mulheres do mesmo perfil, quando havia essa possibilidade, foram entrevistados em dupla. Esta pluralidade simultânea de informantes será observada apenas de forma qualitativa.
DIAFÁSICA	Respostas ao questionário vs. conversa livre vs. leitura	Três estilos de uso da língua
DIARREFERENCIAL	Língua-objeto vs. metalíngua incluindo língua apresentada	“técnica de entrevista em três tempos”: perguntar (resposta espontânea) – insistir - sugerir
DIARRELIGIOSO	Católico vs. Evangélico- Luterano	NÃO considerado, pois todos os informantes se auto declararam católicos.

Fonte: Dimensões adaptadas pela autora, cf. ALMA-H.

As demais dimensões, como a diassexual, diafásica, diarreferencial e diarreligiosa, serão analisadas de forma qualitativa. A dimensão diassexual segue o critério da pluralidade simultânea de informantes (RADTKE e THUN, 1996), o que envolve um informante do sexo masculino e um do sexo feminino. O critério da pluralidade de informantes com um mesmo perfil sociológico permite análises parciais de variação diassexualmente condicionada, conforme dados do ALMA-H. A dimensão diafásica envolve questionamentos diretos com base em um questionário (ver instrumento de coleta abaixo), conversas livres (estilo menos monitorado) e a leitura em alemão *standard* (estilo monitorado).

A dimensão diarreferencial se utiliza da técnica de entrevista com questionário em três tempos: perguntar, insistir e sugerir. Esta técnica permite ao informante resgatar o vocabulário que ele ainda lembra, mas não utiliza de forma espontânea. A dimensão diarreligiosa não será analisada porque todos os informantes se auto declararam católicos, o que já foi mencionado no capítulo inicial, no item 1.2 (*Área em estudo no Vale do Taquari: Paverama*). Na sequência veremos o perfil dos informantes, o qual envolve as

dimensões diastrática (Ca e Cb) e diageracional (GII e GI), além da dimensão diatópica (informantes com domicílio fixo na comunidade em estudo).

3.3 O perfil dos informantes

Para possibilitar futuras comparações de dados linguísticos seguimos nesta pesquisa os mesmos critérios de seleção de informantes do ALMA-H. Como mostra o quadro a seguir, tem-se agrupamentos de perfis em cada quadrante: CaGII, CaGI, CbGII e CbGI, onde Ca corresponde ao grupo mais escolarizado e Cb, ao grupo menos escolarizado e com menos acesso à escrita. O grupo de informantes mais velhos é representado pelo GII e o grupo dos mais jovens pelo GI. Com isso, temos o equivalente a quatro entrevistas em cada ponto de pesquisa, o que resulta em oito entrevistas no total para este trabalho de Mestrado.

Quadro 7: Seleção dos informantes, seguindo os critérios do ALMA-H.

<p style="text-align: center;">CaGII</p> <p>a) um homem e uma mulher acima de 55 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma</p>	<p style="text-align: center;">CaGI</p> <p>a) um jovem e uma jovem de 18 a 36 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade superior e ocupação profissional livre/autônoma</p>
<p style="text-align: center;">CbGII</p> <p>a) um homem e uma mulher acima de 55 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade básica (analfabeto até 2º grau incompleto) e ocupação profissional agricultor ou empregado que <u>não</u> exija o uso da escrita</p>	<p style="text-align: center;">CbGI</p> <p>a) um jovem e uma jovem de 18 a 36 anos,</p> <p>b) nascidos na localidade, ou que viveram 3/4 da vida na localidade (obrigatoriamente os últimos 5 anos),</p> <p>c) com escolaridade básica (analfabeto até 2º grau completo) e ocupação profissional agricultor ou empregado que <u>não</u> exija o uso da escrita</p>

Fonte: <http://www.ufrgs.br/projalma/metodologia/informantes.html>.

Das oito entrevistas realizadas não se conseguiu a pluralidade de informantes para o grupo CaGII (mais escolarizados e da geração mais velha). Na comunidade dos hunsriqueanos conseguiu-se apenas um homem da geração mais velha (GII) que tivesse formação de nível superior em licenciatura (Ca). Já na comunidade de boêmios não há mais informantes que se encaixem neste perfil de CaGII.

Com a geração mais jovem que possui ensino técnico ou superior (CaGI) também foram encontradas algumas dificuldades. Este perfil foi preenchido com jovens do sexo masculino em cada comunidade devido à dificuldade de encontrar jovens do sexo feminino que se enquadrassem nos critérios estabelecidos, sendo um com nível técnico e o outro com ensino superior em licenciatura. Então, sempre que se considerou a classificação sócio-cultural alta (Ca), realizou-se a entrevista com apenas um único informante, dada a dificuldade de encontrar outro com perfil semelhante. Como há falta de opções no mercado de trabalho local, que não seja voltado para a licenciatura ou agropecuária, os jovens que possuem alguma formação superior mudam de cidade em busca de melhores opções de trabalho. Também existe uma parcela de jovens, principalmente do sexo feminino, que procura melhores condições de estudo e acabam optando em morar e estudar em outra cidade, futuramente se fixando até para ter opção de melhores condições de empregabilidade. Outro fator que auxilia na migração das mulheres jovens para centros urbanizados é a falta de terra, já que os homens herdaram, quase sempre, a propriedade rural para dar continuidade aos trabalhos iniciados pelos pais. A ausência de investimentos públicos para profissionalizar os jovens da área rural e a falta de infraestrutura no campo também contribui para “expulsar” os herdeiros das terras em direção aos centros urbanos.

O quadro a seguir facilita a visualização da representatividade dos informantes em cada ponto de pesquisa e em seu respectivo perfil social, conforme explicado anteriormente. A dimensão diasssexual (sexo masculino: **m** e feminino: **f**) foi registrada com o ano de nascimento de cada informante.

Tabela 3: Ano de nascimento dos informantes

	Linha Brasil: boêmios		Santa Manoela: hunsriqueanos
CbGII	m1: 1950 e f: 1950 m2: 1928 e f: 1933 m3: 1941 m4: 1933	CbGII	m: 1940 e f: 1939

CaGII	(Sem informantes)	CaGII	m: 1945
CbGI	m: 1984 e f: 1983	CbGI	m: 1980 e f: 1987
CaGI	m: 1989	CaGI	m: 1992

Fonte: elaborado pela autora

Para o grupo CbGII (classe sócio-cultural baixa e geração mais velha) foram realizadas quatro entrevistas em Linha Brasil, por isso, preferimos a marcação m1 ao m4 para informantes do sexo masculino. A primeira ocorreu com um homem e uma mulher, ambos bilíngues (boêmio, hunsriqueano e português), apresentando condições linguísticas consideradas ideais conforme o método escolhido. A segunda entrevista também envolveu um casal, falantes de alemão (variedade considerada + *standard* em relação ao hunsriqueano), porém pouco fluentes na língua portuguesa, o que inviabilizou a aplicação das perguntas em língua portuguesa. A terceira e a quarta entrevista realizada com falantes do boêmio foram realizadas com um informante masculino, sendo um com aproximadamente 80 anos e outro com aproximadamente 75 anos, ambos bilíngues/plurilíngues. Para a análise dos dados como um todo, escolheremos a primeira entrevista com o grupo CbGII. As demais serão utilizadas parcialmente, principalmente para as análises da variedade basilectal do boêmio e de conversas livres. Para entender melhor o perfil linguístico dos informantes entrevistados, foi elaborado o seguinte quadro.

Quadro 8: Línguas utilizadas pelos informantes.

	Linha Brasil: boêmios		Santa Manoela: hunsriqueanos
CbGII	Conhecimentos do alemão <i>standard</i> , variedade do alemão boêmio, <i>Hunsrückisch</i> e português	CbGII	<i>Hunsrückisch</i> , português e conhecimentos do alemão <i>standard</i>
CaGII	(Sem informantes)	CaGII	<i>Hunsrückisch</i> , português e conhecimentos do alemão <i>standard</i>
CbGI	<i>Hunsrückisch</i> e português	CbGI	<i>Hunsrückisch</i> e português
CaGI	<i>Hunsrückisch</i> e português	CaGI	<i>Hunsrückisch</i> , português e inglês

Fonte: Elaborado pela autora

Neste quadro resumimos as informações sobre o perfil linguístico de cada grupo entrevistado. Percebe-se que o hunsriqueano e o português são as línguas dominantes e que o alemão *standard* está presente apenas entre a geração mais velha, na forma de conhecimentos básicos (mais na oralidade). A variedade basiletal do boêmio permanece apenas nas gerações mais velhas de Linha Brasil, conforme já mencionamos anteriormente, e representa, possivelmente, o início da perda linguística dessa variedade devido a não transmissão da língua para as gerações mais jovens. A língua inglesa apareceu no grupo CaGI de Santa Manoela, aprendida na fase adulta, como ferramenta de trabalho, e apresentou leves interferências do inglês na fala da variedade hunsriqueana. Além disso, este grupo (CaGI - Santa Manoela) foi o único que adquiriu o português e o hunsriqueano de forma consecutiva. Os demais informantes declararam ser a variedade hunsriqueana (*unser Deutsch*) sua língua materna, ou seja, a língua adquirida na infância, sendo o português aprendido durante a fase escolar.

Na sequência, veremos como se deu a coleta dos dados.

3.4 Procedimentos de coleta dos dados

O principal instrumento para a coleta de dados com entrevistas semidirigidas foi o questionário (em anexo II) adaptado do ALMA-H. Este questionário apresenta quatro partes resumidas, conforme segue:

- a) PARTE A: identifica os informantes: aspectos da constituição familiar e aspectos (meta)linguísticos;
- b) PARTE B: caracterização das comunidades de pesquisa;
- c) PARTE C: inclui as variáveis lexicais selecionadas de acordo com os seguintes critérios:
 - 1) variante típica do alemão falado pelos descendentes de boêmio claramente divergente da forma usual do hunsriqueano;
 - 2) variantes que em algum momento se assemelham no Hrs e no Bo;
 - 3) neologismos com empréstimos do Hrs ou do português.Além das variáveis lexicais, a parte CgramI composta de uma seleção de frases de Wenker (*Wenker-Sätze*) busca levantar variantes morfossintáticas e fonéticas. Por fim, acrescentaram-se 10 frases curtas, criadas pela autora deste trabalho, para analisar variantes específicas comparáveis

com dados cartografados em estudos no norte da Boêmia (cf. BECKER, 1939; ARNOLD, 1950; BAUMBACH, 2001).

d) PARTE D: leitura de um texto (da parábola do Filho Pródigo) em alemão *standard*.

Para possibilitar a transliteração de partes da fala dos informantes, as entrevistas foram gravadas com um gravador da marca Fostex, acompanhado de um microfone profissional, cedido pelo projeto ALMA-H. Nas saídas de campo levava-se o questionário impresso, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para cada informante, além dos equipamentos de gravação. Cada entrevista teve uma duração média de 01 hora e 15 minutos aproximadamente. A língua utilizada nas entrevistas pela entrevistadora foi o *Hunsrückisch*, variedade do alemão falado majoritariamente nos pontos de pesquisa em questão.

As entrevistas ocorreram na residência dos informantes, alguns com horário pré agendado (principalmente com os mais jovens) e outros sem horário agendado devido à falta de contato telefônico ou de algum tipo de rede social, como o *Facebook*, por exemplo. Este contexto mais rural faz constar alguns ruídos nos áudios, como o mugir do gado ou o canto do galo, comuns na zona rural.

Após as entrevistas, os dados em formato digital foram salvos no computador, onde foram devidamente identificados e etiquetados, posteriormente também segmentados nas respectivas partes e perguntas, para facilitar a transliteração e transcrição. Em uma primeira etapa de análise, foram escolhidas as variáveis linguísticas mais representativas para os objetivos previstos e feitas as análises quantitativas. Pode-se, assim, observar com mais precisão os processos linguísticos a que se fez alusão no cap. 2, concentrando-se, acima de tudo, no grau de dialetalidade, estandardização e coineização das variedades faladas pelos boêmios e hunsriqueanos em Paverama. A seguir, apreciaremos os tipos de dados coletados e sua organização.

3.5 Organização e tipos de dados do corpus

Inicialmente os dados gravados (áudios) foram separados em pastas etiquetadas no computador com o perfil sociológico de cada grupo de informantes (ex.: CaGI-Localidade)

e sua localidade. Vale lembrar que a localidade de Santa Manoela representa o grupo de falantes do *Hunsrückisch* e a de Linha Brasil, o grupo de boêmios. Esta etapa inicial facilita e agiliza o acesso aos dados, além de garantir a sua organização e ordenamento, sem misturar perfis diferentes. Após esta etapa, seguiu-se com a segmentação de cada pergunta e resposta, conforme a ordem das questões do questionário. Cada pergunta-resposta segmentada (recortada) recebeu uma etiqueta com a sigla do capítulo, o número da questão e o tema, como por exemplo, Clex-18-Gabel. Estes áudios foram editados com o uso do programa *Audacity*, o qual permite manusear o material com certa facilidade, principalmente na hora de transliterar os dados da fala. Vejamos os exemplos abaixo:

Figura 4: Organização dos dados.



Fonte: Elaborado pela autora.

Com os dados organizados, iniciou-se a transliteração dos áudios seguindo o sistema de escrita do modelo ESCRITHU (ALTENHOFEN *et al*, 2007), o qual também é utilizado pelo ALMA-H para escrever a variedade linguística do *Hunsrückisch*. Neste estudo, utilizou-se o termo *transliterar* no mesmo sentido que *Transliteration* (al.) para escrever os dados orais da variedade do boêmio e do hunsriqueano. Já o termo *transcrição* é utilizado no mesmo sentido do termo *Transkription* (al.), o qual se utiliza do alfabeto fonético internacional (IPA). Em casos específicos da variedade basiletal do boêmio, fez-se o uso da transcrição fonética, inserindo (onde a pronúncia se mostrava relevante) o segmento transcrito entre colchetes, a fim de registrar com mais acuracidade essas variantes.

Além dos dados linguísticos, também foi fotografada a presença visual da língua de imigração, na paisagem linguística de cada comunidade, principalmente inscrições nas

igrejas e em lápides de cemitério, bem como em documentos impressos e manuscritos, coletados ao longo da pesquisa. Após cada entrevista, também foram realizadas anotações no diário de campo, com base nas observações participantes feitas, por exemplo, em eventos sociais, como festa do dia das mães, missas e cultos religiosos. Algumas dessas anotações podem ser correlacionadas com dados das entrevistas semidirigidas. Ao lado do levantamento de dados linguísticos e iconográficos, também foram recolhidos dados históricos e culturais no formato de textos livres (etnotextos), em que os informantes relatam aspectos da imigração, da história da comunidade e do convívio com os demais membros do grupo. A seguir, como último aspecto, coloca-se a definição sobre os procedimentos de análise e a utilização dos dados coletados em campo.

3.6 Análise dos dados

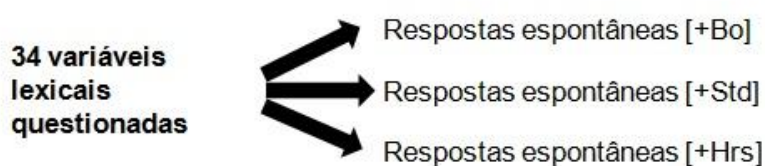
O presente estudo mescla procedimentos de análise quantitativa e qualitativa. Para a análise quantitativa, foram selecionadas variáveis em que se observaram variantes opostas com as quais se poderia quantificar graus de dialetalidade, coineização e estandardização. Neste sentido, buscamos analisar, mais especificamente, a oposição entre marcas de resistência linguística [+Bo] e marcas do nivelamento linguístico [+Hrs]. Como esta Dissertação engloba apenas dois pontos de pesquisa, abrimos mão da cartografia, mas nada impede a comparação dos dados deste estudo com cartografias já realizadas em outras pesquisas. Ao invés disso, os dados estatísticos são analisados em esquema de cruz, como um cartograma que representa os grupos sócio-culturais de falantes das duas localidades de pesquisa, lado a lado (THUN, 1998, p. 711), semelhante ao que foi realizado no ALGR-S (*Atlas Lingüístico Guaraní-Románico. Sociología*).

Por outro lado, a análise qualitativa serve para complementar os resultados da análise quantitativa. Seu foco central são as percepções dos falantes (dimensão diarreferencial) sobre as marcas linguísticas observadas nos dados. Algumas percepções linguísticas surgem de maneira espontânea ao longo das entrevistas, outras ocorrem através de comentários ou perguntas realizadas pela entrevistadora. Com isso, buscamos subsidiar a interpretação dos resultados da análise quantitativa, tomando por base, principalmente, excertos de fala espontânea dos informantes sobre temas variados. Estes textos livres fornecem detalhes sobre aspectos culturais e históricos da comunidade de fala e servem para fins comparativos e para estudos complementares. Conforme Thun (2009, p.534), sem

o registro da fala dos informantes em diversos estilos (variação diafásica: conversa livre, leitura e respostas ao questionário), não poderíamos saber se existe a variação entre falantes da mesma localidade. Para ampliar as reflexões e controlar a análise dos dados gravados em áudio, incluiu-se, além da observação participante, relatos escritos em caderno de campo.

Para a análise quantitativa, consideramos um total de 34 variáveis lexicais levantadas por meio da parte C do questionário (ver anexo II). Trata-se de variáveis que indicam graus de dialetalidade (4.2) e que se revelaram mais salientes. Em seguida, analisamos os graus de standardização (4.3) e o grau de coineização (4.4) conforme a representatividade dos dados em cada tópico. Vejamos o quadro com as possíveis respostas espontâneas adquiridas.

Figura 5: Possíveis respostas espontâneas adquiridas em três variedades.



Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme já se mencionou, a elaboração das perguntas do questionário seguiu a técnica em três tempos (perguntar-insistir-sugerir). As variantes dadas como resposta espontânea (normalmente, a primeira variante que o informante respondeu) são interpretativamente associadas, neste estudo, a três variedades possíveis. Essa associação (ou atribuição de marca inguística) segue o critério básico de sua semelhança com o Hrs. do entorno, sua proximidade maior com a norma *standard* escrita e, por fim, o grau de desvio do padrão linguístico vigente na localidade, além de comentários metalinguísticos dos próprios falantes, explorados, sobretudo, por meio das sugestões e perguntas de insistência (p.ex. “quem fala assim?”).

As respostas espontâneas representam, hipoteticamente, o conhecimento ativo do falante, isto é, pressupõem variantes de uso ativo, já que ocorrem de forma espontânea. Neste sentido, foram medidos os percentuais de uso efetivo em cada entrevista, para identificar os graus de dialetalidade e coineização que caracterizam o alemão no respectivo

grupo de falantes. As variantes adquiridas por meio da sugerência (nesse raciocínio, o conhecimento passivo, portanto em vias de substituição, já que não mais ocorre espontaneamente, embora ainda estejam na memória) não foram computadas para a soma das porcentagens, mas serão mencionadas no texto, sempre que possível, porque também representam um conhecimento em relação à variedade linguística pesquisada. Mostram, enfim, que a variante ainda está ali, mas caiu em desuso, embora ainda sobreviva na memória do passado, quando era usada com mais frequência.

O grau da lusitanização não será aprofundado neste estudo, que tem por ênfase o contato intervareletal (entre variedades do alemão), mas entrarão na discussão da análise qualitativa dos resultados apresentados em fala mais livre, por mostrar a livre escolha da língua pelos informantes. Nas variáveis selecionadas do questionário já se espera uma resposta em uma das variedades do alemão. Os informantes são avisados previamente sobre a técnica que envolve respostas em variedades de língua alemã. Nos textos de conversação semidirigida (THUN, 1996, p. 212), ou seja, nas falas menos monitoradas, entram todas as variedades de língua do contato linguístico (4.5), inclusive o português, o qual é usado no cotidiano dos falantes junto com o alemão. Por fim, para concluir o capítulo da análise dos dados, ainda analisamos brevemente a percepção do alemão boêmio (4.6) em contato com o hunsriqueano.

Para o registro escrito dos dados de fala utilizamos o modelo de escrita do ESCRITHU (ALTENHOFEN *et al*, 2007) e, onde necessário e pertinente, recorreremos à transcrição fonética de segmentos de variantes fonéticas para contemplar nuances do contínuo variacional dos falantes do alemão boêmio, conforme quadro de vogais e das consoantes abaixo. O ESCRITHU segue as regras de escrita do alemão *standard*, visando uma leitura e aprendizagem paralela dada a origem histórica comum das variedades alemãs faladas no RS. Como, até onde se sabe, não há registros de escrita na variedade dos imigrantes boêmios, que se valem via de regra do *standard* (*Hochdeutsch*) para essa função, observamos a relevância de identificar algumas “marcas distintivas”, na transliteração dos áudios, como se pode ver no quadro abaixo.

Quadro 9: Símbolos para a grafia das vogais.

Variável	Variantes fonéticas (transcrição cf. IPA)	Exemplos transliterados cf. ESCRITHU	Significado em português
Vogais			
/a/	[a:] [ɔ:]	H <u>ahn</u> , s <u>agen</u> H <u>oo</u> hn, s <u>oo</u> hn	‘galo’, ‘dizer’
/e/	[e], [e:] [ɛ] [a], [a:]	G <u>el</u> d, R <u>eh</u> n F <u>e</u> nster G <u>al</u> d, R <u>ah</u> n, F <u>an</u> ster	‘dinheiro’, ‘chuva’ ‘janela’
/-e/ em final de palavra	[ɛ] []	Schul <u>e</u> Schul	‘escola’
/ö/	[e:]	sche <u>en</u>	‘bonito’
/o/	[o:], [o] [ou]	H <u>os</u> e, verb <u>o</u> tt H <u>ou</u> se, verb <u>ou</u> ten	‘calça’, ‘proibido’
/ü/	[ɪ]	G <u>l</u> ick	‘sorte’
/ü/	[ɪ] [ɛ]	f <u>in</u> nef f <u>en</u> f / f <u>em</u> f	‘cinco’
/au/	[aʊ] [ɔ:] [a:] [ou]	B <u>au</u> m B <u>oo</u> m B <u>aa</u> m B <u>ou</u> m	‘árvore’
/au/	[aʊ] [ɔ:] [ɛɪ]	gl <u>au</u> be gl <u>oo</u> we gl <u>ej</u> be	‘acreditar’
/ei/	[aɪ] [ɛ:], [æ:] [ɔɪ]	Zw <u>ei</u> rood Zw <u>ä</u> rood Zw <u>eu</u> rood	‘bicicleta’
/ei/	[aɪ] [ɛɪ]	h <u>ei</u> ss h <u>ej</u> ss	‘quente’
/ei/	[aɪ] [ɛ:]	kle <u>in</u> , ke <u>in</u> kle <u>en</u> , ke <u>en</u>	‘pequeno’, ‘nenhum’
/eu/	[ɔɪ] [aɪ]	L <u>eu</u> te L <u>ei</u> t	‘pessoas’

Fonte: Elaborado pela autora.

No quadro das vogais, temos percebido principalmente a ocorrência de [a] em lugar de [e], como em *Gald* ‘dinheiro’, para a variedade de fala dos imigrantes boêmios. É frequente, além disso, a ditongação da vogal /o/ para [ou], como em *House* ‘calça’. Assim como no *Hunsrückisch*, também não se observa nenhum arredondamento das vogais /ö, ü/ na variedade de fala dos boêmios. No entanto, chama atenção a ocorrência relativa de um [æ:] bem aberto, como em *zwä* ‘dois’ (*zwei* em Hdt), o qual optamos por registrar, na transliteração, com o grafema /ä/, assim como ocorre em *Käse* ‘queijo’ do alemão *standard*. É, por fim, bastante comum na fala do grupo boêmio a realização de /e/ átono final, em alguns substantivos como *Schule* ‘escola’ (*Schul* no *Hunsrückisch*). Sua pronúncia é percebida muitas vezes como sendo uma marca bastante saliente dos boêmios, e nem sempre aparece como schwa, e sim como um [e]. Na análise, não faremos distinção da qualidade desse /e/ final; apenas iremos considerar sua ocorrência ou não.

Vejamos agora com mais detalhes a realização das consoantes.

Quadro 10: Símbolos para a grafia das consoantes.

Variável	Variantes fonéticas transcrição cf. IPA)	Exemplos transliterados cf. ESCRITHU	Significado em português
Consoantes			
/-b-/	[b] [v]	aber awer	‘mas’
/-nd-/	[nd] [n]	und unn	‘e’
/-nt-/	[nt] [n]	unter unner	‘embaixo’
/pf-/	[pf] [f] [p]	pflanzen flanzen planzen	‘plantar’
/ver-/	[fɐ] [fo]	vakoofe vokoofe	‘vender’
/-en/ átono final, sobretudo em final de verbos	[ən] [ə]	lesen lese	‘ler’
/-s-/	[s]	Fenster	‘janela’

	[ʃ]	Fens <u>ch</u> ter	
/-ch/	[ʃ] [s]	<u>is</u> ch <u>i</u> s	‘eu’

Fonte: Elaborado pela autora

O quadro da produção de consoantes pelos imigrantes boêmios é muito semelhante ao que ocorre na variedade do *Hunsrückisch*. O que chama atenção é a realização de /pf/, como em *pflanzen* ‘plantar’, e a manutenção de /-en/ no final de verbos, tal como ocorre no alemão *standard*. A palatalização da fricativa pós-alveolar diante de consoante dental, como em *Fenschter* ‘janela’ (*Fenster* em Hdt), também pode ser vista como uma marca de influência da variedade hunsriqueana (de tipo renano, *Rheinfränkisch*), logo sendo um indício de influência do processo de coineização da variedade de fala do grupo boêmio.

Em resumo, este estudo terá em sua análise quantitativa a somatória das variantes levantadas por meio de 34 variáveis lexicais previamente selecionadas a partir do questionário do ALMA-H, para medir o grau de dialetalidade, de standardização e de coineização da variedade do alemão falado pelo grupo boêmio. A seleção destas variáveis lexicais ocorreu de forma prévia para adquirir dados que fossem comparáveis com estudos já realizados no Projeto ALMA-H.

Dado o curto tempo para analisar os dados coletados (áudios e fotografias), foi realizada uma seleção do que se mostrou mais relevante para os objetivos deste estudo. Iniciemos, portanto, no capítulo 4, a seguir, a análise dos dados.

CAPÍTULO 4 - ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Grau de dialetalidade

Para analisar o grau de dialetalidade, isto é, o grau de manutenção de marcas [+Bo] da variedade basiletal original dos boêmios, observa-se, conforme o quadro 11 abaixo, que, ao quantificar a ocorrência dessas marcas nas 34 variáveis lexicais selecionadas, o grupo CbGII foi o que apontou o maior número de variantes classificadas como [+Bo], 14 ao todo. Este resultado corrobora a hipótese que já se tinha de que esse grupo é o que apresentaria o grau mais elevado de manutenção ou presença de marcas de dialetalidade atribuídas ao grupo boêmio. Para os demais grupos, principalmente da geração mais jovem, não encontramos ocorrências desse tipo [+Bo], o que sinaliza para uma mudança em progresso na direção da sua perda e em favor da coineização, que veremos mais adiante. Os entrevistados de Santa Manoela (comunidade hunsriqueana que serve de controle para a análise dos dados) também não apontaram resultados para as formas [+Bo].

Quadro 11: Variantes mais dialetais [+boêmio].

Marcas [+boêmio]: Linha Brasil	
CbGII-m1	<boorbs ‘pé descalço’, Hemde ‘camisa’, House ‘calça’, Goobel ‘garfo’, Garafunken ‘garrafão’, Fanster ‘janela’, Badelleuse ‘picão’, Pfirschen ‘pêssego’, ejs ‘um’, zwä ‘dois’, femf ‘cinco’, zahne ‘dez’, Zwärood ‘bicicleta’, Gald ‘dinheiro’>

Fonte: Elaborado pela autora.

Em números percentuais, estas variantes representam 41% em respostas espontâneas para o grupo CbGII da comunidade de fala dos boêmios, o que mostra um grau intermediário de competência linguística na GII, conforme esquema das cruzes abaixo. Como não se encontrou informantes mais escolarizados (Ca) entre a GII, não podemos afirmar se a competência linguística se manteria em níveis semelhantes. Os demais grupos, principalmente a geração mais jovem (GI), representam uma parcela da população que não adquiriu esta variedade linguística na infância e esteve muito mais exposta à variedade hunsriqueana dominante no entorno. A dimensão diageracional é

analisada justamente para verificar se há mudanças em tempo aparente²⁷ no comportamento linguístico. Neste caso, a perda linguística é perceptível na GI, se comparado à GII, e indica um desconhecimento total das formas lexicais [+Bo] na comunidade dos boêmios, em Linha Brasil. Este processo indica uma mudança em curso, onde os jovens tendem ao predomínio da variedade mais coineizada [+Hrs].

Quadro 12: Presença de marcas [+boêmio]: respostas espontâneas

Linha Brasil		Santa Manoela	
	0% (CaGI)	0% (CaGII)	0% (CaGI)
41,1% (CbGII)	0% (CbGI)	0% (CbGII)	0% (CbGI)

Esta perda linguística da GII para a GI no grupo dos boêmios talvez pudesse se explicar em função do número reduzido de famílias da matriz de origem que migraram para a comunidade em estudo (Linha Brasil). Esse processo se deu de forma diferente do que aconteceu, por exemplo, com o grupo de vestfalianos (HORST, 2014, p. 129), onde a GI ainda hoje fala a variedade em conversas livres. Vale lembrar que o imigrante boêmio, tal como o *Hunsrückisch*, provêm de uma área do *Mitteldeutsch* (alemão central) e os vestfalianos do *Niederdeutsch* (alemão baixo).

A fim de descobrir se os informantes conhecem mais variantes lexicais, observemos os resultados com relação às sugestões de formas basiletais [+Bo], terceiro passo da técnica em três tempos. Quando a entrevistadora insiste, no grupo CbGII-Linha Brasil, por mais variantes para *Kartoffle* ‘batatas’, e o entrevistado responde *Grumbeern*, não sabemos ainda se *Grumbeern* é uma forma do basileto original boêmio ou uma forma coineizada, já que *Grumbeere* também aparece na matriz de partida do *Hunsrück* (KÖNIG, 1994, p. 206). Em todo caso, a ocorrência da variante com /-n/ final a distingue da coiné

²⁷ Labov (1972) parte do pressuposto de que é possível captar mudanças através da análise de variáveis em diferentes faixas etárias, o que se convencionou chamar de mudança em tempo aparente.

do Hrs. Seu uso, pelas circunstâncias de registro – por insistência – sugere, no entanto, tratar-se de uma variante em vias de arcaização, isto é, “usada antigamente, pelos avós”.

Do mesmo modo, no grupo CbGII-Santa Manoela, a ocorrência da variante *Pfirschen* ‘pêssego’ (Hdt: *Pfirsich*), após a insistência da entrevistadora, ainda pode representar o conhecimento ativo de uma marca [+Bo] na fala da informante do sexo feminino, que afirmou ter tido um bom convívio com falantes do grupo de boêmios. Neste caso em específico, houve uma transferência no sentido inverso, do boêmio para o hunsriqueano, além disso, explicitada metalinguisticamente pela informante. Como se vê, as relações sociais entre estes dois grupos fortaleceram ainda mais o contato linguístico e mantiveram resquícios da fala [+Bo] também entre falantes da variedade hunsriqueana.

As sugestões trazem à tona, conforme já se aludiu, o conhecimento passivo, ou seja, as variantes que os entrevistados já ouviram falar ou já utilizaram em um momento passado de sua vida. Quando a entrevistadora sugere a variante *flieche* ‘lavar’ (em Hdt: *pflügen*) para o grupo CbGII-Linha Brasil, obtém a resposta *fliegen*, o que poderia ser considerado uma variável [+Bo], pois desvia das ocorrências [+Hrs], onde predomina a forma *zackre*. Sabemos que as variedades do boêmio e do hunsriqueano não possuem o arredondamento das vogais /ü/ e /ö/. Então, também poderíamos questionar a ocorrência *fliegen*, a qual poderia ser considerada como uma tentativa de standardizar o verbo. O fato é que ainda não podemos afirmar categoricamente que todas as variantes que desviam do *Hunsrückisch* e do *Hochdeutsch* representam uma forma do boêmio, pois podem ser familioletos, ou seja, variedade específica de uma família (CLYNE, 1968). Embora desviar do *Hunsrückisch* seja o principal critério-chave para investigar possíveis marcas linguísticas do grupo de imigrantes boêmios.

A informante do sexo feminino do grupo CbGII-Santa Manoela respondeu, para a sugestão de *flieche* ‘lavar’, que a variante utilizada pelos falantes do alemão boêmio seria *pfliegen*. Além disso, ela complementa dizendo: “eles falam *Pflug* ‘arado’ para *Pluhch*”. Talvez aqui a nossa inquietação com a variante *fliegen* ‘lavar’, a qual pode ser analisada com mais destaque, já que os falantes utilizam a forma mais *standard* (*Pflug* ‘arado’) para o objeto com o qual se revira a terra. Percebeu-se que o grupo dos boêmios utiliza com certa frequência as consoantes /pf/ em início de palavras e o sufixo /-en/ em final de verbos, o que também é uma característica do *Hochdeutsch*. Esta característica também pode comprovar a continuidade do uso diglótico, conforme comentado na seção

de diglossia e bilinguismo (2.3), no capítulo teórico, segundo o qual os imigrantes boêmios teriam utilizado desde sua matriz de origem uma variedade mais *standard*, para as funções formais, e outra mais dialetal, de uso familiar.

Para as 34 perguntas analisadas, tivemos poucas variantes registradas em resposta à insistência e à sugerência. Quando a variante sugerida foi aceita pelo falante, foi tratada como um indício de que este conhecimento ainda existe de forma passiva. Para a sugerência de *Fledermaus* ‘morcego’, o informante concorda com a variante, mas também fala outra que conhece, *Fladermeuse* ‘morcegos’, esta representando mais o alemão boêmio em função do abaixamento da vogal média /e/ para [a], na sílaba inicial. No entanto, a sugerência não aceita pelos falantes também é um dado importante, porque indica a comprovação do desconhecimento da variável. Conforme os dados, o grupo mais escolarizado (Ca) e da geração mais nova (GI) é o que mais desconhece outras variáveis sugeridas, isso tanto no grupo dos boêmios como no grupo dos hunsriqueanos. Neste caso, já estamos diante de uma perda linguística.

Na questão AIII-03, parte inicial do questionário, os entrevistados CbGII-m1-f foram perguntados sobre possíveis palavras que são comuns na fala do grupo de boêmios, mesmo sabendo que eles se enquadram no grupo com maior probabilidade a marcas linguísticas [+Bo]. A entrevistadora inicia a conversa sugerindo *Madl* ‘moça’, o que representa a forma *Mehre* ‘moça’ para os hunsriqueanos e, após, insiste por mais exemplos como o que foi citado. A informante do sexo feminino confirma a forma *Madl*, mas acrescenta: “*Die Eier soohn’se Ejer*”. Então teríamos a variante *Ejer* ‘ovos’ como forma mais boêmia, o que no hunsriqueano seria representado pela variante *Euer*. Outra variante que ocorre na frase desta entrevistada é a forma *Eier*, considerada mais *standard*. Na sequência, o informante do sexo masculino afirma: “*unn wie gester, fadn soohten’se*”. Como a ocorrência *fadn* para *gester* ‘ontem’ é muito distinta, a entrevistadora pergunta novamente em *Hunsrückisch*: “*Wie soht’ma*”? (‘Como se diz?’). Ele reafirma a forma *fadn*, o que precisa ser levado em consideração em próximas pesquisas, pois não percebemos outra ocorrência neste sentido para a variável *gester* ‘ontem’. Perguntados por outras variantes como *zackre* ‘lavar’, *Krack/Gaul* ‘cavalo’, o informante do sexo masculino afirma não conhecer outras variantes do alemão, ou seja, ele conhece estas que são consideradas formas do hunsriqueano. Já a informante do sexo masculino acredita que a variante *Pfäden* poderia ser uma forma [+Bo] para *Krack* ou *Gaul*. Diante disso, ele

afirma que em alemão *standard* seria *Pferd* ‘cavalo’. O que se percebe nestas perguntas por formas consideradas [+Bo] é a sinalização da perda linguística, porque os informantes já não lembram ou somente lembram parcialmente, não sabendo mais diferenciar o que é [+Bo] do que é considerado mais coineizado [+Hrs].

Uma característica comum em falantes do alemão boêmio é a marcação final dos verbos com /-en/, como já comentamos anteriormente, o que não ocorre nas variantes do hunsriqueano, que apresenta uma queda generalizada de /-n/ em final de palavra, exceto em algumas palavras monossílabas, como *gehn* ‘ir’, *stehn* ‘estar parado’ e *honn* ‘ter’ (cf. ALTENHOFEN, 1996). O quadro 12 a seguir contrasta alguns exemplos:

Quadro 13: Lista de verbos com terminação /-en/.

Variedade do boêmio	<i>Hunsrückisch</i>	Português
<i>verkeifjen</i> [fɛ'keifɛn]	<i>verkoofe</i>	‘vender’
<i>verbouten</i> [fɛ'boutɛn]	<i>verbot</i>	‘proibir’
<i>lasen</i>	<i>lese</i>	‘ler’
<i>worden</i>	<i>woa</i>	‘foi’
<i>bezohlen</i>	<i>bezoohle</i>	‘pagar’
<i>schaffen</i>	<i>schaffe</i>	‘trabalhar’
<i>lehnen</i>	<i>lehne</i>	‘emprestar’
<i>hacken</i>	<i>hacke</i>	‘carpir’
<i>pflanzen</i>	<i>planze</i>	‘plantar’
<i>salzen</i>	<i>salze</i>	‘salgar’

Fonte: Elaborado pela autora.

Conforme já comentado no quadro das vogais, a variável /au/, presente em *verkaufen* ‘vender’, realiza-se na fala dos boêmios também como [ej], *verkeifjen* na variedade basiletal do boêmio. Trata-se, portanto, de um desvio bastante saliente da fala hunsriqueana dominante no entorno. O mesmo vale no caso do verbo *verboten* ‘proibir’, na ditongação para [ou], *verbouten*. Estas ocorrências, entre outras, ocorreram nas frases de Wenker (CgramI: *Wenker-Sätze*), as quais são apresentadas em *Hochdeutsch* ao informante, para que este as traduza para o “seu alemão de casa”. A título de comparação,

observemos, a seguir, a frase de Wenker de número 37, onde as ocorrências consideradas [+Bo] estão sublinhadas.

E: Die Bauern hatten fünf Ochsen und neun Kühe und zwölf Schäfchen vor das Tor gebracht, die wollten sie im Dorf verkaufen. (CgramI_37)

CbGII_m3_Linha Brasil: *Die Baure harre fenfe Ochse, neune Kih, zwelf Schoufe vor's Tur hinngeton. Die wollte 'se bei die Umgebung verkeffen.*

A forma *verkeffen* 'vender' ocorreu em duas entrevistas distintas, ou seja, na fala de dois informantes da CbGII do grupo dos boêmios. Esta dupla ocorrência nos indica que não se trata de uma variante isolada. Ocorrências semelhantes ocorreram com os numerais *fenfe* ['fɛnfə] e *neune*, neste caso, flexionados para concordar com os substantivos a que se referem. Este tipo de flexão nominal dos numerais não ocorre no *Hunsrückisch*. O substantivo de *Schoufe* ['ʃoufə] 'ovelhas' (Hdt: *Schafe*) leva ditongo e o substantivo *Tur* [tu:ɔ] 'portão' (Hdt: *Tor*) sofreu uma elevação da vogal média /o/ para [u].

A próxima frase analisada (CgramII-08) também está no questionário aplicado para os falantes do *Hunsrückisch* no ALMA-H. Como já mencionamos, anteriormente, o questionário aplicado para esta Dissertação foi elaborado com base em materiais e métodos do ALMA-H para fins comparativos em estudos futuros. Esta frase é dada em português pelo entrevistador para que o informante possa traduzi-la para a variedade do alemão falada por ele no cotidiano. Temos dois informantes do sexo masculino (m1 e m3) que produzem a variante *verbouten* 'proibido' (Hdt: *verboten*), portanto com a mesma ditongação observada antes.

E: Durante a Segunda Guerra Mundial não se podia falar alemão, porque era proibido. (CgramII_08)

CbGII_m1_Linha Brasil: *In dem zweiten [zwaitən]..., zweiten Weltkrieg durften 'se nicht Deutsch spreche... walls verbouten woa.*

CbGII_m3_Linha Brasil: *Noh 'm zweite Waltkriege, solnt nemme Deutsch reden. Das woa verbouten.*

A variante *Waltkriege* 'Guerra Mundial' (Hdt: *Weltkrieg*) ocorreu uma única vez entre o grupo de informantes do boêmio, mas acreditamos que seja o mesmo processo de abaixamento da vogal média alta /e/ para [a] que ocorreu em *Paffer* 'pimenta' (Hdt:

Pfeffer), *lasen* ‘ler’ (Hdt: *lesen*) e *gann* ‘com gosto’ (Hdt: *gerne*), conforme as ocorrências que aparecem nos próximos exemplos:

E: Er ißt die Eier immer ohne Salz und Pfeffer. (CgramI_07)

CbGII_m1_Linha Brasil: *Der esst die Ejer ohne Salz unn Paffer.*

CbGII_m3_Linha Brasil: *Da esst die Ejer ohne Salz unn ohne Paffer.*

E: Teu pai gosta de ler o jornal. Tu “prefere” ler livros. (CgramII_14)

CbGII_m1_Linha Brasil: *Dein Papa tut gann a Zeitung lasen. Tus du gann Bicher lase?*

CbGII_m3_Linha Brasil: *Papai tuot gann de Zeitung lasen. Ich tun gann a Buch lasen.*

A forma *Ejer* ‘ovos’ [eje] ocorre de forma semelhante entre os informantes m1 e m2, assim como a variante *Paffer* ‘pimenta’ que pode ser uma forma remanescente, já que a ocorrência de *Pfaffer* foi registrada por Becker (1939) no cartograma de número 11, como uma forma típica da região de *Reichenberg*, no norte da Boêmia. No entanto, o grupo dos boêmios nem sempre utiliza [pf], alternando, em alguns casos, para [p] como em *Paffer* ‘pimenta’ ou *planzen* ‘plantar’ (Hdt: *pflanzen*). Outra forma muito recorrente no grupo dos boêmios é a forma reduzida de artigo *a* diante de substantivos, como em *a Zeitung* ‘o/um jornal’ e *a Buch* ‘o/um livro’.

O uso de perífrases com o auxiliar *tun* (*tun-Periphrase*) é bastante comum na elaboração de frases pelos informantes de variedades do alemão, tanto no estilo mais monitorado como no mais livre (dimensão diafásica). Na sentença CgramII-14, os dois informantes utilizam o verbo *tun* + infinitivo, sendo que CbGII-m3 produz a forma *tuot* + infinitivo, o que era recorrente no período do *Mittelhochdeutsch* (médio alto alemão). Alguns estudos, como o de Schwarz (2004, p. 63) ainda discutem o uso do verbo *tuon* + infinitivo na época do *Althochdeutsch* (antigo alto alemão), mas que passou a ser mais pesquisado apenas a partir do *Mittelhochdeutsch*.

O informante CbGII-m1 parece ter tido mais influências por parte do *Hunsrückisch* se comparado ao falante CbGII-m3, pois nem sempre utiliza o verbo do infinitivo com a terminação /-en/, como em *lase*. Na sentença *Tus du gann Bicher lase?*, o informante também transformou a frase afirmativa em uma interrogativa, o que é atípico. Quando recorreremos às anotações de campo, encontramos uma possível hipótese para este comportamento linguístico. Este informante (CbGII-m1) é mais móvel do que CbGII-m3.

Não ser um informante fixo na comunidade implica mais contatos linguísticos com a língua hunsriqueana e portuguesa, o que também vai se esclarecendo nas análises das conversas menos monitoradas, uma vez que o informante opta mais pelo português. Por ser um dos informantes, menos velho, do grupo CbGII, ele também é mais ativo na comunidade e costuma viajar para cidades vizinhas. Consideramos o informante CbGII-m3 mais fixo à localidade porque ele se desloca para o centro da cidade somente para suprir necessidades básicas, como ir ao banco para retirar sua aposentadoria, fazer compras e ir ao médico. As atividades de lazer, como jogar cartas, ocorrem dentro da comunidade de descendentes de imigrantes boêmios e com o uso das variedades linguísticas locais.

As informações mais particulares sobre os informantes são fundamentais para tentar desvendar os diferentes usos linguísticos e suas escolhas relacionadas às línguas que estão à disposição em seu repertório. Se o informante CbGII-m3 praticamente não utiliza o português para se comunicar, por que será que ele emprega o termo [ˈpapai], com acento na sílaba inicial (*westgermanische Initialakzentuierung*), como nesta frase: *Papai tuot gann die Zeitung lasen*. Não podemos afirmar simplesmente que foi utilizado devido à questão afetiva que a palavra representa. O uso das variedades alemãs de imigração ainda é dominante no cotidiano deste informante e para responder a estes questionamentos ainda precisamos pesquisar mais os comportamentos linguísticos em situações de contatos e de plurilinguismo.

A próxima frase de Wenker (CgramI-06) que analisamos chama atenção, inicialmente, pelo tempo verbal do passado (Hdt: *war / sind*) que ambos os informantes do grupo CbGII reproduzem como se fosse uma situação do presente, utilizando o verbo *is* ‘é’ (Hdt: *ist*). Já os jovens (GI) mantiveram, como se esperava, o verbo no passado, em todos os grupos entrevistados (Ca e Cb), ou seja, *Das Feier woo zu [hais] heiss*. A ocorrência do verbo *is* ‘é’ na sentença CgramI-06 ocorreu somente nos grupos CbGII, tanto no grupo dos boêmios como no grupo dos hunsriqueanos. O artigo no plural em *die Kuchen* ‘os bolos’ se transforma em singular *der Kuchen* ‘o bolo’. A geração mais jovem do grupo dos boêmios reproduziu a forma do plural, mas tivemos a supressão do /-n/ final, formando *die Kuche*, frequente no *Hunsrückisch*, o que também se confirmou em todos os grupos entrevistados do hunsriqueano.

E: Das Feuer war zu heiß, die Kuchen sind ja unten ganz schwarz gebrannt.
(CgramI_06)

CbGII_m1_Linha Brasil: *Das Feuer is hejss, der Kuchen is untendrunter schwatz gebrannt.*

CbGII_m3_Linha Brasil: *Das Feuer is zu hejss, der Kuchen is wieder verbrannt..., untendrunter is'er schwatz.*

Para o adjetivo *heiß* ‘quente’ [hais], temos a ocorrência de *hejss* [heis] como uma possível forma de relicto (*Reliktform*) presente ainda hoje na comunidade de fala dos boêmios da GII, em Linha Brasil. Esta forma *hejss* [heis] foi cartografada também no norte da Boêmia por Arnold (1950). A fala mais estandardizada, no grupo dos boêmios, em especial na GII, é comum e percebida pelos falantes do *Hunsrückisch*, como podemos ver no comentário de CbGII-f: “*unn Feier soohn 'se Feuer*”. Neste comentário metalinguístico, a informante se refere aos boêmios que falam *Feuer* ‘fogo’ [‘fɔɪə] como falantes de uma variedade mais *standard*, se comparada à forma *Feier* ‘fogo’ [‘faɪə] que os hunsriqueanos expressam. Por fim, a palavra *untendrunter* ‘embaixo’ também é mais *standard* se comparado ao *unnedrunner* produzido pela GI do grupo dos boêmios e pelos grupos entrevistados do hunsriqueano, o que já antecipa as discussões do grau de estandardização que veremos na próxima seção.

4.2 Grau de standardização

Para analisar os percentuais do grau de standardização, consideramos apenas as respostas espontâneas (conhecimento ativo) do *Standarddeutsch* que ocorreram durante a aplicação das 34 variáveis lexicais selecionadas do questionário. A fim de incrementar as discussões da análise dos dados sobre o alemão *standard*, também inserimos alguns comentários de textos livres que mencionam a tendência de standardização da língua nas comunidades em estudo. Após esta etapa, consideramos algumas frases de Wenker (*Wenker-Sätze*) para verificar as principais tendências nas dimensões diageracional (GII e GI) e diastrática (Ca e Cb), com relação também ao componente perceptual, isto é, o que e como os grupos de boêmios e de hunsriqueanos entendem o alemão *standard*.

Na média geral, das possíveis 34 respostas espontâneas [+standard], o grupo CbGII, na área dos imigrantes boêmios (Linha Brasil), obteve um total de 17,6% de variantes consideradas mais próximas do *standard* (ver quadro geral abaixo). A GI novamente não apresenta resultados para o *standard*, repetindo o que já se havia observado para marcas [+Bo], como descrevemos na seção anterior.

Quadro 14: Presença de marcas [+standard]: respostas espontâneas

Linha Brasil		Santa Manoela	
	0% (CaGI)	20,5% (CaGII)	2,9% (CaGI)
17,6% (CbGII)	0% (CbGI)	23,5% (CbGII)	2,9% (CbGI)

Na comunidade de fala dos hunsriqueanos (Santa Manoela), a GII – tal como acontece em Linha Brasil – registra a maior frequência de marcas e variantes [+standard], em respostas espontâneas, inclusive superando o índice apresentado pela GII do grupo dos boêmios. Nossa hipótese havia sido, ao contrário, de que o “alemão dos boêmios” conteria, pelo perfil sócio-cultural deste grupo de imigrantes, mais marcas *standard*. Talvez algumas variantes características como as que analisamos na seção anterior, como a manutenção de /-en/ final ou a pronúncia de /-e/ final em substantivos femininos, onde o *Hunsrückisch*

suprime, lhe confirmam essa conotação e imagem. No entanto, o valor de 20,5% para os mais escolarizados (CaGII) e 23,5% para os menos escolarizados da GII não é tão significativo, embora já revele que algumas marcas [+standard] permanecem ativas entre os falantes da geração mais velha de ambas as comunidades. Por outro lado, a redução dessas marcas entre os informantes da GI tanto do ponto boêmio quanto do ponto hunsriqueano atestam uma ampla perda linguística, ou melhor, uma mudança linguística em tempo aparente que revela o distanciamento da comunidade como um todo das marcas linguísticas da norma escrita do alemão. Isso sugere que práticas linguísticas formais ocorrem cada vez mais em português (*Dachsprachenwechsel* ‘mudança da língua-teto’ – cf. ALTENHOFEN, 2016).

Os dados mostram, portanto, a perda linguística do alemão *standard* nas GI, o que se deve principalmente à falta de ensino da língua alemã nas escolas locais e a não transmissão da língua *standard* pelos pais ou avós destes jovens. Os relatos da GII fazem referência ao ensino do alemão *standard* em casa, ou seja, foi uma geração que tinha acesso à língua escrita e à leitura, a qual era ensinada de pai para filho. Os cânticos religiosos e as rezas eram todas em alemão *standard*, sendo que alguns/algumas estão presentes ainda hoje nas comunidades. O informante CbGII-m2 relata que ainda canta em alemão *standard* nos encontros religiosos, aos sábados ou domingos, com mais seis indivíduos da geração mais velha. Ele lamenta o fato de, atualmente, não ter mais maestro para ensinar o canto à comunidade local e que, por isso, teria cada vez menos pessoas que sabem cantar em alemão *standard*: “*Aber heut, [...] is keine ..., Meister do, gell, dann is das so leihe geblieb*” (Mas hoje, [...] não tem..., maestro aqui, né, aí isso ficou largado).

Ao analisar este comentário, percebemos que o informante utiliza termos em alemão *standard*, como *aber* ‘mas’ (*awer* em Hrs.), *heut* ‘hoje’ (*heit* em Hrs.), *keine* ‘nenhum’ (*keene* em Hrs.), que normalmente não ocorrem entre falantes do hunsriqueano. Como ele pertence à área dos imigrantes boêmios, há a possibilidade da variedade alta, o *standard*, ter se mantido sem ceder tanto espaço para a variedade baixa, mais dialetal [+Bo], ou ainda para a coiné [+Hrs].

O informante CbGII-m2 ainda cita os cânticos “*Lasst fröhlich uns singen*” e “*Maria zu lieben*”, que são cantados em celebrações religiosas com mais frequência. As orações conhecidas que ele e sua mulher citaram durante a entrevista foram: *Vaterunser, glauben Gott de Vater, Gegriesst seist du, Maria, Ehre seiner Vater, Reue, heiliger Schutzengel*. Já

os informantes CbGII-m1-f mencionaram as orações *Vaterunser* e *Ave Maria*, mas que já não estão mais presentes por completo na memória destes falantes. A canção “*Maria zu lieben*” também foi cantada em partes isoladas, tornando necessário o apoio por escrito nos livretos da igreja. A informante ainda explica que o Padre não entende a língua alemã, mas permite e, de certa forma, incentiva as pessoas para utilizar a sua língua materna, tanto nos cantos como no confessionário.

A proibição das línguas estrangeiras durante o Estado Novo (1937-1945), na Era Vargas, afetou o ensino e as práticas que eram realizadas na língua *standard*, e, inclusive, causou o extermínio de praticamente todas as formas escritas que havia nas comunidades, conforme relato do informante CaGII da comunidade hunsriqueana (cf. anexo I, texto 01). Os pais do informante vivenciaram estas cenas, as quais atingiram também as mensagens religiosas que estavam escritas nas paredes e no teto da igreja que havia sido totalmente pintada por um irmão marista argentino. A pintura, com inscrições em alemão *standard*, levou de 1917 a 1925 para ficar pronta e teve as dezenas de mensagens bíblicas sobrepostas / apagadas por uma tinta azulada (cf. anexo I, figura 01) por volta de 1942, restando apenas a mensagem “*Buch des Lebens*”, porque explicaram se tratar de uma frase em latim (v. anexo I, figura 03).

Segundo o relato, alguns moradores locais foram presos porque se comunicavam em alemão e eram torturados em função do uso da língua. Outro exemplo citado na fala deste informante (cf. anexo I, texto 01) foi do vizinho mais próximo, o qual foi levado para a prisão e nunca mais voltou para casa. Com o medo instalado nas residências do interior, por mais remoto que fosse, muitas famílias se desfaziam do acervo em língua alemã e, automaticamente, não ensinavam mais a língua para as gerações vindouras, o que é percebido no baixo domínio do alemão *standard* nas GII e sua substituição pela coine local nas GI.

O quadro abaixo mostra as variantes que foram respondidas de forma espontânea pelos informantes em ambas as comunidades pesquisadas. Das 34 perguntas lexicais, o grupo CbGII-m1-f apresenta seis variantes, ou seja, 17,6% como já mencionado anteriormente. Na GI do grupo dos hunsriqueanos, ocorreram as formas *Vater* e *Friedhof*, que estão presentes, principalmente, no âmbito religioso. As mesmas variantes se repetiram na GII, mas não surgiram de forma espontânea no grupo dos boêmios.

Quadro 15: Variantes mais [+standard].

Marcas [+standard]: Linha Brasil	
CbGII_m1_f	Mais; Herbst; Gurke; zwei; sieben; borgen
Marcas [+standard]: Santa Manoela	
CaGII	Sommer; Gabel; Fledermaus; Pferd; Vater; Großmutter; Friedhof
CbGII	Mais; barfuß; Hose [‘ho:zə’]; Gabel; pflanzen; eins; zwei; Friedhof
CaGI	Vater
CbGI	Friedhof

Fonte: Elaborado pela autora.

O milho, ‘*Mais*’ em alemão *standard* e *Milje* em *Hunsrückisch*, originário da América Central²⁸, foi um produto fundamental para os imigrantes que chegaram ao Brasil, pois servia tanto para a alimentação dos humanos como para os animais. A variante *Mais* é pouco conhecida entre os entrevistados, sendo que apenas os grupos CbGII a conhecem, provavelmente resultado da leitura em alemão *standard*, transmitida pela geração dos pais.

As quatro estações do ano ainda são parcialmente lembradas pela GII, mas há diferenças na dimensão diastrática. O grupo menos escolarizado da área dos boêmios, por exemplo, foi o único de que se obteve uma resposta espontânea para *Herbst* ‘outono’. Entre o grupo mais escolarizado da área dos hunsriqueanos ocorreu a forma *Sommer* ‘verão’ (*Summer* em Hrs), a qual será considerada, neste estudo, como [+standard] devido o contexto analisado onde se perguntou por uma forma do *Hochdeutsch* para a estação mais quente do ano, embora Altenhofen (1996, Karte 31) também tenha registrado até três variantes de *Sommer* no *Hunsrückisch*. Na dimensão diatópica (Linha Brasil *versus* Santa Manoela), os numerais ocorreram em sua forma mais *standard* no grupo CbGII.

A variante mais *standard* *Gurke* ‘pepino’ somente ocorreu no grupo CbGII-m1-f, na área dos boêmios, e coocorre com a forma [-standard] *Gurge* e a forma coineizada *Gummre* (no singular *Gummer*). O mesmo grupo de entrevistados obteve a variante *borgen*

²⁸ O milho não é nativo do Brasil. Estudos comprovam que sua origem se deu no México. Disponível em: http://www.cib.org.br/pdf/guia_do_milho_CIB.pdf. Acesso em: 11/06/2017.

‘emprestar’, verbo substituído pelos hunsriqueanos por *lehne* (*leihen* em Hdt.) que são sinônimas conforme o dicionário Duden²⁹.

As variantes [+standard], que ocorreram de forma isolada em CaGII, foram: *Fledermaus* ‘morcego’, *Pferd* ‘cavalo’ e *Großmutter* ‘avó’, assim como *barfuß* ‘pé descalço’ e *Hose* ‘calça’ em CbGII. No entanto, estas ocorrências também são conhecidas de forma passiva, tanto pela Ca como pela Cb das gerações mais velhas. Já a variante *Gabel* ‘garfo’ ocorre como conhecimento ativo tanto na Ca como na Cb da GII.

Na área dos imigrantes boêmios, como já analisamos acima, a GI obteve 0% de variantes lexicais com marcas [+standard] como resposta espontânea. Vejamos agora nas frases de Wenker (*Wenker-Sätze*) como a GI interpretou o alemão *standard*, ou melhor, como compreende uma frase enunciada na pronúncia *standard* (do *Hochdeutsch*). Analisemos a frase CgramI-08. Inicialmente, percebemos que a frase precisa ser lida em partes, pois o todo não é compreensível para a GI. A variável *Füße* ‘pés’ não foi compreendida por CaGI (cf. texto da primeira coluna, abaixo), que responde algo como *Fersche* ‘calcanhar’ (em Hdt *Ferse*). Na sequência da frase, a palavra *sehr* ‘muito’ é entendida como *Zeihe* ‘dedos’ (*Zehen* em Hdt). Por fim, a forma *durchgelaufen* ‘gastou’ não é compreendida e o informante CaGI pergunta „*Im Newel g‘loof*”? (‘Caminhou na neblina?’). Na dimensão diastrática, percebemos que Ca possui mais dificuldades para compreender o alemão *standard*, conforme mostram os exemplos abaixo.

CgramI_08: Die Füße tun mir sehr weh, ich glaube, ich habe sie mir durchgelaufen.	
<p>CaGI-Linha Brasil</p> <p>m: Die <u>Fersche</u> (?) tun mich weh...</p> <p>E: Die Füße?</p> <p>m: Die Fiess.</p> <p>E: Die Füße tun mir sehr weh:</p> <p>m: Die Fiess unn die <u>Zeihe</u> tun mich weh...,</p> <p>E: Ich glaube, ich habe sie mir durchgelaufen:</p> <p>m: ich menne, ich wee (???) geloof...</p> <p>E: ich habe sie mir durchgelaufen?</p> <p>m: Im <u>Newel</u> g‘loof?!?.</p>	<p>CbGI-Linha Brasil</p> <p>m: Die Fiess tun <u>mehr</u>...</p> <p>f: Die Fiess tun mich weh...</p> <p>E: ich glaube, ich habe sie mir durchgelaufen.</p> <p>m: ich gloowe, tuchst‘se mich drufloo[fa].</p> <p>f: repete.</p> <p>E: (lê-se toda a frase em Hdt novamente).</p> <p>m: Die Fiess tun mea viel weh, ich gloowe, du hoscht mea <u>drufgeloof</u> oder <u>drufgetret</u>.</p>

No grupo da CbGI, temos uma diferença entre o sexo masculino e feminino (dimensão diasssexual), onde o informante masculino aparentemente possui mais dificuldades para compreender o *standard*. A forma *sehr* ‘muito’ é compreendida como

²⁹ Conferir em: <http://www.duden.de/suchen/dudenonline/borgen>.

mehr ‘mais’ pelo informante do sexo masculino. Já na parte “*ich habe sie mir durchgelaufen*”, ele entende como “*tuscht‘se mich druffloo*[fə]”, enquanto ela pediu para que a frase fosse relida novamente em alemão *standard*. Após esta etapa de releitura, a compreensão do termo *durchgelaufen* permaneceu como *druffgeloof* / *druffgetret* ‘pisar em cima’. Para verificar se a GI conhece algum termo para *durchgelaufen*, a frase foi traduzida para o português e o resultado foi a variante *wehgemacht* ‘machucado’. O informante CbGI ainda reformulou sua resposta para: “*Honn‘se halwer abgeloof von blanke loo*[fə]” (Gastei os (pés) de tanto caminhar).

Na área dos hunsriqueanos, em CbGI-f, também ocorreu a interpretação de *mehr* ‘mais’ ao invés de *sehr* ‘muito’ (cf. texto da segunda coluna, abaixo). Mas ao perguntar novamente pelo termo *sehr* obtém-se como resposta a variante *viel* ‘bastante’. A técnica de seccionar as frases longas tem ajudado no entendimento do alemão *standard* e, quando necessário, o entrevistador se vale da insistência para verificar se existem mais variantes para um determinado termo que não foi mencionado na resposta. Já na CaGI, esta técnica não foi utilizada (cf. texto da primeira coluna, abaixo) e o informante não menciona nenhuma variante referente ao termo *sehr* ‘muito’.

CgramI_08: Die Füße tun mir sehr weh, ich glaube, ich habe sie mir durchgelaufen.	
<p>CaGI-Santa Manoela</p> <p>m: Die Fiess tun mich weh. E: ich glaube, ich habe sie mir durchgelaufen. m: ich gloowe ich hanns... E: (pergunta realizada em português). m: Ich gloowe is hann’s se wehgemach von zu viel loofe. E: Kennst du das Wott dorichgeloof? m: Uhum, dorichgeloof. E: Ich hoon’s se mea oder mir? m: Ich hoon’s se mich kaputt geloof.</p>	<p>CbGI-Santa Manoela</p> <p>f: Die Fiess tun uns <u>mehr</u> weh. E: sehr? f: viel weh. E: Ich glaube? f: <u>Is</u> gloowe. m: Ich gloowe. E: Ich habe sie mir durchgelaufen. m: Ich honn’s se..., denke ich..., sicher dorichgeloof. f: <u>Is</u> hoon’s se <u>sisser</u> weheloof.</p>

Nas respostas de CbGI-f, percebemos marcas muito atípicas como, por exemplo, a não realização da fricativa pós-alveolar [ʃ] em *Is* ‘eu’ (*Ich* em Hdt.), *sisser* ‘certamente’ (*sicher* em Hdt.). Esta é uma característica bastante recorrente desta informante, até mesmo em textos livres, onde aparece a variante *Bisser* em lugar de *Bücher* ‘livros’ (*Bicher* em *Hunsrückisch*). Estas são variações linguísticas mais individuais que podem ser o resultado de um familioleto ou ainda características da variedade francônio-moselana (*Moselfränkisch*), conforme os exemplos apresentados em Altenhofen (1996, p. 21).

Para o termo *durchgelaufen* temos as variantes *dorichgeloof*, produzida por CbGI-m, e *wehgeloof*, produzida por CbGI-f. Por outro lado, na CaGI, este termo foi desconhecido em alemão *standard*, o que fez a entrevistadora traduzir a frase para o português e tentar algum resultado dessa forma. A variante *wehgemach* surgiu de forma espontânea, assim como também, na última sentença, a forma *kaputt geloof*. Já a forma *dorichgeloof* foi sugerida pela entrevistadora e aceita pelo informante. Na última pergunta para CaGI, percebeu-se que o entrevistado não realiza o dativo ‘*mir*’, e sim, a forma do acusativo *mich* como, aliás, tanto em Linha Brasil quanto em Santa Manoela. A queda ou perda do dativo entre falantes de hunsriqueano já foi objeto de pesquisa³⁰ no Projeto ALMA-H. Na pesquisa se percebeu que o dativo era substituído pelo acusativo com frequência e que se constitui em uma marca sem conotação negativa, refletindo a origem dialetal dos falantes da região do *Hunsrück*.

Nas orações mais longas, como se observou na frase Cgram-37 (*Wenker-Sätze*), a dificuldade para entender toda a mensagem em alemão *standard* aumenta. Em função disso, a entrevistadora secciona a sentença novamente. Analisamos, na área dos boêmios, em Linha Brasil, a dimensão diageracional (GII *versus* GI), na oração abaixo, para verificar se as dificuldades em relação ao *standard* são uma característica apenas da GI devido à falta de acesso à leitura, por exemplo. Os dois grupos (GII e GI) são da Cb (menos escolarizados).

CgramI_37: Die Bauern hatten fünf Ochsen und neun Kühe und zwölf Schäfchen vor das Tor gebracht, die wollten sie im Dorf verkaufen.	
CbGII-m2-f--Linha Brasil	CbGI-Linha Brasil
m: zwelef Schefche, Schofe..., finf Ochse, neun Kih. E: unn foo Baure? m: Die Baure. E: vor das Tor gebracht: kennt dea das verstehen? m: Vor das Tor? E: ja. m: Das <u>Tor</u> verstehe ich net. E: unn foo verkaufen, wie tut dea soon? m: jah, viele soon <u>verkejfen</u> . <u>Verkauft</u> is richtig denke ich, né? [...]	m/f: <u>Der Bauer</u> hat finef Ochse... E: und neun Kühe? m/f: unn neun Kih. E: und zwölf Schäfchen? m/f: unn zwelef Schofe. E: unn wenn die Schofe kleen sinn? f: <u>kleene Schofe</u> ... m: <u>Schofche</u> . E: Vor das Tor gebracht? m: Vor das Tor <u>verbroch</u> ?! E: gebracht, Vor das Tor? m: Vor das Tor <u>verbroch</u> ?! [...]

³⁰ Conferir mais em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/114320>. Acessado em 20/06/2017.

Na GII, a variável *Tor* ‘portão’ não era conhecida pelo informante, o que não é comum. Por ser uma área de imigração de boêmios, existe a possibilidade de CbGII-m2 conhecer outra variante (como ‘*Tur*’ produzido por CbGII_m3), mas não a forma do *standard*. Algum conhecimento [+Bo] está presente, como a variante *verkeifjen* (‘vender’), embora ele afirme que muitos falem dessa maneira, mas ele prefere utilizar ‘*verkauft*’, pois acredita que possa ser a forma mais correta.

Na CbGI, a forma *die Bauern* ‘os colonos’, que está no plural, foi reproduzida no singular. Alguns plurais, quando envolvem vogais tremadas (com *Umlaut*) que não são produzidas pelos falantes, também podem causar estranhamento e, geralmente, são ignorados, em primeira instância, na frase. Por isso, a entrevistadora questiona como o informante diria ovelhas pequenas. O mais comum é o informante falar *kleene Schofe* ‘ovelhas pequenas’, como a informante do sexo feminino responde inicialmente. Já no sexo masculino temos a variante *Schofche* ‘ovelhinhas’. Os verbos no passado do alemão *standard* também envolvem um elevado grau de dificuldade nos falantes de línguas de imigração, como podemos acompanhar em CbGI-m, onde se entende *verbroch* ‘quebrado’ em vez de *gebracht* ‘trouxe’ (em Hrs, *gebrung*).

A mesma dificuldade frente ao verbo *gebracht* ocorre em CaGI (texto da segunda coluna, abaixo), na área dos hunsriqueanos, em Santa Manoela. Analisamos agora a Ca (grupo mais escolarizado) da GII e GI.

CgramI_37: Die Bauern hatten fünf Ochsen und neun Kühe und zwölf Schäfchen vor das Tor gebracht, die wollten sie im Dorf verkaufen.	
CaGII-Santa Manoela	CaGI-Santa Manoela
<p>m: Die Baure harre finef Ochse, unn neun Kih, unn zwelef Schofe. E: Unn wenn’s kleene sinn? m: <u>Scheflein</u> orre Schofche. E: Vor das Tor gebracht? m: Vor’s Tor gebrung. E: Die wollten sie im Dorf verkaufen. m: Die wollte’s in die <u>Stadt</u> verkoofe. [...]</p>	<p>m: <u>De Bauer</u> hat <u>five</u> Ochse..., finef Ochse (risos), unn neun, <u>nine</u>, neun Kih, net <u>nine</u>, unn zwelef Schofche. (risos). E: Vor das Tor gebracht? m: Vor..., vor’s Tor <u>verbroch</u>..., orre was?! E: Trouxe para frente do portão. m: Vor <u>de Tor</u> gebrung. E: Die wollten sie im Dorf verkaufen. m: Die..., das hann ich jetzt net verstan. [...]</p>

Na dimensão diatópica, vemos que CbGI, da área dos boêmios, e CaGI, da área dos hunsriqueanos, não identificaram a forma do plural *die Bauern* ‘os colonos’. O comparativo entre CbGII-m2-f e CaGII mostra que CaGII apresenta maior domínio na

compreensão das formas *standard*. Provavelmente, a Ca possui uma facilidade maior em função do hábito da leitura em alemão *standard*, que é menor entre os menos escolarizados. Isso é perceptível na variante *Scheflein* ‘ovelhinha’, onde o informante utiliza a regra do sufixo diminutivo /-lein/, além do /-chen/ em *Schofche*, embora sem a terminação /-n/, que é comum entre os hunsriqueanos. Até mesmo a variável *Dorf* ‘aldeia’ que é desconhecida para muitos informantes, principalmente para os da GI, foi entendida como *Stadt* ‘cidade’.

No informante CaGI, se percebe a interferência do inglês, principalmente nos números, onde o alemão *standard* e inglês possuem semelhanças na pronúncia, como em *finef* / *five* e *neun* / *nine*. Este processo de *code-mixing* logo é percebido pelo entrevistado, que reagiu com risos. O artigo neutro em *das Tor* ‘o portão’ foi alternado para *der Tor*, o que pode ter acontecido por meio da tradução do artigo masculino (*o*) para o alemão, devido ao desconhecimento do gênero neutro (*das*). A variante *Dorf* (“*Die wollten sie im Dorf verkaufen*”) não foi reconhecida pelo informante e ele afirma que não entendeu a frase.

Como esta Dissertação tem suas limitações impostas pelo curto tempo disponível, não podemos analisar todas as frases de Wenker, nem todas as insistências e sugestões, o que também mostraria mais detalhes sobre o conhecimento passivo dos falantes. O que se percebeu, de forma bem resumida, é que a GII possui um grau de compreensão maior em alemão *standard*, se comparado à GI (dimensão diageracional). Na dimensão diastrática, a Ca se sobressaiu em termos de compreensão das frases apresentadas em Hdt., se comparadas as gerações mais velhas apenas, pois a CaGI possui uma compreensão do *standard* mais limitada. Na dimensão diatópica (boêmios *versus* hunsriqueanos), percebemos que a GI possui um grau de compreensão bastante semelhante em alemão *standard*, e a GII, da área dos hunsriqueanos, parece compreender melhor o *standard*, mas para confirmar com mais exatidão, isso ainda teria que ser analisado de forma mais detalhada, inclusive com mais entrevistas.

Na medida em que, nas seções anteriores, se registram perdas linguísticas do conhecimento e do uso de variantes [+Bo] e [+standard] na GI, é de se supor que a tendência, na geração mais jovem, seja de ampliação do uso de variantes da coiné dominante do *Hunsrückisch*. Pois é o que resta ao lado do português. É o que veremos a

seguir, ao tratar do grau de coineização, ou seja, de nivelamento linguístico na direção das formas mais hunsriqueanas [+Hrs].

4.3 Grau de coineização

As análises dos dados das seções anteriores já mostraram a substituição, em partes, tanto do alemão boêmio como do *standard*, pelas variedades do contato linguístico, inicialmente pelo *Hunsrückisch*, e, por fim, pelo português, como veremos nas conversas livres. Como Thun (2010) bem define, as línguas se constituem, nos contatos linguísticos, em um verdadeiro complexo variacional (*variety complex*), no qual não existe apenas uma língua, mas várias variedades que a constituem e que fazem parte do repertório linguístico desses falantes. Estes se utilizam das diferentes variantes, conforme uma série de fatores, entre os quais a frequência de uso, o valor intrínseco de cada variante, o interlocutor, a situação de uso, etc. Não podemos, por isso, falar do *Hunsrückisch* e da variedade dos boêmios sem levar em conta o contínuo *standard-substandard* de Bellmann (1983), o qual será utilizado nesta seção para ilustrar as ocorrências que mais evidenciaram variação.

Nesta seção, que analisa o grau de coineização da fala do alemão dos boêmios, não será possível analisar todas as variantes que ocorreram como respostas espontâneas nas 34 variáveis lexicais selecionadas. Apenas algumas variantes serão vistas mais de perto, para nossos objetivos. Como podemos visualizar, abaixo, no esquema das cruces, temos um percentual considerável de ocorrências em *Hunsrückisch* considerando a dimensão diatópica. No entanto, é a área formada por imigrantes hunsriqueanos (Santa Manoela, cruz à direita) que se destaca pelas ocorrências [+Hrs] que estão presentes em todos os grupos entrevistados. Os grupos CaGII e CbGI atingiram mais de 90% de respostas espontâneas. A CbGII atingiu 85% de respostas em *Hunsrückisch*, enquanto a CaGI atingiu um percentual menor, 73% de respostas espontâneas, porém bastante considerável ainda por se tratar de um grupo mais escolarizado, com formação profissional em uma língua estrangeira, o inglês.

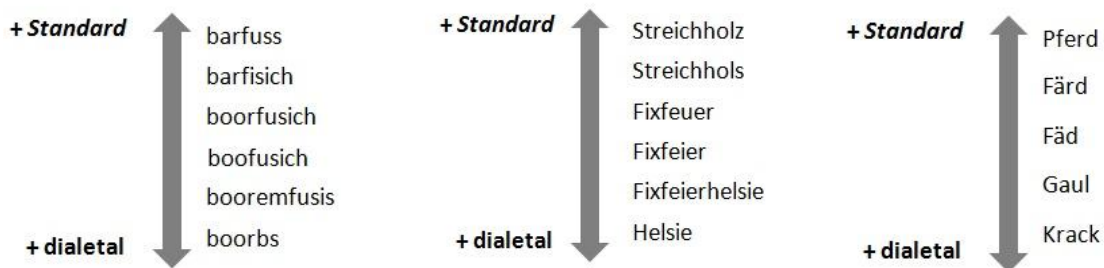
Quadro 16: Presença de marcas [+Hrs]: respostas espontâneas

Linha Brasil		Santa Manoela	
	88,2% (CaGI)	91,1% (CaGII)	73,5% (CaGI)
55,8% (CbGII)	91,1% (CbGI)	85,2% (CbGII)	97% (CbGI)

A área dos imigrantes boêmios (Linha Brasil, cruz à esquerda) possui um elevado grau de coineização nas gerações mais jovens, sendo 88,2% de ocorrências [+Hrs] para o grupo CaGI e 91,1% para a CbGI. A geração mais velha e com menos escolarização fica com o menor percentual atingido, 55,8% de respostas espontâneas, o que está em relação direta com o maior índice de ocorrência de marcas [+Bo]. As sugestões (conhecimento passivo) quase sempre foram aceitas pela GII, mas não foram contabilizadas para esse propósito.

Considerando o *Hunsrückisch* um complexo variacional (THUN, 2010), podemos afirmar que esta variedade falada no RS foi constituída, em sua matriz de origem, por marcas francônio-moselanas e francônio-renanas (cf. ALTENHOFEN, 1996, p. 27), sendo que no processo de coineização resultante do contato entre essas variedades predominaram, ao final, as variantes [+renanas], em parte devido à sua maior proximidade do standard. Em seu novo meio, no Brasil, esta variação se somou aos contatos linguísticos com outras variedades de imigração e com o português. É de se supor que os imigrantes boêmios que emigraram em 1873 para o Brasil provavelmente mantinham uma diglossia entre a variedade mais *standard*, de um lado, e um basileto de uso familiar, de outro. Contudo, ao chegar no Brasil, onde já estavam instalados os hunsriqueanos, ao entrar em contato com o *Hunsrückisch* (e o português) sofreram um processo de substituição de sua diglossia e variedades originais em favor da coine dominante no novo meio. A variedade de fala em estudo apresenta uma variação complexa, como a que vemos abaixo.

Quadro 17: Representações do contínuo linguístico no complexo variacional do alemão falado pelos boêmios



Os exemplos das variantes acima foram inseridos no contínuo *standard-substandard* (BELLMANN, 1983), para facilitar a visualização e a análise destes dados contrastados tanto na dimensão diastrática como na dimensão diageracional, somando ao contínuo também a dimensão diatópica. Estas variantes podem ser visualizadas em um quadro, ainda nesta seção, distribuídas conforme sua ocorrência em cada grupo entrevistado.

A variável *barfuß* ‘pé descalço’ compõe-se de *bar* ‘puro’ e *Fuß* ‘pé’, o que significa “ter nada nos pés”. O dicionário Duden³¹ oferece os seguintes sinônimos para *barfuß*: *barfüßig, mit bloßen / nackten Füßen*. Nas variantes encontradas, está *barfuss* como a forma que consideramos mais *standard* e, na sequência, o termo *barfisich* (*barfüßig* em Hdt.) que perde o arredondamento da vogal /u/, conforme regra do hunsriqueano. No nível *substandard*, observa-se a velarização de /a/ em *boor*, além de alterações no sufixo, onde /-fisich/ varia com /-fusich/. Na variante *booremfusic*, o prefixo *boor* (*bar* em Hdt.) se confunde com *boorem* ‘chão’ (*boden* em Hdt.), enquanto no sufixo se perde a fricativa pós-alveolar [j]. Existe a possibilidade de a variante *booremfusic* ser resultado de uma possível tradução do significado ‘pé no chão’, do português. Já o termo *boorbs* surgiu com grande probabilidade na área dos imigrantes boêmios. Como não encontramos estudos mais aprofundados sobre a variável *barfuß* não saberemos explicar as variações para além dessa simples análise realizada até aqui.

A variável *Streichholz* ‘fósforo’ equivale à forma mais *standard* e concorre com as variantes mais *substandard* *Fixfeuer* e *Fixfeier*. Na matriz de origem do *Hunsrückisch*, assim como em Luxemburgo³², há registros da ocorrência de *Fixfeuer* (v. KÖNIG, 1994, p.

³¹ Disponível em: <http://www.duden.de/rechtschreibung/barfusz>. Acessado em 22/06/2017.

³² Conferir mais informações em: <http://www.atlas-alltagssprache.de/runde-4/f09/>. Acessado em 22/06/2017.

220). Esta variante (*Fixfeuer*) ocorreu na área dos imigrantes boêmios, além da variante *Fixfeierhelsie* em CaGI, onde ocorreu a composição de *Fixfeier* + *helsie* ‘palito’ (cf. *Hölzchen* do Hdt.). As variantes *Fosfer* [‘fosfa] e *Fosfo* [‘fösfo] ou [‘fosfo] já são ocorrências comuns em todas as gerações por influência do contato linguístico com o português e também foram cartografadas por Altenhofen (1996, Karte 71), assim como *Fixfeier* que é considerada um arcaísmo.

Seguindo na análise do contínuo *standard-substandard* temos a variável *Pferd* ‘cavalo’. As variantes *Fäd* e *Färd* foram registradas nos grupos CbGII, onde *Fäd* ocorreu na área dos boêmios e *Färd* na área de imigração hunsriqueana (dimensão diatópica), conforme distribuição das variantes no quadro abaixo. A ocorrência da variante *Gaul* foi bastante representativa em todos os grupos. Através da técnica da insistência ocorreu *Krack* na área dos hunsriqueanos. Esta forma também foi aceita pelos grupos entrevistados da área dos boêmios, por meio da técnica da sugestão.

Quadro 18: Variantes mais coineizadas [+Hrs].

Marcas [+Hrs]: Linha Brasil	
CbGII_m1-f	boofusich; Milje; Fixfeuer/Fosfo; Lampe; Summer; Fröhlich/Frihling; zackre; planzen; putze; Kartoffel/Katoffle; Speckmais; Hinkel; Feed/Gaul; Papa; Wowo; finef; zehn; knicksich; Kerichuff
CaGI-m	boofusich; Hemd; Hoss; Milje; Gawwel; Garafong; Fenster; Fixfeierhelsie/Helsie /Fosfer; Lamp; Potreer; Summer; zackre; planze; putze; Kartoffel/Katoffle; Gumre; Bettleis; Pesche; Hinkel; Gaul; Papa; Wowo; eene; zweu; finef; siwwe; zehn; spoosatt; Geld; lehne
CbGI-m-f	boofusich; Himb; Hoss; Milje; Gawwel; Garafung; Fenster; Fixfeier/Fixfeuer; Lamp; Potreer; Summer; zackre; planze; hacke; Kartoffel/Katoffle; Gumre; Bettleis; Pesche; Hinkel; Gaul; Papa; Wowo; eene; zweu; finef; siwwe; zehn; Zweurood; knicksich; Geld; lehne
Marcas [+Hrs]: Santa Manoela	
CaGII-m	barfisich; Himd; Hoss; Milje; Gawwel; Garafong; Fenster; Fosfer / Fixfeier; Lamp; Potreer; Frihjohr; zackre; planze; hacke; Katoffle; Gumre/Gurgen; Bettleis; Pesche; Hinkel; Gaul; Papa; Wowo; een; zweu; finef; siwwe; zehn; Zweurood/biciklett; Geld; lehne; Kerichuff
CbGII-m-f	Hemd; Hoss; Milje; Garafong; Fenschter; Fosfo/Fixfeier; Lamp; Potreer; Summer; Frihling/Frihjohr; zackre; planze; hacke; Kartoffel; Gumre; Bettleis; Pesch/Pesche; Speckmaus; Hinkel; Gaul/Feerd; Wowo; fenf; siwwe; zehn; Zweurood; Spooam; Geld; lehne; Kerichuff
CaGI-m	boofusich; Himb; Hoss; Milje; Gawwel; Fixfeier; Lamp; Potreer; Summer; planze; Kartoffel; Gumre; Bettleis; Pesche/Pirsche; Hinkel; Gaul; Papa; Wowo; een; zweu;

	finef; siwwe; zehn; Geld; lehne
CbGI-m-f	boorfusich/booremfusis; Himb; Hoss; Milje; Gawwel; Garafong; Fenschter; Fosfo/Fixfeier/Streichhols; Lamp; Potreer; Summer; zackre; planze; hacke; Katoffel; Gumre/Gurgen; Bettleis; Pesch/Pesche; Speckmaus; Hinkel; Gaul; Papa/Paio; Wowo; een; zweu; finef; siwwe; zehn; Zweurood; knicksich; Geld; lehne; Kerichuff

Fonte: Elaborado pela autora.

Para a variável *Hemd* ‘camisa’, ocorrem as formas *Hemd*, *Himd* e *Himb*; ambas as variações são possíveis para o *Hunsrückisch*, conforme Altenhofen (1996, Karte 15). A variante *Himd* ocorreu apenas em CaGII, na área dos hunsriqueanos, mas obteve maior número de ocorrências no estudo de Altenhofen (1996) que envolveu pontos de pesquisa nas colônias velhas e novas. Para *Hemd*, tivemos duas ocorrências, uma em CaGI, na área dos boêmios, outra em CbGII, na área dos hunsriqueanos. Por fim, a variante *Himb* foi a mais produtiva entre a GI, principalmente no grupo dos hunsriqueanos com a ocorrência em CaGI e CbGI, e na área dos boêmios a variante ocorreu em CbGI.

As variantes *Fenster* [ˈfɛnsd̥ɐ] ou [ˈfɛnf̥d̥ɐ] ‘janela’ variam de forma intensiva nos grupos entrevistados. A forma *Fenster* [ˈfɛnsd̥ɐ] ocorre principalmente na área dos imigrantes boêmios, com excessão de CaGII. Na área ocupada pelos hunsriqueanos, temos a predominância de [ˈfɛnf̥d̥ɐ], onde o grupo CaGI também aceitou a sugestão e afirma falar desta forma. A realização destas variantes pode ocorrer em um mesmo ponto de pesquisa e varia bastante nas áreas colonizadas pelos alemães no RS (ALTENHOFEN, 1996, Karte 64). Estas variações podem ser resultado dos diferentes grupos migratórios que saíram da região do *Hunsrück* para o Brasil, incluindo os grupos com características mais moselanas (*Moselfränkisch*), assim como os mais renanos (*Rheinfränkisch*), conforme mapa em anexo I, figura 02.

Na pergunta sobre a variável *Gurke* ‘pepino’, tivemos a variante *Gummre* [ˈɡʊmrɐ] ‘pepinos’ como forma que dominou frente à *Gurgen* [ˈɡʊrgən]. A forma *Gummre* ocorreu principalmente entre a GI, na área dos boêmios, e, de forma predominante, entre todos os grupos entrevistados da área do *Hunsrückisch*. Já a variante que fica mais próxima do contínuo *standard*, *Gurgen*, ocorreu em CaGII e CbGI da área dos hunsriqueanos. Estas variantes foram cartografadas por Altenhofen (1996, Karte 70), onde *Gummer* (no singular) predomina em áreas do *Hunsrückisch* no RS e a forma *Gurke* (no singular) aparece em apenas três pontos de pesquisa de um total de dez.

Os numerais, em *Hunsrückisch*, sobretudo *een, eene, zweu, finef, siwwе, zehn*, ocorreram nos grupos CaGII, CaGI, CbGI da área dos hunsriqueanos. Na área dos boêmios, a GI também manteve estas mesmas ocorrências. Ao lado de *finef*, ocorreu também, no grupo da CbGII, área dos hunsriqueanos, a variante *fenf*.

Quanto às estações do ano, a GI já não lembra nenhuma variante para ‘outono’ e ‘primavera’. Na área dos hunsriqueanos os grupos CaGII e CbGII também desconhecem possíveis variantes para o outono. A forma *Herbst* ‘outono’ aparece somente no grupo CbGII dos boêmios e também as formas *Frihlich/Frihling* para ‘primavera’. Já na área do *Hunsrückisch*, ocorreu *Frihjoehr*, na CaGII e CbGII. Para a variável *Sommer* ‘verão’, ocorre a variante *Summer* em todos os grupos da GI e nos grupos CbGII.

A língua alemã *standard*, assim como as variedades de imigração alemã de modo geral, possuem empréstimos do inglês e do francês. A palavra *Bissiklett* ‘Fahrrad’, por exemplo, pode ser resultado de um possível empréstimo do francês (*bicyclette*) para o *Hunsrückisch*, pela proximidade da região do *Hunsrück* com a França, apesar da forma equivalente *bicicleta*, do português. Na área dos hunsriqueanos, encontramos também a variante *Zweurood* que ocorre nos grupos CaGII, CbGII e CbGI e, na área dos imigrantes boêmios, ocorreu apenas em CbGI de forma espontânea. Esta variante pode ter sua origem na forma *Zweirad (einspuriges Fahrzeug mit zwei Rädern*³³) registrada, também, no dicionário Duden e é sinônimo de *Fahrrad*.

A variante *Bissiklett* surgiu na área dos boêmios, nos grupos CbGII e CaGI, através da técnica da insistência, já os demais grupos afirmaram conhecer a variante (sugerência). Em Altenhofen (1996, Karte 76), a forma *Bissiklett* teve maior ocorrência nas colônias velhas, enquanto a forma *Zweurood* se sobressai nas Missões, colônias novas.

As variantes *Milje* ‘milho’, *Garafong/Garafung* ‘garraão’, *Potreer* [bo’dre:a] ‘potreiro’ e *Wowo* ‘avó’ são consideradas empréstimos do português e aparecem em todos os grupos entrevistados e em ambas as áreas em estudo. Altenhofen (1996, Karte 43) cartografou a variante *Potreer* ‘potreiro’ em vários pontos de pesquisa no RS e constatou que esta variante ocorre com frequência tanto nas colônias velhas de imigração como nas colônias novas.

³³ Conferir em: <https://www.dwds.de/wb/Zweirad>.

As ocorrências que não apresentaram muita variação em *Hunsrückisch* nas dimensões diastrática e diageracional foram *Hoss* ‘calça’ (com vogal média aberta breve) e o equivalente no plural *Hosse* [+Hrs], além de *Lamp* ‘lâmpada’ no singular e *Lampe*, no plural. A variável *Gabel* ‘garfo’ ocorreu como *Gawwel* em todos os grupos da GI e no grupo da CaGII. Registrou-se, de modo geral, a substituição de /b/ por [w], como regra básica do [+Hrs]. Outro exemplo que segue esta regra é a variável *Giebel* ‘aresta’/‘parede triangular’ predominando a variante *Gewel* [ge:vɫ] (ALTENHOFEN, 1996, Karte 12).

Entre as variantes para *Kartoffel* ‘batata-inglesa’, ocorreram as formas *Katoffel* no singular e *Katoffle* no plural, em todos os grupos entrevistados. A mesma regra do singular e plural se manteve em *Pesch/Pesche* ‘pêssego(s)’ (em Hdt. *Pfirsich*), na maioria dos grupos, com exceção de CbGII-m1-f que aceitaram estas variantes como sugestão. A variante *Pesch* pode ser uma influência do francês (*pêche*) nos dialetos que migraram para o Brasil. Na área dos hunsriqueanos, em CaGI, também ocorreu a variante *Pirsche*, que parece ser uma variante mais próxima do *standard*.

As variantes *planze* ‘plantar’ assim como *zackre* ‘lavar’ ocorreram em todos os grupos como conhecimento ativo, com exceção da CaGI do grupo dos hunsriqueanos, o qual aceitou a sugestão para *zackre* (logo, conhecimento passivo). A forma *zackre* [ɖsaŋrə] também predominou nos pontos de pesquisa estudados por Altenhofen (1996, Karte 52).

A variante *planzen* ocorreu em CbGII-m1-f com a pronúncia mais *standard*, como mostra especialmente o uso da terminação /-en/. Neste estudo, a variante *planzen* foi considerada mais coineizada porque em observações de campo percebemos a variante *flanzen* [ˈflansn] como forma mais *standard*, utilizada especialmente na área dos boêmios. Altenhofen (1996, Karte 51) registra a forma *flanze* [ˈflanzə] em dois pontos de pesquisa de um total de dez pontos e a identifica como forma “mais elevada”, ou seja, mais *standard*.

O resultado do processo de coineização da variedade do alemão dos boêmios equivale, em certa medida, a uma forte substituição do repertório original pelas variantes do hunsriqueano dominante no entorno, com exceção das variantes linguísticas, além de outras, que identificamos até agora como específicas dos usos linguísticos dos boêmios. O alemão atual dos boêmios, pode-se assim dizer, é o hunsriqueano com algumas marcas sobreviventes da fala original dos primeiros imigrantes, porém cada vez menos presentes na fala das gerações mais novas, as quais possuem um conhecimento bastante ativo em

Hunsrückisch, como foi visto acima. A GII, na área de ocupação boêmia, não obteve um percentual tão alto de coineização nas variáveis lexicais. Neste sentido, para entender o que constitui a fala do grupo boêmio, analisamos, na próxima seção, a fala menos monitorada deste grupo de falantes.

4.4 Variação do alemão dos boêmios na fala mais espontânea

A fim de complementar a análise quantitativa, analisamos a seguir pequenos excertos de conversa livre, uma fala menos monitorada. Estas conversas mais livres foram introduzidas com temáticas metalinguísticas, culturais e históricas que estão relacionadas ao cotidiano destes informantes. Como a entrevista ocorreu em *Hunsrückisch*, os falantes do grupo boêmio também utilizam majoritariamente este modo de falar, além de fazer empréstimos, *code mixing* e *code switching* do português. A variedade do alemão mais *standard* também aparece na fala mais livre da GII.

Assim como já vimos na análise quantitativa, o grupo CbGII é o único que ainda possui algum conhecimento linguístico da variedade do boêmio. No excerto abaixo (texto 01), que possui a temática *Schwein schlachten* ‘carnear porco’, observamos que apenas uma variante do alemão boêmio *Solz* [sols] ‘sal’ foi usada de forma espontânea pelo informante do sexo masculino. A variante *Solz* (Hdt. Salz) também foi encontrada em grupos boêmios do Kansas, nos Estados Unidos (LUNTE, 2012, p. 57) e pode ser considerada uma forma de relicto que resistiu aos contatos linguísticos no Brasil.

Ao analisar a dimensão diassexual (sexo masculino e feminino), percebemos que são os homens que conseguiram manter mais a variedade dialetal [+Bo]. A dimensão diastrática não poderá ser contrastada em função da falta de informantes do grupo mais escolarizado (Ca).

No texto 01, produzido pelo grupo CbGII-m1-f, temos algumas ocorrências do alemão mais *standard* que foram observadas na fala tanto de homens quanto de mulheres. Provavelmente, o informante do sexo masculino tenha monitorado sua fala, para manter a conversação em hunsriqueano, língua utilizada pela entrevistadora. Isso fica claro na primeira sentença, onde ele fala *kein* ‘nenhum’ para negar a existência da geladeira em épocas passadas, mas ele logo realiza uma autocorreção e prefere utilizar a variante *keen* do *Hunsrückisch*. A informante realiza uma forma mais *standard* na sua segunda fala, na qual ela utiliza a variante *oder* ‘ou’. Na sua forma mais coineizada, a variante usada seria *orre*.

Texto 01

CbGII-m1-f-Linha Brasil	Tradução minha
<p>m: <i>Jah, das Fleisch, woo jo <u>kein</u>..., keen Eisschrank, unn so was net. Das Schwein..., wenn die Schwein geschlacht sinn <u>geb</u>, is das Fleisch verschnitt <u>geb</u> unn...,</i> f: <i>in Schmalz gebrot <u>geb</u>.</i> m: <i>in de Schmalzkessel getun <u>geb</u>, unn das Fleisch alles gebrot unn dann in een Blech...,</i> f: <i>Dippe <u>oder</u> Blech ninn.</i> m: <i>Blech, unn dann heiss Schmalz driwwer, unn das muss driwwer gehn.</i> E: <i>Mit Salz?</i> f: <i>Isso.</i> m: <i><u>Sim</u>, das muss gebrot mit <u>Solz</u> [sols], faa se vertun, so gell?!</i></p>	<p>m: Eh, a carne, não havia..., não tinha geladeira e essas coisas. O porco..., quando os porcos eram carneados, a carne era cortada e..., f: e frita na banha. m: colocado na bacia de banha e toda carne era frita e colocada numa lata..., f: dentro de panela ou lata... m: ... lata, e banha quente por cima, e isso precisa ficar por cima. E: Com sal? f: Isso. m: Sim, isso precisa ser frito com sal para o uso, assim, né?!</p>

Neste excerto 01, aparecem duas variantes do português, *isso* e *sim*, para afirmar a sentença anterior. O primeiro uso da língua portuguesa ocorreu na voz da informante do sexo feminino, seguido pela afirmação em português pelo informante masculino.

As ocorrências do verbo auxiliar da voz passiva *geben* são frequentes e costumam ocorrer também em pontos de pesquisa³⁴ do ALMA-H, especialmente nas áreas de imigração francônio-moselana. A forma verbal *geben* é mais dialetal e pode ser substituída pela forma *werden*, considerada mais *standard*, sem prejuízos para a compreensão da fala. A variante *geben* utilizada, na continuação do texto abaixo, não possui um significado social negativo e aparece com bastante frequência tanto na fala do informante do sexo masculino como da informante do sexo feminino.

Texto 02

CbGII-m1-f-Linha Brasil	Tradução minha
<p>m: <i>Wer's alles <u>uffnutzen</u> wollt, der hot dann Koppwoscht gemacht. [...] Dann is das Koppfleisch <u>genomm</u>, né, unn nochter, wenn 'se <u>mol</u>..., Leit, wo die Schwein geschrapp honn, die honn dann die Haut debei <u>genomm</u>, pra fazer as... Koppwoscht.</i> f: <i>Die is gekocht <u>geb</u> unn gemoohlt <u>geb</u>, unn dann ist das <u>misturiert</u> <u>geb</u>, gell, alles mitzammer. Unn dann is es in die Derme gefillt <u>geb</u>. Unn wie's in die Derme gefillt <u>geb</u> is, is'es gekocht <u>geb</u>. [...] Als, oft honn 'se <u>Charque</u> gemacht, in die Sunn gehong, gell.</i> m: <i>Não, mas isso dá só de carne de rês.</i> f: <i>De porco também dá. [...]</i></p>	<p>m: Quem queria aproveitar tudo, então ele fazia linguiça (com a carne da cabeça do porco). [...] Então se pegava a carne da cabeça, né, e depois, quando..., pessoas que raspavam o porco, então elas pegavam a pele também pra fazer as... a linguiça. f: Ela era cozida e moída, aí isso era misturado, né, tudo junto. E então isso era colocado nas tripas. E assim que era colocado nas tripas, já se cozinhava. [...] As vezes, faziam charque, penduravam no sol, né. m: Não, mas isso dá só de carne de rês. f: De porco também dá. [...]</p>

³⁴ Conferir mais em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/114322>. Acessado em 25/06/2017.

m: *Fleisch salzen, temperar assim com alho, essas coisas, unn dann gereechelt.*

m: Salgar a carne, temperar assim com alho, essas coisas, e então secar/tostar.

O verbo *nehmen* (*genomm*), que teve duas ocorrências, no texto 02, pode ser traduzido para ‘pegar’. Este verbo não é comum na fala de hunsriqueanos do entorno, os quais preferem a variante *holen* ‘buscar’, o que é característico do francônio-moselano³⁵. A característica da terminação /-en/ em verbos, como em *uffnutzen* ‘aproveitar’ e *salzen* ‘salgar’, teve duas ocorrências no texto acima, mas é razoavelmente frequente na área dos imigrantes boêmios e possui traços mais *standard*. Na forma *mol* ‘mal’, também temos marcas mais *standard*, pois em hunriqueano predomina a forma *mo*.

O verbo *misturiert* (Hdt. *mischen*) vem do pt. *misturar* mais o sufixo /-ieren/, usado para construir verbos em alemão. Como existem centenas de verbos no alemão com a terminação /-ieren/ ou /-eeren/, é comum ver os hunsriqueanos falando verbos como *namorieren* ‘namorar’ (ALTENHOFEN, 1996, Karte 8) que foram formados a partir do português. Já o termo *charque* é um empréstimo lexical do português, originalmente emprestado do espanhol sul americano (*charqui*). Mais ao final do texto 02 temos um exemplo de *code-switching* intrasentencial, ou seja, de alternância de código, entre o alemão e o português.

Nos demais excertos de conversa livre, da GII e da GI, não encontramos formas ou ocorrências que poderiam atentar para características específicas do alemão falado pelo grupo dos boêmios. Como vimos no grau de coineização, tanto os grupos entrevistados da GI como os da GII já coineizaram bastante sua fala na direção do hunsriqueano. Há variação também, porém em menor grau, para o alemão *standard* que ocorre principalmente na fala da GII.

O texto 03, abaixo, ilustra a presença crescente do português, cada vez mais frequente na fala da GI. Neste recorte de fala, no grupo CaGI, observamos que todas as respostas são iniciadas em português, deixando explícitos os processos de *code-mixing* e *code-switching*. A insegurança para utilizar o alemão parece se evidenciar já na primeira sentença, quando existe uma tentativa, mas ela não se mantém.

³⁵ Conferir mais em: <http://www.atlas-alltagssprache.de/nehmen/>. Acessado em 25/06/2017.

Texto 03

CaGI-m-Linha Brasil	Tradução minha
<p>E: <i>Was weschte noch iwwer Eeschtreich?</i> m: <i>Assim, du..., von Eeschtreich..., ehm, sei pouco, assim.</i> E: <i>Wieviel Jahr hoscht du hier in Eeschtreich gelennt?</i> m: <i>Eu sempre estudei no Centro.</i> E: <i>Ahã. Unn wusch'du jetz schaffst, kannst du Deitsch vazehle?</i> m: <i>Não, só brasileiro.</i></p>	<p>E: O que tu ainda lembras de Linha Brasil? m: Assim, tu..., de Linha Brasil..., é, sei pouco, assim. E: Quantos anos tu estudou aqui em Linha Brasil? m: Eu sempre estudei no Centro. E: Sim. E onde tu trabalhas agora, tu podes falar em alemão? m: Não, só brasileiro.</p>

A temática deste texto gira em torno da história sobre a comunidade dos boêmios, Linha Brasil. O informante da GI afirma saber pouco sobre a comunidade em que nasceu e vive. Até mesmo os primeiros anos de escola ocorreram no Centro, que é urbanizado, onde a presença do português é bem maior, se comparado à escola que existe na comunidade. Quando questionado sobre o uso da língua alemã no seu trabalho atualmente, ele afirma que somente pode se comunicar em português.

Porém, em outros trechos de fala mais livre com este informante, a língua hunsriqueana passa a ser mais utilizada. Também fica evidente que se mantém a livre escolha da língua, conforme a temática, como podemos ver abaixo, no texto 04.

Texto 04

CaGI-m-Linha Brasil	Tradução minha
<p>E: <i>Wie woore dein erschte Schultooche? [...]</i> Obs'du schon Brasilionisch wusst. m: <i>Não, die erscht Tooch in die Schul..., poo Wätter wusst'ich in Bresilioner, awer die meherste musst ich..., woo in Deitsch. Was ich wusst, woo soohn faa Wasser drinke gehn unn faa in Banheiro gehn, dass wusstte ich in Brasilionisch.</i></p>	<p>E: Como foram os primeiros dias de aula? Se tu já sabias falar em português. m: Não, os primeiros dias na escola..., poucas palavras eu sabia em português, mas a maioria tinha que..., era em alemão. O que eu sabia, era dizer para tomar água e para ir ao banheiro, isso eu sabia em português.</p>

Questionado sobre os primeiros dias de aula e o uso da língua alemã em sua infância, o entrevistado afirma que somente sabia algumas palavras em português, mas que a maior parte da comunicação ocorria em alemão. As palavras que eram conhecidas em português se referem a questões emergenciais, como tomar água e ir ao banheiro.

Para a designação de 'banheiro', os falantes do hunsriqueano utilizam o empréstimo do português, o qual parece ter se consolidado em função da modernização e dos avanços de saneamento básico. O informante, da área dos boêmios, utiliza as formas *Bresilioner*

‘brasileiro’ e *Brasilionisch* ‘língua brasileira’, para se referir à língua portuguesa, alternando também a sílaba inicial /Bre-/ para /Bra-/, o que ocorre com muita frequência entre os falantes de hunsriqueano no entorno. Também registramos a pronúncia inicial /Bro-/, formando *Brosilionisch*, na fala de alguns informantes da CbGI nas comunidades em estudo, principalmente na área dos hunsriqueanos.

O uso de *Bresilionisch* também ocorre na fala de CbGI-m, no texto 05, onde, em seguida, é corrigido por CbGI-f para *Brasilionisch*. A dimensão diassexual possui um papel importante nas entrevistas, pois pode captar estes comportamentos entre os usuários da língua. Aqui a correção do termo ‘*Bresilionisch*’ ocorre em troca de uma forma mais *standard*.

A temática da conversa, no texto 05, envolveu possíveis diferenças entre as duas comunidades percebidas pelos entrevistados. Ele afirma que há diferenças no uso da língua alemã. A comunidade de Santa Manoela, colonizada por hunsriqueanos, já teria mais brasileiros e, por isso, falariam menos o alemão. O entrevistado também se refere à população da GII que ainda se comunica mais em alemão, se comparado aos mais jovens, citando, para contrastar, como exemplo a GII de Linha Brasil que ainda canta em alemão *standard* na igreja.

Texto 05

CbGI-m-f-Linha Brasil	Tradução minha
<p>E: <i>Gibst een unnerschied von Eestreicher unn Russlänner?</i> m: <i>Jo, das doch. [...] Do hier, menne ich, dere'se noch mehr Deitsch spreche wie Russland. Russland, menne ich, tet, wee schon mehr eh..., <u>Bresilionisch</u>.</i> f: <i>Brasilionisch.</i> m: <i>Mo soohn, sinn schon net so viel Eltre, [...]. Die wo sinn, mo soohn, eh, die gehn net so viel raus. Die do, tun noch singe, die Deitsch singe in die Kerich.</i></p>	<p>E: Existe uma diferença entre as pessoas de Linha Brasil e de Santa Manoela? m: sim, isso sim. [...] Aqui, eu acho, eles ainda falam mais alemão do que em Santa Manoela. Em Santa Manoela, eu acho, já têm mais brasileiros. f: Brasileiros. m: Quero dizer, já não tem tantos falantes mais velhos, [...]. Os que têm, quero dizer, eles não saem tanto. Os daqui, eles ainda cantam, os que cantam em alemão na igreja.</p>

No texto 05, os informantes não se utilizam da língua portuguesa. No entanto, em outros trechos da fala de CbGI-m-f, da área dos boêmios, os empréstimos lexicais do português são comuns. Não teremos tempo nem espaço para analisar todas as falas dos informantes entrevistados de forma detalhada, mas com estes recortes apresentados acima, já percebemos que a GI utiliza quase sem restrições a variedade do *Hunsrückisch*, com

influências acentuadas da língua de contato, o português. Estão ausentes elementos do alemão associados com a marca [+Bo].

Na próxima seção, analisaremos se esta perda da variedade de fala considerada [+Bo] também é mencionada nas percepções dos falantes de ambas as áreas em estudo. Ou seja, faremos uma incursão na dimensão diarreferencial de análise de fatos da variação linguística, em que se observa como os falantes percebem, se referem a variantes presentes em sua comunidade. Queremos saber se a percepção dos falantes confirma e coincide com os resultados encontrados até aqui.

4.5 Percepção linguística dos falantes

Na parte inicial do questionário aplicado (AIII) foram realizadas perguntas relativas aos aspectos metalinguísticos envolvendo as percepções que os falantes possuem sobre as línguas e variedades faladas na comunidade. O primeiro questionamento (AIII-01) envolve a denominação da língua, onde os falantes respondem como autodenominariam a língua que aprenderam no âmbito familiar.

A reação inicial dos falantes é de espanto, porque, possivelmente, não se tem o hábito de refletir sobre questões linguísticas e, em seguida, surge o conflito da valoração da língua que falam, por ser uma variedade que não possui escrita e que não é mencionada como algo positivo pelas escolas locais. A falta do ensino de alemão *standard* nas escolas também é criticada pelos diferentes grupos entrevistados (CbGII, CaGI e CbGI), tanto de Santa Manoela como de Linha Brasil, pois seria uma disciplina que poderia dar abertura para as reflexões linguísticas que envolvem o alemão falado das comunidades em estudo.

Embora a maioria dos falantes tenha respondido que fala *Deitsch* ‘alemão’ ou *Plattdeitsch*, outros parecem ter vergonha de falar um nome para a sua língua que aprenderam com a família. Um dos casais entrevistados no grupo boêmio (CbGII-m1-f) não respondeu à pergunta, mas concordou com as sugestões dadas pela entrevistadora. Sugeriu-se *unser Deitsch* ou *Eestreisich*, onde o informante responde: *Eestreisich net ‘austríaco não’*, ao passo que a informante aceita o nome *Deitsch* ‘alemão’. Dos seis informantes da CbGII entrevistados para o grupo dos boêmios, tivemos apenas um que respondeu *mea soohn Eestreisich* ‘nós dizemos austríaco’, ou seja, este informante, do sexo masculino, afirma que a língua falada pelo grupo dos boêmios é chamada entre eles de *Eestreisich* ‘austríaco’. Outro informante (CbGII), também do sexo masculino, afirma inicialmente que se trata de *Hunsrick*, mas quando a entrevistadora insiste e pergunta: *Tut dea net soohn, mea spreche Eestreisich?* ‘vocês não dizem que falam austríaco?’, então vem a resposta afirmativa: “*Ja, mea hann dehemm alles Eestreisich gesprochen*”, (sim, em casa nós falávamos tudo em austríaco). O uso do verbo no passado (*mea hann... gesprochen* ‘falávamos’) revela que, possivelmente, o uso atual da língua já não é mais o *Eestreisich*, e sim o *Hunsrückisch*.

Na geração jovem e mais escolarizada (CaGI), tanto do grupo dos boêmios como do grupo dos hunsriqueanos, entra a valoração negativa quando se referem ao nome da língua. O nome da língua falada por estes informantes passa a ser caracterizado como “alemão misturado” ou *Heckedeitsch* ‘alemão do mato’. Esta situação é descrita por Gardès-Madray e Brès (1989, p.155) como conflitos da nomeação de línguas em situações diglósicas, onde está em jogo uma língua considerada alta (A) e uma baixa (B), ou seja, uma língua dominante, utilizada em situações formais (por exemplo, o português) e outra(s) dominada(s), utilizada(s) em contextos informais e restritos (como ocorre com a variedade do *Eestreisich* ou *Hunsrückisch*).

Sobre a pergunta referente à primeira língua aprendida, a língua materna (AIII-06), os informantes responderam em sua maioria *Deitsch* ‘alemão’, sendo que, apenas dois do grupo dos boêmios (CbGII) responderam a variante *Deutsch*. Se, nesta pergunta, todos responderam *Deitsch* / *Deutsch*, por que será que falar do nome da língua causa tanta incerteza? Provavelmente, a composição das variedades de fala, em meio aos contatos linguísticos, oferece esta confusão aos falantes que conviveram em situações de diglossia, além da falta de informação referente a outras línguas, como, por exemplo, o próprio português que é formado com influências africanas³⁶ e indígenas, e nem por isso é chamado de português misturado.

A sociedade impõe uma variedade para uso oficial, o português, e é perceptível quando os falantes aceitam esta imposição afirmando que “quando a criança vai para a creche, ela precisa saber português” (CaGI) ou ainda, “os jovens não aprendem mais [o alemão], porque na escola precisa saber português” (CbGI). Se a situação das comunidades de fala é de contatos linguísticos, será que não deveria ser o papel da escola se adaptar para receber as crianças de forma mais adequada?

A comunidade de fala dos boêmios é considerada praticamente 100% alemã pelos informantes locais, sendo que em torno de 20% ainda teriam algum conhecimento da variedade do alemão boêmio. A questão AIII-13 indaga sobre a porcentagem de falantes de alemão que ainda residem na comunidade, o que resulta em percepções interessantes como o comentário de CbGII-m-f, pertencente ao grupo dos hunsriqueanos:

³⁶ Ver mais em: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. [orgs.]. O português afro-brasileiro [online]. Salvador: EDUFBA, 2009, 576 p. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/p5/pdf/lucchesi-9788523208752.pdf>. Acesso em 10/06/2017.

Texto 06

CbGII-m-f-Santa Manoela	Tradução minha
f: <i>In Eestreich sinn 'se all Deitsch [...]. Die kenne noch alles Eestreisich [...].</i> m: <i>Wenn 'se wolle, unnich sich tun die meh Eestreisich, awer wenn ich dat hinkomme, tun die meh anerschter.</i>	f: Em Linha Brasil todos são alemães [...]. Eles ainda sabem tudo em boêmio (Eestreisich) [...]. m: Se eles querem, entre eles falam mais o boêmio (Eestreisich), mas quando eu vou lá, eles falam bem diferente.

A informante CbGII-f afirma categoricamente que todos os moradores da comunidade de boêmios são descendentes de imigrantes alemães e que os falantes de alemão (*Deitsch*) ainda saberiam falar tudo na variedade do boêmio (*Eestreisich*). Esta informação logo é contestada por CbGII-m, onde percebemos a importância das entrevistas utilizando a pluralidade simultânea de informantes (THUN, 1998, p. 706), ou seja, entrevistar mais de um informante ao mesmo tempo. Esta técnica aumenta a completude dos dados, pois CbGII-m afirma que o grupo dos boêmios fala a variedade (*Eestreisich*) quando quer e com quem eles consideram conhecedores da língua deles, ou seja, falam a variedade considerada do boêmio entre eles apenas e quando tiver um hunsriqueano no grupo, automaticamente a conversa passaria a ser em *Hunsrückisch*. Este mesmo comportamento de escolha linguística e opção pelo *Hunsrückisch* foi observado por mim, entrevistadora destes informantes, porque as entrevistas ocorreram em hunsriqueano, minha língua materna, uma vez que não me comunico na variedade falada pelos boêmios, mas entendo a variedade de fala deles.

Os informantes do grupo de hunsriqueanos afirmam que a variedade do alemão falado pelos boêmios é diferente. O informante CaGII-m afirma que “eles falam um alemão um pouco diferenciado, mas dá pra entender”. A mesma ideia é reafirmada por CaGI-m: “*Das is bissche annerschte wie mea spreche*” (isso é um pouco diferente do que nós falamos). Já os grupos dos hunsriqueanos da Cb preferiram explicar as diferenças através de exemplos lexicais, como podemos verificar abaixo.

Texto 07

Santa Manoela	Tradução minha
CbGII-f: <i>Wenns rehnt, soohn 'se rahnt. Unn Feier, soohn 'se Feuer. Schloofe, soohn 'se schloufen.</i>	CbGII-f: Quando chove, eles falam , <i>rahnt</i> '. E fogo eles dizem ' <i>Feuer</i> '. Dormir eles dizem ' <i>schloufen</i> '.
CbGI-m: <i>pflanze, hacken, putzen. Das kann 'ma verstehn.</i>	CbGI-m: Plantar, capinar, carpir. Isso podemos entender.

A percepção linguística de CbGII-f enfatizou o abaixamento da vogal média alta /e/ para [a], como em *rehnt* para *rahnt* ‘chuva’, já mencionado na seção do grau da dialetalidade. Além disso, mencionou-se a tendência de usos do alemão mais *standard*, como no caso de *Feuer* ‘fogo’, o que remete ao uso diglósico trazido da matriz de origem (uso da variedade mais dialetal e de uma mais *standard*). E, por fim, mencionou-se ainda a ditongação que também é recorrente, como no caso de *schloufen* ‘dormir’ e, ainda, as terminações /-en/ dos verbos.

O informante CbGI-m se refere aos verbos para afirmar que tem como entender a variedade falada pelo grupo dos boêmios. Os verbos *hacken* e *putzen* ‘capinar’ são considerados variantes que também ocorrem no *Hunsrückisch*, conforme Altenhofen (1996). No entanto, estes verbos ocorrem majoritariamente sem a terminação /-en/, sendo mais comum *hacke* e *putze*, na variedade do hunsriqueano. Assim como o verbo *pflanze* ‘plantar’ (Hrs. *planze*), onde a realização de /pf-/ ocorre no grupo dos boêmios, mas geralmente com a terminação verbal /-en/.

A geração mais jovem do grupo dos boêmios afirma que não se atenta tanto para este complexo variacional em que vivem. O informante CbGI-m afirma: “*ich passe net so uff*” (eu não cuido tanto). Já a informante CbGI-f afirma ter ouvido a palavra *Madel* ‘moça’, a qual é diferente no *Hunsrückisch* (*Mehre*). O entrevistado do grupo CaGI-m afirma que os alemães boêmios empregam, às vezes, outras palavras. Ou seja, observam, sobretudo, diferenças no léxico.

Na questão AIII-16, em que se pergunta se os católicos ou evangélicos preservam mais a língua alemã, obtivemos quase todas as percepções voltadas aos evangélico-luteranos. No grupo dos boêmios, os entrevistados da CbGII-m1-f afirmaram que os luteranos são bastante cuidadosos com a manutenção da língua alemã, enquanto os grupos CbGII-m2-f e CbGII-m3 afirmaram que os brasileiros são mais católicos (“*Die Brasilioner sinn all katholisch*”) e que os evangélicos preservam mais a língua em função de ter praticamente só alemães no grupo. Os informantes da CbGI afirmaram que os “amigos evangélicos” falam mais alemão, se comparado aos “amigos católicos”.

O grupo dos hunsriqueanos também percebe que os evangélicos preservam mais a língua alemã. Segundo relatos e registros fotográficos, a primeira igreja evangélica de Paverama foi construída em Santa Manoela, na região dos hunsriqueanos e somente após

alguns anos foi transferida para o Centro da cidade. Tendo isso por base, os informantes afirmam com total convicção que os evangélicos mantêm mais a língua. O entrevistado CaGII afirma: “*eles ainda seguem mais as tradições. Cantam na igreja, na sociedade... Aqui, antigamente, era só em alemão, até que foi proibido*”. Já o grupo CbGII-m-f afirma que os evangélicos já tinham uma base mais forte na língua alemã em função dos livros e dos cantos religiosos. No grupo CaGI, também se percebeu que os evangélicos ainda possuem mais cantos em alemão.

As percepções dos falantes envolvem, enfim, questões de identidade, mas ao mesmo tempo são atuais e condizem com a realidade em que a comunidade vive. Muitas vezes até entra a questão das experiências que o indivíduo já vivenciou, o que percebemos nas respostas à pergunta AIII-14 sobre a “morte” da língua alemã. Na área dos hunsriqueanos, o grupo CaGII afirma: “*Ich denke. Die Kinner tun all in die Brasilioner heirate. Vai se misturando*” (Eu acho. Todos os filhos vão se casando com brasileiros). O informante CaGI também percebe que a língua está “morrendo” e afirma:

Texto 08

CaGI-m-Santa Manoela	Tradução minha
<p>m: <i>Mea tun net so viel verstehn unn dann es geht..., es tut ausgehn.</i></p> <p>E: <i>Unn foo was net so gut verstehn?</i></p> <p>m: <i>Televisão unn anner Sprechere [Sprache] alsmo. Mea dehemm, mea tun mehr Brosilionisch spreche wie Deitsch. [...] Alsmo is leichter</i></p>	<p>m: Nós não entendemos mais tanto e então vai..., isso acaba.</p> <p>E: e porque não entende tão bem?</p> <p>m: Televisão e, às vezes, outras línguas. Nós em casa, nós falamos mais português do que alemão. [...] As vezes é mais fácil.</p>

Ele percebe que a geração mais jovem já não entende tanto da língua alemã e, com isso, a língua se acabaria. Em função deste posicionamento, a entrevistadora pergunta, por que não entenderia mais a língua, e o entrevistado pronuncia a palavra *televisão* em português mesmo, pois a variante *Televisong*, ou *TV*, também já representaria um empréstimo, visto fazer parte das tecnologias recentes. Esta percepção é importante, porque os meios de comunicação podem ser vistos como um auxílio para aprender outras línguas, mas como neste caso se trata de programas em português apenas, e não em alemão, isso seria um ponto negativo para a manutenção da língua de imigração. A informante CbGI-f também percebe a falta da aprendizagem do alemão entre os mais jovens, principalmente entre as crianças em função do papel monolíngue da escola: *Die*

Junge lenne's net. In die Schul musst'erst de Português (Os mais jovens não aprendem. Na escola precisa primeiro do português).

Há, contudo, outros falantes que possuem uma percepção mais positiva em relação à manutenção do alemão. Em CbGII-f, também do grupo de hunsriqueanos, a informante percebe que há um movimento na sociedade para valorizar mais a variedade do alemão. Ela afirma: *“Ich denke ganz net, wall, Heitzutooch tun'se schon meh valorisiere, das Deitsche“* (Eu acho que totalmente não porque, hoje em dia, já se valoriza mais o alemão). Já o informante CbGI-m acredita que ainda haverá alguns que devem reaprender o alemão: *“do sinn immer, wu noch noh lenne tun”*.

Na área do boêmio, o grupo de entrevistados da CbGII teve percepções e opiniões diferenciadas. Os informantes CbGII-m2-f afirmam que a língua está retrocedendo em função dos casamentos interétnicos e porque as crianças necessitam da língua portuguesa a partir dos quatro anos de idade devido à pré-escola. O exemplo sempre vem da própria família, na maioria das vezes, dos netos que já não falam mais o alemão. Em CbGII-m4 também se percebe o retrocesso da língua alemã em função dos netos mais jovens que não se comunicam mais na língua de imigração, muito em função do casamento interétnico dos pais (alemão vs. brasileiro). Já CbGII-m3 afirma que a língua alemã deve resistir para sempre: *“Ich denke die wett noch immer bestehn”* (Acredito que ela sempre resistirá). Este informante (CbGII-m3) tem um neto que ainda fala tudo em alemão, aos quase quatro anos de idade. Como a criança ainda não frequenta a pré-escola, não se sabe se o alemão vai resistir à imposição do português.

A informante do grupo CbGII-m1-f também percebe a perda linguística nos netos. Ela afirma que os netos não querem mais nada em alemão. O exemplo que aparece na segunda frase do texto 09, abaixo, se refere a uma das netas que aparece na casa da entrevistada e não responde mais nada na língua alemã. Aos três anos de idade, a neta já não se comunicava mais em alemão. Na última sentença a informante acredita que este comportamento monolíngue é em função da professora que não fala a língua de imigração. Se analisarmos este texto para além das percepções linguísticas, percebemos que a entrevistada não termina as sentenças com o verbo principal em final de frase, o que parece ser uma característica individual dela. No entanto, como é um tema contextualizado, parece não haver maiores dificuldades para entender a mensagem a ser transmitida.

Texto 09

CbGII-m1-f-Linha Brasil:	Tradução minha
f: <i>Die Engelkinner wolle nix meh Deitsch. [...] Meins, das eene, kommt do her, tust alles Deitsch, gebt dich kee Antwott. [...] Das woo drei Johr unn alles Brasilionisch. [...] Do soore ich: du musst meh Deitsch. “Eu não entendo mais”, sooht’s dann. Das weche die Lehrin schon, die is ooch Bresilionisch unn die Kinner do ower ooch all, unn dann will das ooch nemme Deitsch.</i>	f: Os netos não querem mais nada de alemão. [...] A minha, aquela uma, vem aqui, tu fala tudo em alemão, ela não te responde. [...] Ela tinha três anos e tudo era em brasileiro. [...] Aí eu disse: tu precisas (falar) mais alemão. Eu não entendo mais, diz ela. Isso já por causa da professora, ela é brasileira e as crianças todas lá em cima também, aí ela também não quer mais (falar) alemão.

O grupo CbGI-m-f também afirma que a língua alemã está perdendo força na área dos boêmios. A informante cita seu filho que, três meses após iniciar as aulas na pré-escola, já prefere falar tudo em português. Muitas destas percepções, negativas de certa forma para o plurilinguismo, estão voltadas para o espaço escolar, o qual deveria ser um espaço plural que acolhesse todas as crianças para acrescentar conhecimento e não ignorar toda uma bagagem linguística e cultural que é transmitida de geração em geração. Neste sentido, a Tese de Broch (2014, p. 18-19) parte do pressuposto de que a finalidade da educação básica não deve “afunilar” a escolha por uma determinada língua e sim, “abrir o leque” de possibilidades para valorizar os conhecimentos linguísticos como parte de uma competência plurilíngue.

As escolas inseridas nestas áreas de pesquisa, atualmente, não estão preparadas para receber crianças falantes da língua minoritária alemã e nem possuem um corpo docente preparado para atender às exigências que os contatos linguísticos impõem. O compromisso da educação para a diversidade linguística é de todas as escolas, como defende Broch (2014, p. 19). No entanto, a comunidade escolar, o que envolve os pais e alunos, não deve ficar passiva quanto a estas questões que limitam as crianças a falar apenas o português. Seguindo este raciocínio, o informante CbGII-m1 afirma: “*Wenn ’ma’s losst, geht’s, gell?*” (Se permitir, vai, né?), ou seja, ele diz que, se permitir que a língua morra, ela vai morrer. A sociedade lentamente começa a perceber que é necessário fazer atividades em prol da língua de imigração para que ela não desapareça com o passar do tempo. E este é apenas um dos motivos para o qual necessitamos de mais pesquisas envolvendo as línguas brasileiras de imigração alemã.

Em áreas de contatos linguísticos, como é o exemplo das áreas formadas por imigrantes hunsriqueanos de um lado e de imigrantes boêmios de outro devido ao contato com a língua majoritária (português) e do ensino da língua inglesa na escola, é natural que

existam dúvidas em relação aos usos linguísticos. No entanto, não podemos concordar com a imposição da língua majoritária por parte da escola sem mencionar o uso das línguas de imigração pelas comunidades locais.

Muitas vezes, há professores preparados, embora poucos, para enfrentar as questões complexas que envolvem as línguas minoritárias frente às línguas majoritárias, como podemos ver nos comentários do informante CaGI-m, no texto abaixo. Este entrevistado é falante de *Hunsrückisch* e trabalha em escolas, lecionando inglês. Na parte inicial do texto, a entrevistadora pergunta sobre os tempos de escola, para que ele pudesse relatar suas experiências.

Os anos iniciais da fase escolar sempre são lembrados pelos entrevistados e trazem percepções linguísticas interessantes. A alfabetização de CaGI-m ocorreu na escola da zona rural do município e, na época, havia um professor que sabia falar alemão (*Deitsch*) e até mesmo os colegas falavam a língua alemã, o que foi considerado bonito (*scheen*) pelo informante, como podemos visualizar abaixo, no texto 10.

Texto 10

CaGI-m-Santa Manoela	Tradução minha
<p>E: <i>Wie woo's in die Schul Zeit?</i> m: <i>Ich honn do oongefang, in Russland. Woo scheen warum mia, mein colega unn ich harre mehr Deitsch gesprech..., gesproch unn unser Schullarrer ['ju:lare] hat in Deitsch gesproch, awer jetz wu'ma meh gelennt hat, mea siehn das..., das is een bissche verloa gang unn foo mia meh Deitsch spreche, mia misse..., als mo tut ma das Dings vergesse, unn dann als mo mus'ma nochlosse, muss'ma denke unn wenn'ma een anner gesproch, gesproch oonfang'se lenne tut, das tut als mo een bissche sich misturiere. Es geht mitzammer unn dann wenn ich in Englisch als mo om lenne sinn, dann poo Weter sinn nechst der selwiche unn dann soohn ich „dea wesst dass, wenn ma's so in Englisch soohn tut, dass kann'ma so in Deitsch soohn, gell“. Dann die wu Deitsch wisse, die soohn „ah, werkllich kann'ma so soohn“! „Jo, dea kannt so soohn“. Orre als mo tut'ma soohn „so tut'ma in Deitsch soohn, unn dann in Englisch tun bissche annerste soohn, gell“. „Ah, das is woa“! Unn wenn'ma een frase orre was muss'ma schreiwe foo der wo Deitsch wees, das is een bissche..., ich menne, das is een bissche leichter foo schreiwe foo die wo Deitsch wisse. Die kenne..., das is bissche leichter foo se schreiwe, wo der substantivo tun, orre adjetivo. Das is een bissche leichter foo se schreiwe unn foo frase construere, wie foo een</i></p>	<p>E: Como foi na época da escola? m: Eu iniciei aqui, em Santa Manoela. Foi bonito porque nós, meus colegas e eu falávamos mais em alemão (<i>Deitsch</i>)..., falávamos e nosso professor da escola falava alemão (<i>Deitsch</i>), mas agora que estudei, vejo que um pouco se perdeu e para nós falarmos mais alemão (<i>Deitsch</i>), nós precisamos..., as vezes a gente esquece algumas coisas e, então, precisa parar e pensar, e quando iniciar a estudar outra fala (ou língua), isso, as vezes, se mistura um pouco. Isso anda lado a lado, e quando ensino inglês, algumas palavras são quase iguais, aí eu digo: vocês sabem que quando falamos assim em inglês, então podemos falar de tal maneira em alemão, né? Então os que entendem o alemão (<i>Deitsch</i>) falam: ah, verdade, dá pra falar assim também! Sim, vocês podem falar assim mesmo. Ou ainda, às vezes falo que em alemão se fala de uma maneira, mas no inglês já é um pouquinho diferente, né. Aí os alunos falam: “Ah, isso é verdade”! E quando precisa escrever uma frase ou algo que se precisa escrever, para aquele que sabe alemão (<i>Deitsch</i>), isso é um pouco..., eu acho, um pouco mais fácil para escrever para quem já tem o conhecimento do alemão. Eles conhecem..., isso facilita para escrever, onde colocar o substantivo ou adjetivo. Isso é um pouco mais fácil para escrever e para construir frases, do que para um</p>

<i>Brasilioner.</i> E: <i>was denkst du wee noch leichter foo wer schon Deitsch wees? Blos schreiwe?</i> m: <i>unn spreche och, poo Weter. [...] Lese och. [...] Verstehn och.</i>	brasileiro. E: O que mais tu achas que facilitaria para quem já sabe o alemão (Deitsch)? Apenas a escrita? m: Falar também, algumas palavras. [...] Ler também. [...] Entender também.
--	--

Por ter estudado mais e ter sua formação profissional na área de línguas (Português-inglês), o informante percebe que um pouco da língua alemã já se perdeu e afirma que, para falar mais alemão, é necessário parar e pensar / refletir, porque as línguas se misturam, principalmente, quando se inicia os estudos em outra língua estrangeira. Os processos de *code-mixing* e *code switching* são considerados comuns em áreas plurilíngues, porque são resultantes dos contatos linguísticos, conforme seção 2.5, apresentada no capítulo teórico.

A língua alemã *standard* possui empréstimos do inglês e de outras línguas também, assim como existe a possibilidade da palavra *Bissiklett*, do *Hunsrückisch*, ser um empréstimo do francês, conforme debatemos na seção do grau de coineização, pois este termo pode ter migrado com os imigrantes para o Brasil e, por isso, não representar um empréstimo do português brasileiro. Em função desta diversidade de denominações, se somado à pronúncia, podemos realmente colocar o alemão e o inglês lado a lado, assim como afirma o entrevistado no texto acima. Ele afirma utilizar o conhecimento do *Hunsrückisch* em sala de aula para comparar com formas semelhantes ou, até mesmo, as formas que fogem à regra em relação ao inglês porque tem um público conhecedor da variedade de fala alemã em sala de aula.

Os alunos percebem automaticamente as semelhanças entre as línguas e relacionam regras, o que Broch (2014, p. 188) define como caráter “despertador”. Como há várias semelhanças entre alemão e inglês, o professor deve estar “aberto” e disposto a ouvir o que os alunos têm a dizer ou questionar, tendo em vista que uma língua complementa a outra. O entrevistado CaGI afirma que os alunos que já possuem um conhecimento do alemão falado em casa (*Deitsch*) possuem vantagens linguísticas para formar frases em inglês e aprendem com mais facilidade a colocação de substantivos e adjetivos em sua posição correta. Segundo o nosso entrevistado, os alemães falantes da variedade *Deitsch* estariam em vantagem frente aos monolíngues em português, quando se trata da aprendizagem em inglês.

Com isso, a entrevistadora indaga o que mais, além da escrita, poderia facilitar o aprendizado do inglês para quem já sabe alemão (*Deutsch*). Ele afirma que a pronúncia de determinadas palavras, a leitura e a compreensão. Neste contexto, todas as quatro habilidades são contempladas, o que mostra uma grande vantagem para os bi/multilíngues.

Alguns estudos estão sendo realizados com falantes de *Hunsrückisch* para analisar os benefícios que eles possuem se comparados aos monolíngues. Um exemplo é o estudo de Mestrado de Limberger (2014, p. 103), onde o autor afirma que “falar *Hunsrückisch* pode trazer benefícios cognitivos”, principalmente se este conhecimento for somado à aprendizagem do alemão *standard*. Fora os benefícios citados pelo informante CaGI, os falantes de línguas minoritárias também possuem um conhecimento mais diversificado e intercultural. Enquanto ainda faltam estudos relacionados às línguas minoritárias, cabe aos linguistas compreender mais sobre variação linguística e transferir o conhecimento acadêmico de forma mais compreensível para a sociedade, contribuindo, assim, para que os pais continuem falando a língua de imigração com seus filhos, evitando que ela desapareça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente Dissertação ocupou-se da variedade do alemão falado pelos descendentes de boêmios, um grupo relativamente tardio de imigrantes da segunda metade do séc. XIX, proveniente de uma área mais a leste da matriz de origem de língua alemã, a Boêmia. Os indícios apontam que estes imigrantes vieram com uma diglossia em que a norma do *Hochdeutsch* cumpria a função de variedade alta, para as funções formais envolvendo a escrita, e uma variedade basilectal com marcas próprias, para o uso familiar. Os primeiros imigrantes boêmios, como vimos, chegaram em 1873 via Teutônia e se instalaram ao norte de Paverama, formando a ‘*neu Eesterreich*’ (Nova Áustria), ou simplesmente ‘*Eestreich*’ como é denominada ainda hoje no alemão local, e em português, Linha Brasil. Se passaram aproximadamente 150 anos desde a chegada das primeiras famílias. Nesse espaço de tempo, constatamos que, no contato com o hunsriqueano, que já estava instalado na região há mais tempo, a diglossia original se desfez, restando alguns poucos vestígios na memória e no conhecimento dos falantes da CbGII. A análise da dimensão diageracional mostra uma mudança em tempo aparente na direção da coiné hunsriqueana dominante no entorno da comunidade.

Nos arredores da comunidade, já havia imigrantes hunsriqueanos originários das colônias velhas (São Leopoldo e Novo Hamburgo), os quais foram os pioneiros a se assentar na região. No quesito temporalidade da migração (ALTENHOFEN e THUN, 2016), os imigrantes boêmios se assentaram tardiamente e tiveram que se integrar com os colonizadores locais. Este contexto logo propiciou o contato linguístico do grupo dos boêmios com os hunsriqueanos da comunidade de Santa Manoela, conhecida por *Russland*. As características linguísticas destes imigrantes e a situação de migrante em novo meio fez com que ambos se assumissem como descendentes de alemães (*mea sinn Deutsch*) e falantes de alemão (*mea spreche Deutsch*).

Para identificar os elementos constituintes da variedade de fala dos boêmios, hoje (recorte sincrônico), nos valem do modelo teórico da dialetologia pluridimensional e relacional (THUN, 1998). Considerando os efeitos do contato linguístico com o grupo de falantes do hunsriqueano, entrevistamos, nos pontos de Linha Brasil (boêmio) e de Santa Manoela (hunsriqueano), quatro grupos de falantes, conforme a escolaridade (Ca e Cb) e a

geração (GII e GI). Por meio de um questionário, buscou-se obter dados para medir os graus de dialetalidade [+Bo], de standardização [+standard] e de coineização [+Hrs], a fim de identificar os componentes da variedade linguística falada pelos boêmios, que descrevemos como um “complexo variacional”, seguindo Thun (2010).

Para a análise do **grau de dialetalidade**, enfocamos variantes que remeteriam a uma possível variedade basileto de origem que funcionaria como marca própria dos boêmios, desviante do hunsriqueano falado em seu entorno. Através de 34 variáveis lexicais, obtivemos resultados dessa variedade apenas no grupo CbGII, perfazendo 41% das respostas espontâneas. No grupo CaGII, permanece a lacuna por não haver mais informantes desta faixa etária com ensino técnico ou superior. A hipótese relacionada à perda linguística da variedade mais dialetal [+Bo], na GI (jovens com idade entre 18 e 36 anos), foi confirmada.

A dimensão diatópica confirmou a presença de marcas do basileto original somente na área colonizada pelos imigrantes boêmios, em Linha Brasil. As principais características encontradas na fala deles foram alterações fonético-fonológicas: o abaixamento da vogal média alta /e/ para [a] nas sílabas iniciais de palavras como em *Fenster* ‘*Fenster*’ (janela), realização de ditongos /ou; ej/ como em *Hause* ‘*Hose*’ (calça), ou *hejss* ‘*heiß*’ (quente); e alterações morfológicas como, por exemplo, realização de /-en/ em final de verbos, entre outras.

A perda linguística da base dialetal dos boêmios se deve principalmente ao nivelamento linguístico com as variedades do entorno, o *Hunsrückisch* e o português. Os casamentos interétnicos também auxiliaram nesta crescente perda linguística, pois os imigrantes boêmios casados com hunsriqueanos optaram pela comunicação em *Hunsrückisch* e ensinaram apenas esta variedade para os filhos.

Na fala menos monitorada (conversação semidirigida, cf. THUN, 1996, p. 212), ocorreu apenas uma forma considerada mais dialetal [+Bo] no grupo da GII, evidenciando a perda linguística de marcas basiletais do boêmio. Algumas formas consideradas [+standard] também ocorreram na fala mais espontânea da GII, na área dos imigrantes boêmios, o que confirma a hipótese do uso diglósico em partes, ou seja, o uso do basileto original e da norma local do *standard*. Contudo, essa diglossia foi sendo, paulatinamente substituída por uma variedade boêmia coineizada, mesmo que alguns resquícios tenham resistido ao tempo.

Na análise do **grau de standardização**, observou-se uma resistência maior aos contatos linguísticos nas duas áreas em estudo (dimensão diatópica) e na dimensão diastrática, se comparado ao nível mais dialetal, possivelmente em função dos registros escritos na língua *standard*. Na dimensão diatópica, o grau de standardização é curiosamente maior na área dos hunsriqueanos, principalmente nos grupos da CaGII e CbGII, que atingiram um pouco mais de 20% na análise das 34 variáveis lexicais selecionadas para a comparação dos dados. Na área de imigração boêmia, somente o grupo CbGII atingiu 17% dos resultados se comparado aos mais jovens que não obtiveram respostas espontâneas para o [+standard]. Na dimensão diageracional, tem-se novamente a não transmissão destas marcas linguísticas da GII para a GI, o que também envolve a falta da oferta de ensino de alemão *standard* nas escolas.

O alemão *standard* foi prejudicado com a proibição das línguas estrangeiras durante o Estado Novo (1937-1945), na Era de Vargas. Muitas escolas foram fechadas e as práticas que eram realizadas na língua também foram eliminadas. Alguns falantes revelaram sobre o medo enfrentado enquanto se falava alemão porque havia punição aos usuários.

A GI praticamente não compreende mais o alemão *standard*, conforme as análises realizadas em algumas frases de Wenker (*Wenker-Sätze*). A leitura do texto “*Vom verlorenen Sohn*” (O Filho Pródigo) não foi analisada neste estudo, em função dos poucos informantes que conseguiram realizar esta tarefa. Na GI, tivemos tentativas de leitura, mas a falta do contato com o alemão *standard* impossibilitou a realização da atividade e levou os informantes a desistirem logo no início. Isso comprova, em certo sentido, a perda das habilidades de uso da norma *standard*, do *Hochdeutsch* local.

As áreas de fala mais *standard*, ou ainda, consideradas tipo *Deutsch* (ALTENHOFEN, 2016) no Rio Grande do Sul, merecem maior atenção e necessitam de mais pesquisas para esclarecer melhor em que consiste este tipo de língua falada e se não possui influências de outras variedades de contato, como o boêmio, o vestfaliano e o pomerano, por exemplo. Todo o contínuo variacional (BELLMANN, 1983) considerado mais *standard*, presente em comunidades como a dos boêmios, por exemplo, não pode ser considerado, a meu ver, *Hunsrückisch* do tipo *Deutsch*. Os contextos que envolvem contatos linguísticos entre hunsriqueanos e outros grupos de imigração alemã necessitam

de pesquisas mais apuradas, onde se busca, por exemplo, unir tanto a análise quantitativa quanto a qualitativa.

O **grau de coineização**, na área colonizada pelos imigrantes boêmios, aponta, como já se mencionou, para uma mudança em tempo aparente, uma vez que a GI produz mais variantes lexicais em *Hunsrückisch* do que a GII, conforme as análises quantitativas. O *Hunsrückisch* é a língua materna dos informantes da GI, o que também pode ser considerado a coine nativizada, resultante da coine de imigração que já se estabilizou, conforme sustenta Siegel (1985, p. 374).

Se considerarmos a dimensão diatópica, os informantes CbGII da área dos boêmios possuem um grau de coineização menor em relação à CbGII da área dos hunsriqueanos. O mesmo ocorre no grupo CaGI dos hunsriqueanos em relação a CaGI dos boêmios. O que faria com que um determinado grupo de mesmo perfil sociolinguístico coineizasse muito mais do que outro? A primeira hipótese para o grupo CbGII, da área dos boêmios, coineizar menos está a favor do número de variedades linguísticas disponíveis para responder as variáveis lexicais. A segunda hipótese, mais voltada ao grupo CaGI, da área dos hunsriqueanos, pode ser explicada em função das escolhas linguísticas mais ativas e voltadas principalmente às línguas de prestígio (português e inglês). Isso pode ser explicado também em função do trabalho realizado fora da comunidade, onde as línguas de prestígio são a principal ferramenta de trabalho.

De modo geral, a coineização foi bastante significativa na área colonizada pelos hunsriqueanos, como já se esperava. No entanto, nas conversas menos monitoradas com os informantes mais escolarizados percebeu-se a preferência pela língua portuguesa (cf. texto 01, em anexo I), o que atinge principalmente a GII. A variação linguística da fala mais espontânea do grupo dos boêmios apresentou majoritariamente formas coineizadas e algumas interferências ou formas de *code-switching* e *code-mixing* do português. A única ocorrência [+Bo] que surgiu ao longo da fala livre analisada, de certa forma, já indica a perda linguística acentuada entre os falantes considerados do grupo dos boêmios.

A parte final desta Dissertação dedica-se à **percepção** do alemão boêmio pelos membros das duas comunidades pesquisadas. Há um consenso de que os boêmios falam “um alemão diferente”. Algumas das variantes observadas como marca linguística característica do alemão dos boêmios foram mencionadas pelos informantes. No entanto, essa percepção parece decrescer da GII para a GI. Enquanto a GI afirma falar o *Deutsch*,

apenas dois informantes da GII, dos seis que foram entrevistados na área dos boêmios, afirmam falar *Eestreisich*. Por parte dos hunsriqueanos, onde se fala a variedade *Deitsch*, o alemão falado pelos boêmios é considerado diferente (“*Das is bissche annerschte*”), mas que seria compreensível para quem fala *Hunsrückisch*. Para explicar o que exatamente pode ser considerado diferente no alemão boêmio, geralmente se utilizam de variantes lexicais ou fonéticas.

As percepções que envolvem a vitalidade linguística, em sua maioria, estão voltadas ao desaparecimento das línguas de imigração. Os principais motivos citados para justificar este pensamento estão presentes nas próprias experiências familiares, na qual as crianças, principalmente os netos, são citadas como monolíngues em português. Outro motivo citado para a crescente diminuição do uso de línguas de imigração é a escola que impõe a língua portuguesa e não possui funcionários ou professores aptos para receber as crianças bilíngues em pré-escolas.

A história local sobre a imigração dos boêmios e a variedade linguística por eles falada, pode-se dizer, aos poucos vai caindo no esquecimento da GI, segundo as percepções dos entrevistados mais velhos. Um informante da GII afirmou que “os jovens só querem assistir telenovelas e fazer as coisas da maneira deles. Os jovens não leem mais...”. Com isso também cresce o desinteresse pelas línguas de imigração do local.

As percepções linguísticas e o comportamento linguístico dos falantes mostram que temos, a meu ver, enquanto pesquisadores e observadores de línguas brasileiras de imigração, as seguintes tarefas urgentes a cumprir:

- I) Conscientizar linguisticamente (*language awareness*) as comunidades de falantes de línguas de imigração sobre a importância do plurilinguismo, conforme Broch (2014, p. 22);
- II) Realizar mais pesquisas com falantes de línguas de imigração alemã com a finalidade de identificar e de registrar a variedade falada; e,
- III) Promover mais ações de revitalização linguística e debates para uma educação plurilíngue, como ocorre no Inventário do *Hunsrückisch*/hunsriqueano como Língua Brasileira de Imigração³⁷ (IHLBrI).

³⁷ Conferir mais informações relacionadas em: <http://e-ipol.org/inventario-hunsruckisch/>. Acesso em 20/06/2017.

Este estudo possui, evidentemente, suas limitações; sua maior contribuição está em documentar uma situação de contato intervietal que ainda precisa ser melhor entendida, porque reproduz situações que vão para além do contato renano-moselano que resultou na coine do *Hunsrückisch*. Eventuais lacunas que ficaram em aberto, como, por exemplo, as questões fonológicas e morfológicas, e perguntas que ainda não foram respondidas deverão ter sequência nos próximos estudos.

Apesar dos enormes desafios enfrentados com este complexo contexto variacional, esperamos ter contribuído com o presente estudo para o surgimento de mais pesquisas na área da Dialectologia e Sociolinguística. Vale salientar que uma criança só aprende a língua de imigração se ela tem com quem se comunicar e se ela receber os primeiros estímulos para que a comunicação em outra língua ocorra. Neste sentido, esperamos que as famílias continuem e insistam em falar a língua alemã com seus filhos e netos, para que tenhamos novas gerações bilíngues e mais plurais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNOLD, Heribert. *Die deutsche Mundartforschung in Böhmen: Stand und Ergebnisse*. Erlangen, 1950, 37 S.

ALTENHOFEN, Cléo Wilson. *Hunsrückisch in Rio Grande do Sul. Ein Beitrag zur Beschreibung einer deutschbrasilianischen Dialektvarietät im Kontakt mit dem Portugiesischen*. Stuttgart: Steiner, 1996.

_____. O estudo das línguas de imigrantes no Brasil. O exemplo do hunsrückisch no Rio Grande do Sul. In: *Cadernos do Instituto de Letras / UFRGS*, número 18, 1997.

_____. Migrações e contatos linguísticos na perspectiva da geolinguística pluridimensional e contatual. In: *Revista de Letras Norte@mentos*, UNEMAT, v. 6, 2013, p. 19-43. Disponível em <<http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/norteamentos/article/view/1216>>. Acesso em 05/03/2017.

_____. O “território de uma língua”: ocupação do espaço pluridimensional por variedades em contato na Bacia do Prata. In: FERNÁNDEZ, Ana Lourdes da Rosa Nieves; MOZZILLO, Isabella; SCHNEIDER, Maria Nilse & CORTAZZO, Uruguay (Orgs.). *Línguas em contato: onde estão as fronteiras?* Pelotas: Editora UFPel, 2014. p. 69-103.

_____. Standard und Substandard bei den Hunsrückern in Brasilien: Variation und Dachsprachenwechsel des Deutschen im Kontakt mit dem Portugiesischen. In: LENZ, Alexandra N. (Hrg.). *Perspektiven der Variationslinguistik, Sprachkontakt- und Mehrsprachigkeitsforschung*. Vienna University Press, 2016.

ALTENHOFEN, Cléo V. *et al.* Fundamentos para uma escrita do Hunsrückisch falado no Brasil. In: *Revista Contingentia*, UFRGS, v. 2, 2007, p.73-87. Disponível em <<http://seer.ufrgs.br/contingentia/article/view/3867> >. Acesso em 08/03/2017.

ALTENHOFEN, Cléo V. & MARGOTTI, Felício Wessling. O português de contato e o contato com as línguas de imigração no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso (Orgs.). *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 289-315.

ALTENHOFEN, Cléo V. & THUN, Harald. As migrações e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci & ROMANO, Valter (Eds.). *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Ed. UEL, 2016, p. 371-392.

BAUER, Otto. *Die Nationalitätenfrage und die Sozialdemokratie*. Vienna: Passin and especially. 1907. Disponível em: <<https://www.marxists.org/deutsch/archiv/bauer/1907/nationalitaet/16-oesterreich.html>> Acesso em 19/05/2017.

- BAUMBACH, Rudolf. *Einführung in die Dialektologie der deutschsprachigen Länder*. Olomouc 2001, S. 83.
- BECKER, Horst. *Sächsische Mundartenkunde: Entstehung, Geschichte und Lautstand der Mundarten Sachsens und Nordböhmens*. Dresden: Heimatwerk Sachsen, 1939, 172 S.
- BELLMANN, Günter. Probleme des Substandards im Deutschen. In: MATTHEIER, Klaus. *Aspekte der Dialekttheorie*. Tübingen: Niemeyer. (Reihe Germanistische Linguistik; 46), 1983, p. 105-130.
- BLAU, Josef. *Baiern in Brasilien: Chronik der Besiedlung von São Bento durch arme Leute aus dem Böhmerwald*. Gräfelfing: Edmund Gans Verlag, 1958.
- BOSL, Karl. *Handbuch der Geschichte der Böhmisches Länder*. Band III. Anton Hiersemann Verlag, Stuttgart, 1968.
- BROCH, Ingrid Kuchenbecker. *Ações de promoção da pluralidade linguística em contextos escolares*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 268 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102190>. Acesso em 08/09/2016.
- CALVET, Louis-Jean. *As políticas linguísticas*. São Paulo: Editora Parábola: IPOL, 2007.
- CELESTINO, Ayrton Gonçalves. *Os Bucovinos do Brasil*. Curitiba: Torre de Papel, 2002.
- CLYNE, Michael. *Deutscher Idiolekt und deutscher Dialekt in einer zweisprachigen Siedlung in Australien*. *Wirkendes Wort*, 18, 1968, S. 84–95.
- COSERIU, Eugenio. *Sentido y tareas de la dialectología*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Instituto de Investigaciones Filológicas. Cuadernos de Linguística; 8, 1982.
- FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FERGUSON, Charles A. *Diglossia*. In: *Word*, New York, n.15 (2), 1959, p. 325-340.
- FIGUEIREDO, Carla Regina de Souza. *Topodinâmica da variação do português gaúcho em áreas de contato intervareietal no Mato Grosso*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/114436?locale-attribute=es>. Acesso em 10/12/2016.
- FINKLER, Arthur. *Os imigrantes alemães em Venâncio Aires*. In: *Redes*, Santa Cruz do Sul, v. 4, n. especial (ago. 1999), 1999, p. 25-33.
- FLORES, Hilda Agnes Hübner. Imigrantes boêmios. In: FLORES, Moacyr (Org.). *Cultura sul-rio-grandense*. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; CIPEL; Instituto Cultural Português, 1981, p. 20-32.

_____. *Canção dos imigrantes*. Porto Alegre: UCS, 1983.

FRIEDRICH, Walter Alois. *Die Wurzeln der nordböhmischen Glasindustrie und die Glasmacherfamilie Friedrich*. Promedia werbe-services Thomas Friedrich, Nürnberg, 2005.

FROSI, Vitalina Maria. Os dialetos italianos no Rio Grande do Sul: convivência e mescla linguística. In: CARBONI, Florence e MAESTRI, Mário. *Raízes Italianas do RS (1875-1997)*. Passo Fundo: UPF, 2000.

GARDÈS-MADRAY, Françoise; BRÈS, Jacques. Conflitos de nomação em situação diglósica. In: *Multilinguismo*. G. VERMES e J. BOUTET (orgs.). Campinas: Ed. Da Unicamp, 1989, p. 155-173.

GROSJEAN, François. Bilingualismus und Bikulturalismus. Versuch einer Definition. 1996. In: H. Schneider & J. Hollenweger (Hrsg.). *Mehrsprachigkeit und Fremdsprachigkeit: Arbeit für die Sonderpädagogik?* Luzern: Edition SZH, 1996, S. 161-184.

HABEL, Fritz Peter. *Die sudetendeutsche Frage. Kurzdarstellung und Dokumentation*. Sudetendeutscher Rat [Hrg.]. München, 1983.

HABEL, Jussara M. *Fundamentos para um estudo da(s) língua(s) dos imigrantes boêmios no Brasil*. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Porto Alegre: UFRGS, 2014, 68f.

_____. Mapeamento de comunidades boêmias no Rio Grande do Sul. In: *IHGRGS – Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, n. 150, 2016, p. 115-134. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/revistaihgrgs/article/view/61621/38007>>. Acesso em: 12/08/2016.

HAUGEN, Einar. *A Maldição de Babel*. In: *Diálogo*, Rio de Janeiro, v.6, n.4, 1973, p. 82-89.

HEYE, Jürgen. Sobre o conceito de diglossia. In: GORSKI, E. M. & COELHO, I. L. (Orgs). *Sociolinguística e Ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2006, p. 69-81.

HORST, Aline. *Variação e contatos linguísticos do vestfaliano rio-grandense falado no Vale do Taquari*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Programa de Pós-Graduação em Letras, 2014. 231 p. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/102193>. Acesso em 10/04/2017. Acesso em 15/03/2017.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HÜBNER, Cleto José. *A transformação de hábitos, costumes e tradições em Sampaio*. Trabalho de Conclusão de Curso - Instituto de Filosofia. Porto Alegre: UFRGS, 2010.

KERSWILL, Paul. Contact and new varieties. In: Hickey, Raymond (ed.). *The handbook of language contact*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 230-251.

KING, Kendall; MACKEY, Alison. *The bilingual edge: why, when, and how to teach your child a second language*. New York: Collins, 2007.

KORKISCH, Erhard. *Die Heimat der Sudetendeutschen in Böhmen, Mähren und Sudetenschlesien*. Deutsche Kulturleistungen. 2007.

KÖNIG, Werner. *DTV - Atlas Deutsche Sprache*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag. 1994.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. [*Padrões Sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno; Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008].

LANG, Guido. *Colônia Teutônia – História e Crônica (1858-1908)*. São Leopoldo, Gráfica Sinodal, 1995.

LENZ, Alexandra N. Zur Struktur des Westmitteldeutschen Substandards – Dynamik von Varietäten. In: EGGERS, Eckhard; SCHMIDT, Jürgen Erich; STELLMACHER, Dieter (Hrsg.). *Moderne Dialekte – Neue Dialektologie*. Akten des 1. Kongresses der Internationalen Gesellschaft für Dialektologie des Deutschen (IGDD). Stuttgart: Franz Steiner, 2005, p. 229-252.

LIMBERGER, Bernardo. *O desempenho de bilíngues e multilíngues em tarefas de controle inibitório e compreensão auditiva*. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, 2014.

LUNTE, Gabriele. Besondere Dialektmerkmale der bairisch-deutschböhmisches Mundart Von Ellis, Kansas, USA. In: *Sprachinselwelten – The World of Language Island*. Nina BEREND, Nina & KNIPF-KOMLÓSI, Elisabeth (eds). Frankfurt: Peter Lang, 2006.

_____. *The German Bohemian culture and linguistic heritage of the catholic Bucovinians in Ellis, Kansas*. Vol. 27, Num. 2. 2012. Disponível em: <https://esirc.emporia.edu/bitstream/handle/123456789/631/Lunte%20Vol%2027%20Num%202.pdf?sequence=1>. Acesso em 15/06/2017.

MACKEY, William. The description of bilingualism. In: FISHMAN, Joshua A. *Reading in the sociology of language*. 3.ed. The Hague: Mouton, 1972, p. 554-584.

MEYER, Martina. *Deutsch ou Deitsch? Macroanálise pluridimensional da variação do Hunsrückisch rio-grandense em contato com o português*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Letras - Licenciatura). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.

PESSOA, M. L. (Org.). Regiões do RS. In: *Atlas FEE*. Porto Alegre: FEE, 2017. Disponível em: <http://atlas.fee.tche.br/rio-grande-do-sul/socioambiental/areas-especiais/>. Acesso em: 23/06/2017.

PREDIGER, Angélica. A territorialização do alemão falado em comunidades de imigração boêmia no Brasil. In: *Cadernos do Instituto de Letras*, Porto Alegre, n. 52, 2016, p. 339-360.

PROTHERO, G. W. *Bohemia and Moravia*. London: Published by H. M. Stationery Office. Handbooks prepared under the direction of the Historical section of the Foreign Office. N° 2, 1920.

RADTKE, Edgar & THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística românica. Un balance. In: Radtke, Edgar & Thun, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel : Westensee-Verl., 1996. p. 25-49.

ROMAINE, Suzanne. *Bilingualism*. 2. Ed. Oxford: Basil Blackwell, [1989] 1995.

SCHWARZ, Christian. *Die tun – Periphrase im Deutschen*. Abschlussarbeit: Fakultät der Ludwig-Maximilians-Universität München 2004. Disponível em: <https://www.freidok.uni-freiburg.de/fedora/objects/freidok:1759/datastreams/FILE1/content>. Acessado em: 10/06/2017.

SIEGEL, Jeff. Koinés and koineization. In: *Language in Society*, v. 14, n. 3, 1985, p. 357-378.

SCHIERHOLT, José Alfredo. *Estrela: Onten e Hoje*. 2002. Disponível em: <http://www.estrelars.com.br/site/arquivo/download/id/6117/table/servicocidadao/prefix/original> . Acesso em 14/12/2016.

SKUTNABB-KANGAS, Tove. Multilingualism and the education of minority children. In: Skutnabb-Kangas, Tove & Cummins, Jim (eds.). *Minority education: from shame to struggle*. Clevedon / Avon: Multilingual Matters, 1988, p. 09-44.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidEOS en Rivera. In: Radtke, Edgar & Thun, Harald [Orgs.]. *Neue Wege der romanischen Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie*. Kiel: Westensee-Verl.; 1996, p. 210-269.

_____. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: International Congress of Romance Linguistics and Philology (21: 1995: Palermo). *Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza*. Giovanni Ruffino [Org.]. Tübingen: Niemeyer, v. 5, 1998, p. 701-729.

_____. A geolingüística pluridimensional, a história social e a história das línguas. In: Aguilera, Vanderci de Andrade (org.). *Para a história do português brasileiro: volume VII: vozes, veredas, voragens*. Londrina: EDUEL, 2009, p. 531-558.

_____. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: Auer, Peter & Schmidt, Erich (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010. p. 706-723.

UMANN, Josef. *Memórias de um imigrante boêmio*. [Edição bilíngüe] Trad. e notas Hilda Agnes Hübner Flores. 3. ed. Porto Alegre, EST/Nova Dimensão. Coleção Imigração Alemã; 13; [1938] 1997, 108 p.

VOGT, Olgário Paulo & SILVEIRA, Rogério Leandro da (orgs). *Vale do Rio Pardo: (re)conhecendo a região*. Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2001.

WALLAUER, Erno. *Paverama: Anotações sobre o povo e a cultura*. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2013.

ZIMMER, M.; FINGER, I & SCHERER, L. *Do bilinguismo ao multilinguismo: intersecções entre a psicolinguística e a neurolinguística*. In: ReVEL, Vol.6, n.11, 2008.

Outras Referências:

Helmut Preußler Verlag Nürnberg, 1989. Disponível em: <http://www.reichenberg.de>. Acesso em: 23.10.2016.

Atlas zur deutschen Alltagssprache. Disponível em: <http://www.atlas-alltagssprache.de/r8-f4e-f-2/>. Acesso em 26/11/2016.

Heimatkreis Reichenberg Stadt und Land Augsburg (Autor). **Wo fänd'ich deinesgleichen?** Helmut Preußler Verlag Nürnberg, 1989. Disponível em: <http://www.reichenberg.de>. Acesso em: 23.10.2016.

MAPA da República Tcheca: Disponível em: <http://www.oelm.at/wp-content/uploads/Sudetendeutsche-JPG1.jpg>. Acesso em: 16/12/2016.

ANEXO I

Fig. 01: A seta em vermelho aponta para uma das mensagens em alemão *standard* apagadas no teto da igreja católica de Santa Manoela durante o Estado Novo, época da proibição de línguas estrangeiras no Brasil.



Fonte: Acervo pessoal.

Texto 01: fala livre com o informante CaGII-m-Santa Manoela: Proibição do alemão.

m: No tempo que foi proibido o alemão, foi proibido pra sério. Porque aqui, por exemplo, o primeiro vizinho, aqui morava um Roden, ele foi pego falando alemão, pegaram ele e nunca mais voltou. Não se sabe que fim levou. Nunca mais se teve notícias. O velho Griebeler [...], ele tinha um açougue ali em cima, ele foi preso. Ele apanhava todos os dias na cadeia. Ele pelo menos conta. Foi pego falando em alemão.

E: Mas aonde tinha cadeia?

m: Eles foram levados mais adiante. Ninguém sabia para onde. Tanto que o velho Roden nem adiantou procurar..., porque não sabiam pra onde foi levado.

E: Que polícia era isso?

m: Nem era polícia, eram jagunços. Tanto que este sujeito que veio apagar as escritas (do alemão) aqui na nossa igreja, ele não sabia ler. Tanto assim que..., disseram que, o que ele deixou de alemão..., porque disseram que era latim. Como ele não sabia ler, então escapou uma ou outra coisa.

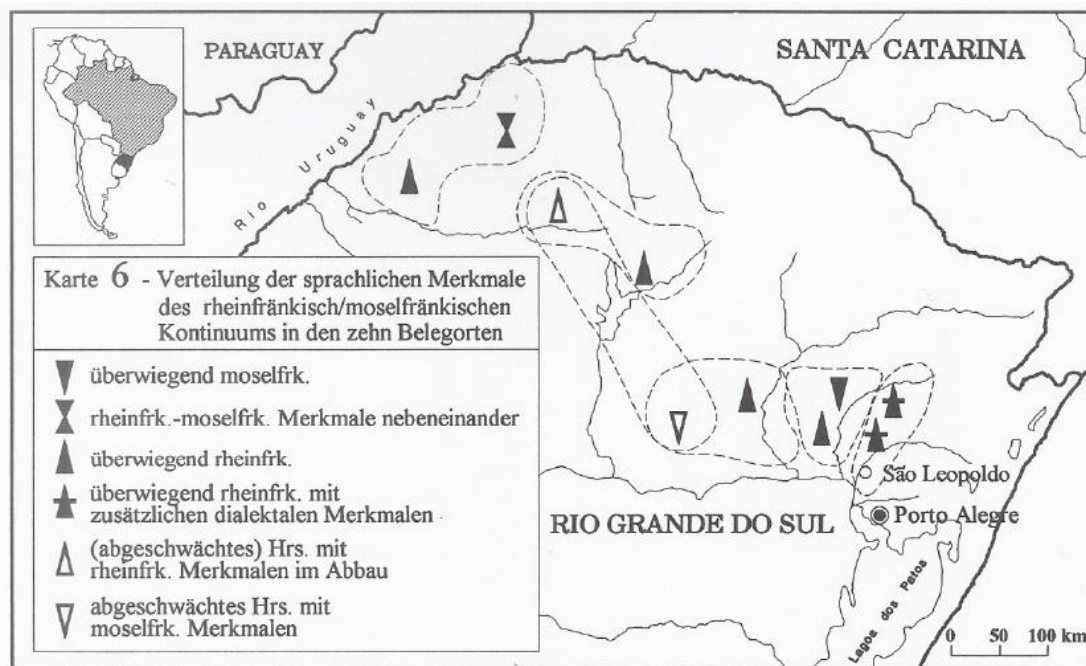
E: Isso o que apagaram na igreja foi na época do teu pai?

m: Foi em 1942.

E: Em 42, bem na época do Getúlio Vargas. [...].

Fonte: Acervo pessoal.

Fig. 02: Cartografia com as ocorrências francônio-renanas e francônio-moselanas do *Hunsrückisch* do RS.



Fonte: Altenhofen, 1996, Karte 6.

Fig. 03: Imagem do teto da igreja de Santa Manoela com mensagem em alemão *standard*.



Fonte: Acervo pessoal.

ANEXO II

Questionário / Fragebuch

Versão adaptada do questionário ALMA-B's e ALMA-H

Dissertação de Mestrado de Jussara M. Habel (2015/2 - 2017/1 - Bolsista CAPES):

"*Das böhmische Deutsch*": perda e coineização de variantes do alemão de imigrantes boêmios no Rio Grande do Sul"

Erhebungspunkt und Kennung / Localidade de pesquisa e código do ponto:

Paverama (Linha Brasil ,*Eestreich*' e Santa Manoela ,*Rusland*')

Informantengruppen / Grupos de Informantes:

CaGII	CaGI
CbGII	CbGI

Datum / Data: __/__/____

Exploratoren / Entrevistadores: Jussara Maria Habel

Informierte Zustimmung der Gewährsleute / Consentimento livre e esclarecido dos informantes

MIT TONBAND AUFNEHMEN / GRAVAR

EINFÜHRUNGSTEXT ZUM AUFNEHMEN IN DER SPRACHE DER GEWÄHRSLUTE (HUNSRÜCKISCH) / TEXTO INTRODUTÓRIO PARA SER GRAVADO NA LÍNGUA DOS INFORMANTES (HUNSRIQUEANO)

Mein Noome is Jussara Habel

Meu nome é _____ [Befrager / Entrevistador]

Ich senn hier mit (pesquisador 2 / Acompanhante)

Eu estou aqui com [Assistent/Zeihe 1-2 / Assistente/testemunha 1-2]

Ich/mea senn hier bei

Eu estou/Nós estamos aqui em [Namen der Gewährsleute / Nomes dos Informantes]

In PAVERAMA, _____

[Wohnort, Gemeinde / Localidade, município]

for en Pesquisa se mache iwer das Deitsche, wo hier gesproch wedd.

para fazer uma pesquisa sobre o alemão falado aqui.

Heit is der: ____/____/_____

Hoje é [Datum / Data]

Frage nach informierter Zustimmung AUF HUNSRÜCKISCH / Pergunta por consentimento livre e esclarecido EM HUNSRIQUEANO

1. [Hr] unn, seid dea defoa, dass mea die Gravações, wo mea mit eich mache, for Pesquisas nutze iwer die deitsch Sproch, wo hier gesproch wedd, unn in Publicações vewenne (das heesst, dodriwer schreiwe), ohne nateerlich eire Noome se nenne?

[Pt] e, você(s) concordam que nós utilizemos as gravações que vamos fazer com vocês, para pesquisas sobre as línguas faladas aqui, e que as citemos em publicações (isto é, que escrevamos a respeito), sem naturalmente mencionar os nomes de vocês?

2. [Hrs] Elaubt dea ooch, dass mea Gespreche, wo mea mit eich graviere (orre filmiere), unn interessant finne, ins INTERNET stelle, fo dass annre Leit eier Sproch besser kennelenne kenne?

[Pt] Vocês autorizam também que nós possamos disponibilizar na INTERNET conversas que gravamos ou filmamos com vocês e que achamos interessantes, para que outras pessoas possam conhecer melhor o alemão falado aqui?

3. [Hrs] Is es eich bekannt, dass dea net gezwung seid, on unsrem Gesprech mitsemache, also dass dea uns freiwilllich heleft, ohne eich bei der Oorwet unn in der Gesundheit Schoode se bringe?

[Pt] Está claro para vocês que vocês não são obrigados a participar da nossa conversa, que portanto o fazem de livre e espontânea vontade, sem prejuízo de trabalho e de saúde?

Danke scheen! / Obrigado!

PARTE A
DADOS SOCIOLÓGICOS

AI IDENTIFIKATION DER INFORMANTEN / IDENTIFICAÇÃO DOS INFORMANTES	
Informante 1 (masc.): _____ Informante 2 (fem.): _____	
1. Data de Nascimento: Inf1 ____/____/____ Inf2 ____/____/____ _____ anos _____ anos	
2. Onde nasceu? Inf1 e 2: <input type="checkbox"/> Na comunidade. Inf1 e 2: <input type="checkbox"/> Em outra localidade. Qual? _____	
3. Há quanto tempo mora na localidade? Inf1: _____ Inf2: _____	
4. Escolaridade: Inf1: _____ Inf2: _____	
5. Trabalho/Ocupação: Inf1: _____ Inf2: _____	
6. Confissão religiosa da família (histórico familiar e prática): Inf1: <input type="checkbox"/> católico <input type="checkbox"/> evangélico luterano <input type="checkbox"/> outra Inf2: <input type="checkbox"/> católico <input type="checkbox"/> evangélico luterano <input type="checkbox"/> outra	
7. Origem da família: quando emigraram? De que região da Alemanha ou da Áustria? Inf1: _____ Inf2: _____	
Endereço (<u>telefone?</u>):	
Observações adicionais	
AII	HERKUNFT DER FAMILIE / ORIGEM DA FAMÍLIA DO INFORMANTE
01.	<i>(Informant / Informante)</i> <i>Zahl der Geschwister / Número de irmãos</i>
02.	<i>(Elterngeneration / Geração dos pais)</i> <i>Namen der Eltern / nome dos pais (vgl. ALMA-H AII_07)</i>

	m-..... f-.....
03.	<i>Namen der Großeltern / nome dos avós</i> (vgl. ALMA-H AII_08)
	m-..... f-.....
04.	<i>Herkunft der Familie in Brasilien / Origem da família no Brasil</i> (vgl. ALMA-H AII_07.3)
05.	<i>Wann eingewandert? / Quando emigraram para o Brasil?</i> (vgl. ALMA-H AII_07.4)
06.	<i>Aus welcher Gegend in Deutschland? / De que região da Alemanha?</i> (vgl. ALMA-H AII_07.5)
07.	<i>Schulbildung der Eltern / Escolaridade dos pais</i> (vgl. ALMA-H AII_09)
	m-..... f-.....
08.	<i>Beruf der Eltern / Profissão dos pais</i> (vgl. ALMA-H AII_10)
	m-..... f-.....
AIII	(META)SPRACHLICHE ASPEKTE / ASPECTOS (META)LINGÜÍSTICOS
01.	(Selbsbezeichnung der Sprache / Autodenominação da língua) Wie nennt dea eier Sproch, wo dea dehemm von der Eltre gelennt hot? / Como vocês denominam a língua de vocês, que vocês aprenderam em casa dos pais?
	a) Behmisch, b) Bihmsch; c) Österreichisch; d1) Deutsch, d2) Deitsch; e) Alemong; f) Platt(deitsch); g) Dialekt
02.	(deutsche Varitäten in Kontakt / variedades do alemão em contato) <i>Ausser denne Sproche gibt es noch annre Sotte Deitsch hier in der Gechend?</i> <i>/ Existem outras variedades de alemão aqui na região?</i>
	a1) Hunsrückisch, a2) Hunsrück, a3) Hunsbucklisch, b1) Hochdeutsch, b2) Hochdeitsch; b3) Alemão Gramatical; c1) Pommeronisch, c2) Pommerisch, c3) Platt; d1) Westfelisch; d2) Plattdütsch, d3) sapato de pau; e) Deitsch-Russ; f1) Plautdietsch, f2) Mennoniten-Deutsch
03.	(Perzeption der Sprachvarianten / percepção das variantes linguísticas) <i>“Unn wie spreche die die Sott Deitsch? Kennst’de en poor Wetter?” / Como</i> <i>eles falam esse tipo de alemão? Conhece umas palavras?</i>

	<p>a) Fard ‘Pferd’, b) Madl ‘Mädchen’, c) flieche ‘zackern’, d) Gald ‘Geld’ e) Aussproch? / Pronúncia?</p>
04.	<p>(<i>Deutsch der Großeltern</i> / alemão dos avós? (língua da memória)) <i>“Unn honn eier Grosseltre annerste Deitsch gesproch? (Wenn annerste, wie?)”</i> / <i>E os avós de vocês falavam um alemão diferente? Conhece umas palavras? (Se sim, como?)</i></p>
05.	<p>(<i>weitere Sprachen in Kontakt</i> / outras línguas em contato na comunidade) <i>Gibt es hier in der Gegend noch andere Sprachen außer Deutsch?</i> / <i>Existem ainda outras variedades além de alemão aqui na região?</i></p>
	<p>a1) Spoonisch; a2) Castellano; b) Italienisch (gringo?); c) Polnisch / Polonês (polaco?); d) anner Sproch / outra língua</p>
06.	<p><i>Welche Sprache(n) habt ihr zuerst gelernt?</i> / Qual (Quais) língua(s) aprendeu primeiro?</p>
07.	<p><i>Welche dieser Sprachen sprechen Sie am besten?</i> / Qual dessas línguas você fala melhor?</p>
08.	<p>(<i>Deutschkenntnisse der Geschwister</i> / Conhecimentos de alemão dos irmãos) <i>Sprechen eure Geschwister auch das “Deutsch von hier”?</i> / Os irmãos de vocês também falam o alemão daqui?</p>
	<p><input type="checkbox"/> alle <input type="checkbox"/> nur der älteste, die ältesten <input type="checkbox"/> nur ich <input type="checkbox"/> keiner</p>
09.	<p>(<i>Deutschkenntnisse der Eltern</i> / Conhecimentos de alemão dos pais) <i>Und die Eltern?</i> / E os pais?</p>
	<p><input type="checkbox"/> beide <input type="checkbox"/> nur der Vater <input type="checkbox"/> nur die Mutter <input type="checkbox"/> keiner</p>
10	<p>(<i>Kenntnisse des Portugiesischen in der Elterngeneration</i> / Conhecimentos de português na geração dos pais) <i>Wer von ihnen spricht besser Portugiesisch, der Vater oder die Mutter?</i> / Quem deles fala melhor português, o pai ou a mãe?</p>
11	<p>(<i>Deutschunterricht (Hdt)</i> / ensino de alemão) <i>Habt ihr Deutschunterricht in der Schule gehabt? Wie viele Jahre?</i> / Vocês</p>

	tiveram aula de alemão na escola? Quantos anos?
12	(<i>Hochdeutschkenntnisse (Hdt)</i> / Conhecimentos de alemão standard)
12.1	<i>sprechen</i> / falar a) <i>gut</i> / bem, b) <i>schlecht</i> / mal, c) <i>nur ein paar Wörter</i> / só umas palavras, d) <i>gar nichts</i> / nada
12.2	<i>verstehen</i> / compreender a) <i>gut</i> / bem, b) <i>schlecht</i> / mal, c) <i>nur ein paar Wörter</i> / só umas palavras, d) <i>gar nichts</i> / nada
12.3	<i>lesen</i> / ler a) <i>gut</i> / bem, b) <i>schlecht</i> / mal, c) <i>nur ein paar Wörter</i> / só umas palavras, d) <i>gar nichts</i> / nada
	→ <i>Haben eure Eltern euch als Kind Märchen (kleine Geschichte) vorgelesen?</i> / Os pais de vocês leram contos de fadas para vocês, quando ainda eram crianças?
12.4	<i>schreiben</i> / escrever (vgl. MRhSA, 234.1, 234.2, 234.3: schreiben [1. P. Pl.] → Bd. 2, Kt. 91: bleib) a) <i>gut</i> / bem, b) <i>schlecht</i> / mal, c) <i>nur ein paar Wörter</i> / só umas palavras, d) <i>gar nichts</i> / nada
12.5	<i>beten auf Deutsch?</i> / rezar em alemão?
12.6	<i>singen auf Deutsch?</i> / cantar em alemão?
13.	<i>Und wie viele dieser Deutschstämmigen sprechen noch Deutsch?</i> / E quantos por cento desses descendentes ainda falam alemão?
14.	<i>Wird das Deutsche hier bald aussterben?</i> / O alemão aqui vai morrer em breve?
15.	<i>Und wenn ein Deutscher eine Brasilianerin heiratet, geht dann das Deutsche verloren?</i> / E se um alemão casa com uma brasileira, o alemão se perde?
16.	<i>Wer bewahrt (behalt) das Deutsche besser, die Katholiken oder die Evangelischen?</i> / Quem mantém mais o alemão, os católicos ou os

	evangélicos?

PARTE B

LOCALIDADE DA PESQUISA

BI	FRAGEN ZUR AUFNAHME / PERGUNTAS PARA GRAVAÇÃO
1	(Toponymik / Toponímia)
1.1	<i>Ortsbezeichnung</i> / Nome da localidade onde moram os informantes
1.2	<i>Vorherige Ortsbezeichnungen</i> / Nomes anteriores
1.3	<i>Herkunft (Genese) der lokalen Ortsbezeichnung</i> / Origem (gênese) do nome da localidade (por que se chama assim?)
2.	<i>Territorialität der Böhmen (Ort, Schneise, Munizip)</i> / Localização dos boêmios (localidade, linha, picada, município) <i>Unn wo senn die Behmer (orre Eesterreicher)? Wo honn die sich hauptsechlich niddergeloss?</i> / E onde se instalaram os imigrantes boêmios (ou austríacos)?
	Obs.: Construir mapa das variedades e grupos étnicos do entorno (durante conversas na comunidade)
3.	<i>Einschätzung der Familien böhmischer Herkunft</i> / Estimativa de famílias de origem boêmia
4.	<i>Kurze Geschichte des Ortes (Gründung, Migrationswellen, Geschichte, Erinnerungen usw.)</i> / Breve história da localidade (período de fundação, processos migratórios, histórico, memórias da imigração etc.)
5.	Como era antigamente (escola, família, a cidade, festividades...)?

	Clex03_046; ALMA_H Cfon_106)
	a) Krafong, b) Garfong, c) Garrafong, d) Garafunke (vgl. Willems 1980 [1946], p. 202) P: <i>garrafão?</i>
Clex04	WOHNHAUS / HABITAÇÃO
026	<i>Fenster</i> / <i>janela</i> (vgl. ALMA-H Clex04_055, Cfon_108.1; MRhSA, Bd. 3, Kt. 269/1-2 u. Bd. 4, Kt. 438/1-2, 7.4)
	a) Fenster, b) Fenschter, c) Fenschte, d) Finster, e) Finschter P: <i>janela</i>
030	<i>Streichholz</i> / <i>fósforo</i> (vgl. ALMA-H Clex04_062; ADDU, 151; ALERS, QSL 574, Kt. 338; ALiB, QFF 015; DWA, Bd. 3, S. 29; Eichhoff, 1978, Bd. 2, Kt. 75; ALMA-H Clex04_062)
	a) Fixfeier, b) Fosfeier, c) Fosfer, d) Fosfo, e) Feierzeich (?) HD: <i>Streichholz</i> P: <i>fósforo</i>
034	<i>Lampe</i> / <i>lâmpada elétrica</i> (vgl. ALMA-H Clex04_066; ALERS QSL 575; ALiB QFF 010; MRhSA 29.5)
	a) Lamp, b) Bico, c) Lüchten, d) Loompe P: <i>lâmpada</i>
Clex05	NATURPHÄNOMENE / FENÔMENOS NATURAIS
035	<i>umgezäunte Wiese in der Nähe des Hauses</i> / <i>potreiro, campina</i> (vgl. ALMA-H Clex05_068, Cgraml_40; MRhSA, 63.4: auch Pl; Eichhoff, 2000, Bd. 4, Kt. 4-75: <i>die Endung der Feminina auf -e: std. „Wiese“</i> ; MRhSA, 63.4: <i>Wiese</i> ; 169.6: <i>über den Mist</i>)
	a) Potreer, b) Putreer, c) Putrehe, d) der Past P: <i>potreiro</i> HD: <i>Wiese</i>
040	JAHRESZEITEN (allgemeine Frage) / ESTAÇÕES DO ANO (pergunta geral)
	a) Somme(r); b) Summe(r); c) Verão (vgl. MRhSA 161.1; ALMA-H CgramII_04)

042	<i>Herbst / outono</i> (vgl. ALMA-H Clex05_080)
	a) Erebst (Genus?), b) Nohsommer / Nohsummer
043	<i>Frühling / primavera</i> (vgl. ALMA-H Clex05_081; DWA, Bd. 16, Kt. 12)
	a) Frihling, b) Frehlich, c) Frihjohr, d) Primavera
Clex06	LANDWIRTSCHAFT / ATIVIDADES AGRÍCOLAS
046	<i>pflügen / lavar</i> (vgl. ALMA-H Clex06_087; ADDU, 436; ALERS, QSL 149, Kt. 109; DWA, Bd. 8, Kt. 5)
	a) zackre, zackern, b) flieche, c) plieche, d) pluhche, e) fuhrn, f) ackre P: a) arar, b) lavar
047	O que se faz depois de lavar? Plantar (pflanzen)
049	<i>„hacken“ = mit der Hacke Acker vom Unkraut freimachen / capinar</i> (vgl. ALMA-H Clex06_099; ADDU, 435; ALERS, QSL 146-144-145, Kt. 107)
	a) hacke, b) putze, c) rosse (?) P: a) capinar, b) carpir
Clex07	PFLANZEN / FLORA
051	<i>Kartoffel / batata-inglesa</i> (vgl. ALMA-H Clex07_102; ADDU, 498; DWA, Bd. 1 u. 11; Eichhoff, 1978, Bd. 2, Kt. 67: <i>der Kartoffelbrei</i> ; Eichhoff, 2000, Bd. 4, Kt. 4-45: <i>die Kartoffel</i>) <i>Womit macht man Püree? / O que se usa para fazer purê?</i>
	a) Katoffle, b) Batat (?), c) Grummbeere, d) Erdapfel P: a) batata, b) batata-inglesa E: a) papa, b) patata
055	<i>Gurke / pepino</i> (vgl. ALMA-H Clex07_108; DWA, Bd. 17, Kt. 2)
	a) Gurge, b) Gorge, c) Gummer
056	<i>„Bettelläuse“ = name eines bekannten Unkrauts / picão</i> (vgl. ALMA-H Clex07_112)
	a) Bettelleis, b) Bettleis, c) Pfaffenläuse, d) Klebläuse, e) Badelleuse P: <i>picão</i>

057	<i>Pfirsich</i> / pêssego (vgl. ALMA-H Clex07_121; frz. <i>la pêche</i> ; ADDU 495)
	a) Fiesich, b) Fesich ([+böhm.]?, [+schwäb.]?), c) Pesch (vgl. Albrech / Raasch 1987: 105 - saarld. <i>Pääsch</i>) HD: <i>Pfirsich</i> P: a) pêssego, b) pesco
Clex08	TIERE / FAUNA
061	<i>Fledermaus</i> / morcego (vgl. ALMA-H Clex08_124; ADDU, 538; DWA, Bd. 19, Kt. 3)
	a) Speckmaus [Hrs], b) Fledermaus, c) Floodermoise(-meusel) [Bo]? HD: <i>Fledermaus</i> ; P: <i>morcego</i>
067	<i>Huhn</i> / galinha (vgl. ALMA-H Clex08_144; DWA, Bd. 15, Kt. 8)
	a) Huhn, b) Hihn, c) Hinkel, d) Houn, Hihner (pl) P: <i>galinha</i> <i>Quando tem filhotes?</i>
069	<i>Pferd</i> / cavalo → altes Pferd / velho (vgl. ALMA-H Clex08_148; Eichhoff, 1978, Bd. 2, Kt. 99: <i>das Pferd</i>)
	a) Gaul (Bedeutung?), b) Matunge, c) Krack, d) ääne Kracke, e) a Gaul P: a) matungo, b) picaço, c) gueixa (égua) (vgl. ALERS QSL 192)
Clex09	VERWANDTSCHAFT UND FAMILIE / PARENTESCO E FAMÍLIA
073	<i>Vater</i> / pai (vgl. ALMA-H Clex09_164; ALGR, cap. B, III-15; MRhSA, 52.4)
	a) Vater, b) Papa, c) Pai, d) Paio, e) der Alt (?), f) Vodder
076	<i>Großmutter</i> / avó (vgl. ALMA-H Clex09_190)
	a) Wowwo, b) Wowwe, c) Großmudder / Großmodder
Clex12	QUANTITÄTEN, ZAHLEN, RELATIONEN / QUANTIDADES, NÚMEROS, RELAÇÕES
	ZAHLEN (allgemeine Frage) / NÚMEROS (pergunta geral)
104	<i>Könnnt Ihr bis zwölf zählen?</i> / Podiam contar até doze? (vgl. ALMA-H Clex05_076)

105	a) <i>zwei</i> , b) <i>zweu</i> , c) <i>zwee</i> (vgl. WS 33; ALMA-H Cgraml_033)
106	a) <i>finf</i> , b) <i>fimf</i> , c) <i>fennef</i> (vgl. WS 37; ALMA-H Cgraml_037)
107	a) <i>siebn</i> , b) <i>siewe</i> , c) <i>siwwe</i> (vgl. ALMA-H CgramII_016)
108	a) <i>neun</i> , b) <i>nein</i> (schon mo geheat?) (vgl. WS 37; ALMA-H Cgraml_037)
Clex13	VERKEHR UND KOMMUNIKATION / TRANSPORTE E COMUNICAÇÃO
118	<i>Fahrrad</i> / bicicleta (vgl. ALMA-H Clex13_257; ALiB, QFF 071: <i>bicicleta</i>)
	a) <i>Zweirad</i> , b) <i>Zweurood</i> , c) <i>Zweurad</i> , d) <i>Bissiklätt</i> , e) <i>Rad</i> , f) <i>Zwäärood</i> HD: <i>Fahrrad</i>
Clex14	ARBEIT, HANDEL / TRABALHO, COMÉRCIO
125	<i>geizig</i> / pessoa que tem muito dinheiro e não gosta de gastar (ALMA-H Clex14_263; ADDU, 220; ALERS, QSL 393, Kt. 249; ALiB, QSL 138)
	a) <i>knicksich</i> , b) <i>gaunrich</i> , <i>gauner</i> , c) <i>pão-duro</i> , d) <i>hunrisch/hungrisch</i> , e) <i>knauserich</i> P: a) <i>sovina</i> , b) <i>pão-duro</i> , c) <i>mão-fechada</i> , d) <i>avarento</i>
126	<i>Geld leihen</i> / pedir dinheiro emprestado (ALMA-H Clex14_265; DWA, Bd. 19, Kt. 7)
	a) <i>leihe</i> , b) <i>lehne</i> (<i>Bedeutung?</i>), c) <i>booriche</i> , d) <i>empresteere</i> , e) <i>emprestiere</i> , f) <i>Gald borigen</i> P: a) <i>emprestar</i> , b) <i>pedir emprestado</i>
Clex15	RELIGION / RELIGIÃO
133	<i>Friedhof</i> / cemitério (ALMA-H Clex15_282; ADDU, 259; ALERS, QSL 476, Kt 286 u. 287)
	a) <i>Friedhof</i> , b) <i>Kerichuff</i> , c) <i>Käjuff</i> , d) <i>Kiärkhoff</i> e) <i>Gotesacker</i> P: a) <i>cemitério</i> , b) <i>campo-santo</i>

PARTE Cfon: FONÉTICA / PHONETIK

Cfon	KAPITEL 2: FONÉTICA / PHONETIK <i>Technik der Abfragung: Übersetzung aus dem Portugiesischen ins Dialekt / Técnica de pergunta: tradução do português para o dialeto.</i> Anm.: Nummer der Frage wie beim ALMA-H, ohne die gestrichenen Fragen / Obs.: Número da pergunta igual ao do ALMA-H, sem as perguntas eliminadas
002	<i>Hahn</i> / galo (vgl. DWA, Bd. 15, Kt. 7; MRhSA, 87.3: auch Pl.)
008	<i>Saal</i> / salão
017	<i>Weg</i> / caminho
037	<i>Hefe</i> / fermento (vgl. MRhSA, Bd. 3, Kt. 232 u. Bd. 4, Kt. 397, 230.2; Eichhoff, 2000, Bd. 4, Kt. 4-27) a) Hef, b) Heb
043	<i>Nebel</i> / nevoeiro, neblina (vgl. ALERS, QSL 059 u. 062, Kt.(lex.) 032 u. 034; ALiB, QSL 021; DWA, Bd. 1/2, S. 29; MRhSA, 109.4) P: a) nevoeiro, b) cerração, c) neblina
046	<i>kalt</i> / frio (vgl. MRhSA, Bd. 4, Kt. 455/1-2, 108.2)
056	<i>hoch</i> / alto (vgl. MRhSA, Bd. 4, Kt. 410, 2.4: <i>hoch</i> ; Bd. 4, Kt. 422/1-2, 2.4: <u><i>hoch</i></u> ; Bd. 5, Kt. 585/1-2, 2.4/3.3: <i>hoch/höher</i>)
066	<i>Straße</i> / rua (vgl. MRhSA, 210.3) a) Straß, b) Stroß, c) Strooß
082	<i>ein Geschenk <u>kriegen</u></i> / receber um presente a) krieche, b) kriehe, c) kriehn
105	<i>Schule</i> / uma escola (vgl. MRhSA, Bd. 1, Kt. 50/1-2, 171.1)

PARTE C – GRAMÁTICA

CgramI – WENKER-SÄTZE / FRASES DE WENKER

Qual é a técnica? Perguntar em Hdt e pedir resposta em Böhmisch/Hunsrückisch.

	KAPITEL 3: GRAMMATIK / GRAMÁTICA
CgramI	WENKER-SÄTZE / FRASES DE WENKER <i>Zum germanistischen Vergleich mit den Heimatdialekten /</i> Para fins de comparação germanística com os dialetos de origem
06	Hdt: Das Feuer war zu heiß, die Kuchen sind ja unten ganz schwarz gebrannt. Pt: O fogo estava quente demais, os bolos/cucas ficaram pretos e queimados por baixo.
	<u>Das</u> a) <i>Das</i> , b) <i>Dat</i>
	<u>Feuer</u> (vgl. MRhSA, Bd. 2, Kt. 106/1-2, 11.4) a) <i>Feuer</i> , b) <i>Feier</i>
	<u>war</u> a) <i>waa</i> , b) <i>woo</i>
	zu heiß,
	die <u>Kuchen</u> (vgl. MRhSA, 241.2; Eichhoff, 1978, Bd. 2, Kt. 56: <i>die</i>) a) <i>Kuuche</i> , b) <i>Kuche</i> , c) <i>Bolo</i> (?) P: a) <i>cuca</i> , b) <i>bolo</i> (?)
	<u>sind</u> (vgl. MRhSA, Bd. 5, Kt. 495/1-2, 12.3: <i>sind</i> [3. Pl. Ind. Präs.]; Eichhoff, 2000, Bd. 4, Kt. 4-65: <i>std. „[wir] sind“</i>) a) <i>sinn</i> , b) <i>senn</i>
	ja <u>unten</u>

	a) unne, b) junne, c) unne drunner
	ganz schwarz (vgl. MRhSA, 5.3) a) schwatz, b) schwotz
	gebrannt. a) vebrannt, b) vebrennt, c) vabrennt, d) vubrennt, e) gebrennt
07	Hdt: Er ißt die Eier immer ohne Salz und Pfeffer. Pt: Ele sempre come os ovos sem sal e sem pimenta.
	Er ißt (vgl. MRhSA, Bd. 3, Kt. 183/1-2, 213.2: <i>ißt</i> ; Bd. 5, Kt. 589/1-2, 76.1: <i>er</i> [3. Sg. Nom.]) a) isst, b) esst
	die Eier (vgl. MRhSA, 213.4; Bd. 1., Kt. 52/1-2, 213.3: <i>Ei</i>) a) Eier, b) Euer
	immer ohne Salz (vgl. MRhSA, Bd. 2, Kt. 176 u. Bd. 3, Kt. 303, 29.4; 213.5: <i>ohne Salz und</i> ; Bd. 4, Kt. 402, 213.5: <i>Salz</i> ; Eichhoff, 1993, Bd. 3, Kt. 3-62: <i>die Verbreitung von als ‚immer‘</i> ; Eichhoff, 2000, Bd. 4, Kt. 4-59: <i>l-Vokalisierung: std. „Salz“</i>) a) ohne, b) uhne
	und Pfeffer. (vgl. MRhSA, Bd. 3, Kt. 265/1-2, 213.6) a) Peffer, b) Pewwer, c) Pfaffar
08	Hdt: <i>Die Füße tun mir iwer sehr weh, ich glaube, ich habe sie mir durchgelaufen.</i> Pt: <i>Os pés me doem muito, eu acho que os machuquei/abri de tanto caminhar.</i>
	Die Füße (vgl. MRhSA, Bd. 1, Kt. 30/1-2, 152.11: <i>Füße</i>) a) tun, b) ton
	tun (vgl. MRhSA, Bd. 1, Kt. 48, 225.1: <i>tun</i> [1.P.Pl.]) a) tun, b) ton

	mir (vgl. MRhSA, 221.5: <i>gib mir davon</i>) a) mier, b) mea, c) mich
	sehr (vgl. Eichhoff, 1993, Bd. 3, Kt. 3-55: <i>sehr/arg</i>) a) sehr, b) iwwer, c) mächtig, d) aarich, dd) oorich, e) schrecklich, f) barbaridoode
	weh, (vgl. MRhSA, Bd. 2, Kt. 133/1-2 u. 138 [Tonakzente], 157.3: <i>weh</i>) a) weh, b) wieh
	ich glaube, (vgl. MRhSA, Bd. 1, Kt. 1, 190.2: <i>glauben wir nicht</i> ; Eichhoff, 2000, Bd. 4, Kt. 4-62: <i>std. „ich“</i>) a) glaub, b) glob
	ich habe sie (vgl. Eichhoff, 2000, Bd. 4, Kt. 4-62: <i>std. „ich“</i>) a) hab, b) hann, c) honn
	mir (vgl. MRhSA, 221.5: <i>gib mir davon</i>) a) mir, b) mea, c) mich
	durchgelaufen. (vgl. MRhSA, 109.3: <i>Durch den Nebel</i> ; Eichhoff, 1993, Bd. 3, Kt. 3-12: <i>laufen</i> ; Eichhoff, 2000, Bd. 4, Kt. 4-72: <i>die Endung des Part. Perf. Starker Verben: std. „gefallen“</i>) a) duichgelaaf, b) dorrichgeloof, c) doichgloof, d) derrichgeloof, e) däichgeloof
11	Hdt: <i>Ich schlage dich gleich mit dem Kochlöffel um die Ohren, du Affe!</i> Pt: <i>Eu te bato logo com a colher nas orelhas, seu macaco.</i>
	Ich schlage dich (vgl. MRhSA, Bd. 2, Kt. 175/1-2, 64.5: <i>schlagen</i> ; (vgl. MRhSA, Bd. 4, Kt. 350/1-2, 191.1: <i>ich</i> ; Eichhoff, 2000, Bd. 4, Kt. 4-62: <i>std. „ich“</i>) a) schlaache, b) schlahn, c) schloohn

	gleich mit dem Kochlöffel (vgl. MRhSA, 42.1; Bd. 2, Kt. 98/1-2, 112.2: <i>gleich</i>) a) Leffel, b) Lewwel
	um die Ohren, (vgl. MRhSA, Bd. 2, Kt. 152, 176.1) a) Ohre, b) Uhre
	du Affe. (vgl. MRhSA, 179.3)
37	Hdt: <i>Die Bauern hatten fünf Ochsen und neun Kühe und zwölf Schäfchen vor das Tor gebracht, die wollten sie im Dorf verkaufen.</i> Pt: Os colonos trouxeram cinco bois e nove vacas e doze ovelhinhas para a entrada da aldeia/lugar, eles queriam vendê-los / vender eles.
	Die Bauern (vgl. MRhSA, Bd. 2, Kt. 119, 49.1) a) Baure, b) Bauereleit, c) Bauerschleit, d) Koloniste
	hatten a) hatte, b) harre, c) hotte, d) horre
	fünf (vgl. MRhSA, Bd. 3, Kt. 204, Bd. 3, Kt. 310 u. Bd. 5, Kt. 631, 141.2: <i>fünf</i>) a) fimf, b) fennef
	Ochsen (vgl. MRhSA, Bd. 3, Kt. 253/1-2 u. Bd. 4, Kt. 417/1-2, 68.1: <i>Ochse</i>)
	und neun (vgl. MRhSA, Bd. 2, Kt. 114/1-2, Bd. 4, Kt. 452/1-2 u. 633/1-2, 173.2: <i>neun</i>) a) neun, b) nein
	Kühe (vgl. MRhSA, 71.2: <i>Kühe</i>)
	und zwölf a) zwelf; b) zwelff, c) zwellef

	<p><u>Schäfchen</u> (vgl. MRhSA, Bd. 5, Kt. 643/1-2: <i>Gläschen</i> [Nom. Sg.] u. Kt. 644/1-2: <i>Gläschen</i> [Akk. Pl.], 54.2/53.3; → Bd. 5, Kt. 648/1-2: <i>Stückchen</i> [Nom. Sg.] u. Kt. 649: <i>Stückchen</i> [Akk. Pl.]; → Bd. 3, Kt. 305: <i>Stühlchen</i>; Bd. 5, Kt. 646: <i>Stühlchen</i> [Nom. Sg.], Kt. 647: <i>Stühlchen</i> [Nom. Pl.]; → Bd. 5, Kt. 651/1-2: <i>Mädchen</i> [Nom. Sg.] a) Schefche; b) Schefcher, c) Schefjer</p>
	<p>vor <u>das</u> Tor (vgl. MRhSA, Bd. 3, Kt. 284/1-2, 4.1: <i>das</i>) a) das; b) dat</p>
	<p><u>gebracht,</u> (vgl. MRhSA, Bd. 2, Kt. 171/1-2 u. Bd. 5, Kt. 501/1-2 u. Bd. 5, Kt. 543/1-2, 53.4: <i>gebracht</i>) a) gebracht; b) gebroocht, c) gebrung</p>
	<p>die wollten sie</p>
	<p>im <u>Dorf</u> (vgl. ADDU, 122; MRhSA, 1.1) a) Dorf; b) Dorref, c) Platz (Genus?), d) Städtche, e) Ville, e) Pikad / Pikood P: a) povoado, b) vila, c) vilarejo, d) lugar, e) lugarejo E: a) pueblo, b) caseío, c) villa</p>
	<p><u>verkaufen.</u> (vgl. MRhSA, 203.2: <i>kaufen</i>) a) vekaufe; b) vekoofe c) verkaife</p>

CgramII – MORPHOSYNTAX / MORFOSSINTAXE

CgramII	MORPHOSYNTAX: KOMPLEMENTÄR-SÄTZE ZUM VERGLEICH DER GRAMMATIK / MORFOSSINTAXE: FRASES COMPLEMENTARES PARA COMPARAÇÃO DA GRAMÁTICA <i>Methode der Abfragung: Übersetzung aus dem Portugiesischen ins Böhmisches oder Hunsrückisch / Método de pergunta: <u>tradução do português para o Boêmio ou hunsriqueano.</u></i>
01	Pt: <i>Trabalhamos de manhã até a noite para pagar nossas dívidas.</i> Hdt: Wir arbeiten von morgens bis abends, um unsere Schulden zu bezahlen.
	Wir arbeiten (Eichhoff, 1977, Bd. 1, Kt. 11: <i>arbeiten</i> ; Eichhoff, 1978, Bd. 2, Kt. 120: <i>die Verbreitung von mir als Pronomen der 1. Person Plural</i> ; Eichhoff, 1993, Bd. 3, Kt. 3-49: <i>schwer arbeiten</i>) a) arweite, b) orwette, c) schaffe
	von <u>morgens</u> a) morgens, b) morchents, c) moints
	bis <u>abends</u>, a) amds, b) owends, c) omends, d) omds
	<u>um unsere Schulden</u> (vgl. MRhSA, Bd. 4, Kt. 408, 2.1: <i>unser</i> ; Bd. 5, Kt. 603/1-2, 2.1: <i>unser</i> [1. Pl. Nom. M.]) a) fo unsre, b) fo use
	zu <u>bezahlen</u>. a) bezahle, b) bezoohle
07	Pt: <i>Ainda está chovendo. É melhor levar um guarda-chuva.</i> Hdt: Es regnet immer noch. Am besten nimmst du einen Regenschirm mit.
	Es <u>regnet</u> immer noch. (vgl. MRhSA, Bd. 3, Kt. 264/1-2, 110.3: <i>Regen</i> ; Bd. 4, Kt. 335/1-2, 194.1: <i>es</i>) a) rechent, b) rehnt, c) am Reechne, d) am Rehne, e) om Reechne, f) om Rehne

	Am besten (vgl. MRhSA, 91.3: <i>Das beste</i>) a) <i>De best</i> , b) <i>De bescht</i>
	nimmst du a) <i>nimmst'de</i> , b) <i>nemms'de</i> , c) <i>hollst'de</i> , d) <i>hälst'de</i>
	einen Regenschirm mit. (vgl. MRhSA, 113.2) a) <i>Schirrem</i> , b) <i>Reehnscherrem</i> , c) <i>Scherrem</i>
08	Pt: <i>Durante a Segunda Guerra Mundial não se podia falar alemão, porque era proibido.</i> Hdt: Während des Zweiten Weltkrieges durfte man kein Deutsch sprechen, weil es verboten war.
	Während des a) <i>in de Zeit vom</i> , b) <i>im</i> HD: <i>während</i>
	Zweiten Weltkrieges (vgl. MRhSA, Bd. 1, Kt. 54/1-2, 17.4: <i>der zweite</i>) a) <i>zweite</i> , b) <i>zwette</i> , c) <i>zweute</i>
	durfte man a) <i>dorreft</i> , b) <i>dooft</i> , c) <i>thorreft</i> , d) <i>thooft</i> , e) <i>konnt</i>
	kein a) <i>kein</i> , b) <i>kee</i> , c) <i>net</i>
	Deutsch sprechen, (vgl. Eichhoff, 1993, Bd. 3, Kt. 3-7: <i>sprechen</i>) a) <i>Deutsch</i> , b) <i>Teutsch</i> , c) <i>Deitsch</i>
	weil es a) <i>weil</i> , b) <i>well</i> , c) <i>wall</i>
	verboten war. a) <i>vebot</i> , b) <i>vebott</i>

09	Pt: <i>O que tu estás fazendo aí na árvore? Ligeiro aqui pra baixo!</i> Hdt: Was machst du da auf dem Baum? Schnell da runter!
	Was (vgl. MRhSA, Bd. 4, Kt. 336/1-2 u. 471/1-2, 186.1: was) a) was, b) wat
	<u>machst du</u> (vgl. MRhSA, 33.1: Was machst du...?) a) machst, b) machscht, c) michst
	<u>da auf dem</u> a) uff dem, b) uff'em, c) uff de
	<u>Baum?</u> (vgl. MRhSA, Bd. 1, Kt. 86/1-2, 62.3) a) Baum, b) Boom
	Schnell (vgl. Eichhoff, 1993, Bd. 3, Kt. 3-41: schnell) a) runner, b) nunner
	<u>da runter!</u> (vgl. MRhSA, Bd. 5, Kt. 678: heraus, Kt. 679: hinaus, Kt. 680: herein, Kt. 681/1-2: hinein, Kt. 682/1-2: hin(ein), Kt. 683: hin-/her-; 178.2: hinauf; 218.7: herauf) a) runner, b) nunner
13	Pt: <i>Os vizinhos ficaram doentes.</i> Hdt: Die Nachbarn sind krank geworden.
	<u>Die Nachbarn</u> (vgl. ADDU, 124; MRhSA, Bd. 2, Kt. 170/1-2, Bd. 3, Kt 308/1-2: Nachbar u. Kt. 425/1-2, 145.1) a) Nochbarn, b) Nochbre, c) Nochasch, d) Nochaschleit, e) Vizinhe, f) Vizinhos
	sind krank (vgl. MRhSA, Bd. 5, Kt. 509, 145.3: [sind krank] geworden [Part. Perf.]; Eichhoff, 2000, Bd. 4, Kt. 4-65: std. „[wir] sind“)

	<p>geworden. (vgl. MRhSA, Bd. 5, Kt. 509, 145.3: <i>[sind krank] geworden</i> [Part. Perf.]; s. Dleit-dt) a) gewoo, b) gebb</p>
14	<p>Pt: <i>Teu pai gosta de ler o jornal. Tu "prefere" ler livros.</i> Hdt: Dein Vater liest gern die Zeitung. Du liest lieber Bücher.</p>
	Dein Vater
	<p>liest (vgl. MRhSA, 160.8: <i>Er liest</i>) a) liest, b) lest, c) last</p>
	<p>gern (vgl. MRhSA, 7.2) a) genn, b) gea, c) gere</p>
	<p>die Zeitung. (vgl. MRhSA, 160.6: <i>Zeitung</i> → Bd. 2, Kt. 91: <i>bleib</i>) P: <i>jornal</i></p>
	<p>Du liest a) liest, b) lest, c) lescht</p>
	<p>lieber (vgl. MRhSA, Bd. 1, Kt. 17: <i>lieb</i>) a) liewer, b) genner</p>
	<p>Bücher. (vgl. MRhSA, 211.1) a) Bicher, b) Biecher</p>

EXTRAS: Perguntas/Fragen

- 1) Como se diz “**atrás**” na língua de vocês? (hinn-?).
- 2) O **segundo homem é bonito**.
- 3) Não alimenta o **ganso**.
- 4) Daqui se **ouve** o sino.
- 5) A **maçã** caiu **embaixo** da **árvore**.
- 6) O **vestido** da **mulher** é bonito.
- 7) Minha **casa** é **amarela**.
- 8) Meu **irmão** tem 5 **bois**. (Bruoder? – Uksen?)
- 9) A **moça/menina** é feia. (Madl?)
- 10) Eu **ganhei** um **pequeno** pedaço de **pão**. (krien? – kläine? – brut/bruot?)

PARTE D LEKTÜREN / LEITURAS Dleit-dt - Lukas 14, 15 (auf Hochdeutsch)

Vom verlorenen Sohn

Und er sprach: Ein Mensch hatte zwei Söhne. Und der jüngere von ihnen sprach zu dem Vater: Gib mir, Vater, das Erbteil, das mir zusteht. Und er teilte Hab und Gut unter sie. Und nicht lange danach sammelte der jüngere Sohn alles zusammen und zog in ein fernes Land; und dort brachte er sein Erbteil durch mit Prassen. Als er nun all das Seine verbraucht hatte, kam eine große Hungersnot über jenes Land, und er fing an zu darben und ging hin und hängte sich an einen Bürger jenes Landes; der schickte ihn auf seinen Acker, die Säue zu hüten. Und er beehrte, seinen Bauch zu füllen mit den Schoten, die die Säue fraßen; und niemand gab sie ihm. Da ging er in sich und sprach: Wie viele Tagelöhner hat mein Vater, die Brot in Fülle haben, und ich verderbe hier im Hunger! Ich will mich aufmachen und zu meinem Vater gehen und zu ihm sagen: Vater, ich habe gesündigt gegen den Himmel und vor dir. Ich bin hinfort nicht mehr wert, daß ich dein Sohn heiße; mache mich zu einem deiner Tagelöhner[...]!